

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA GERAL E ROMÂNICA



**GÊNEROS DISCURSIVOS E ATOS DE FALA NO *FACEBOOK*:
UMA ANÁLISE DE *POSTS* E MEMES RELACIONADOS ÀS
ELEIÇÕES PARA A PRESIDÊNCIA DO BRASIL EM 2014**

Camila Belizário Ribeiro

Mestrado em Linguística

2015

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



**GÊNEROS DISCURSIVOS E ATOS DE FALA NO *FACEBOOK*:
UMA ANÁLISE DE *POSTS* E MEMES RELACIONADOS ÀS
ELEIÇÕES PARA A PRESIDÊNCIA DO BRASIL EM 2014**

Camila Belizário Ribeiro

Tese orientada pela Prof.^a Doutora Maria Clotilde Almeida, especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre em Linguística.

ÍNDICE

Agradecimentos	I
Resumo	II
Abstract	III
Introdução	8
Capítulo 1	10
Pressupostos Teóricos: língua e sociedade.....	10
Capítulo 2.....	14
Análise do Discurso (AD) e Pragmática Linguística	14
Capítulo 3	24
A Teoria dos atos de Fala.....	24
3.1) Conceitos gerais	24
3.2) Taxonomia dos Atos Ilocutórios.....	31
3.3) Atos Ilocutórios Indiretos.....	33
3.4) Outros Aspectos Linguísticos Relacionados aos Atos de Fala: Referenciação, Intertextualidade, Metáfora e Literalidade.....	35
Capítulo 4	41
Texto, Discurso, Tipos, Gêneros e Estilos Textuais	41
4.1) Texto e Discurso	41
4.2) Tipos e Gêneros Textuais	44
4.3) Estilo.....	48
Capítulo 5	51
O Discurso Digital (DD).....	51
5.1) Discurso Digital: questões socio-pragmáticas.....	52
5.2) Redes Sociais	53
5.3) Caracterização Linguística da Comunicação Mediada por Computador (CMC)	56
5.4) O Discurso Digital (DD) e o SMS (Short Message Service)	60
5.5) Estudos sobre o Português Europeu na Comunicação Digital	62
5.6) Atos de Fala em Discurso Digital: outras considerações.....	65
Capítulo 6	67

O Facebook como mídia de massa: questões pragmáticas, sociais e ideológicas	67
6.1) Considerações Pragmáticas	67
6.2) Considerações sociais e ideológicas.....	71
Capítulo 7	76
Facebook e multimodalidade: gêneros digitais	76
7.1) Multimodalidade no Facebook	77
7.2) Gêneros digitais: conceitos gerais.....	79
7.3) Gêneros digitais no Facebook: <i>posts</i> e <i>memes</i>	82
7.4) <i>Posts</i>	83
7.5) <i>Memes</i>	85
Capítulo 8	89
Metodologia	89
8.1) Justificativa da recolha do <i>corpora</i> online	91
8.2) A instituição e os sujeitos.....	92
8.3) Os objetos: <i>posts</i> e <i>memes</i> políticos no Facebook	94
8.4) Os objetivos.....	96
Capítulo 9	98
Análise dos Dados	98
9.1) Gêneros Discursivos e Atos de Fala.....	98
9.2) Estratégias Discursivas	109
9.2.1) <i>Posts</i> Próprios	109
9.2.2) <i>Memes</i>	116
Conclusão	124
Referências Bibliográficas	128

AGRADECIMENTOS

Concluo com este trabalho o Mestrado e uma etapa muito importante da minha vida. Me afastei por dois anos do trabalho, da família, dos amigos, enfim, do Brasil, para mergulhar em outra cultura e ganhar novos aprendizados acadêmicos e pessoais. Como professora de Língua Inglesa e Portuguesa, escolhi Portugal por ser o país de minhas origens históricas e linguísticas. Nessa caminhada, fiz novos amigos, aprendi ainda mais acerca da cultura portuguesa e hoje Lisboa é meu segundo lar. As pessoas aqui citadas fizeram parte desta jornada e serão lembradas por toda a minha vida com grande afeto, respeito e admiração:

à minha orientadora Profa. Dra. Maria Clotilde Almeida, por ter me acolhido, sempre de maneira atenciosa e com palavras francas e motivadoras;

aos meus pais, que sempre deram o melhor de si para que eu pudesse estudar e escolher meus próprios caminhos;

aos meus professores das minhas duas Licenciaturas em Letras cursadas no Brasil, a partir das quais nasceu meu amor pela Linguística, Literatura e Educação;

a Priscila Ramos, amiga-irmã de longa data, que apoiou minha vinda a Lisboa e me recebeu com carinho;

aos meus amigos brasileiros, que mesmo longe estiveram presentes na minha vida acadêmica e pessoal: Karina Bersan, Dayna Suzelli, Cleusa Maria, Marcus Araújo, Rita de Cássia, Carlos Eduardo, Fernanda Marquardt, Danuza Fonseca, Adelaide Ferreira.

aos amigos que fiz em Lisboa, meu suporte ao longo destes dois anos: William Junior, Daniela Barbosa, Andrio Robert, Hed Cerqueira, Marjory Proença, Alexandro Camargo, Francesca Judges, Eleonora Scarpa, Ana Monteiro, Guilherme Ribeiro.

a todos os amigos do Instituto Federal do Espírito Santo, que me apoiaram e contribuíram para que eu pudesse me afastar do trabalho para viver esta experiência acadêmica e de vida;

a todos os amigos e professores, portugueses e estrangeiros, que fizeram parte da minha pequena trajetória aqui.

A todos, meu profundo reconhecimento, admiração e gratidão.

RESUMO

A presente dissertação visa classificar e analisar, do ponto de vista pragmático, os atos de fala postados na internet em Português Brasileiro (PB) acerca das eleições de 2014 para presidente do Brasil. Para tanto, traçamos uma metodologia em duas etapas: na primeira, quantitativa, coletamos *posts* na maior rede social da atualidade, o *Facebook*, e os classificamos de acordo com os gêneros discursivos mais utilizados; na segunda, qualitativa, analisamos os atos de fala presentes nos gêneros de maior ocorrência, considerando aspectos pragmáticos como figuras de linguagem, intertextualidade etc, além de traços aparentes do Discurso Digital.

Ao definir o *corpus*, limitamo-nos às postagens de 30 professores do Instituto Federal do Espírito Santo, Brasil, por ser este o Estado e o local de trabalho da mestrandia. Consideramos a hipótese de trabalho com estes sujeitos por serem, em sua maioria, profissionais com grande potencial crítico. Coletamos 835 *posts* do período compreendido entre setembro e outubro de 2014, considerando o período das eleições presidenciais - primeiro turno em 05 de outubro e segundo turno em 26 de outubro de 2014.

Em suma, visamos analisar nos textos selecionados, de forma quantitativa e qualitativa, aspectos pragmáticos ligados às teorias de Gêneros Discursivos, Atos de Fala e Discurso Digital, tendo em vista os efeitos perlocutórios quase imediatos no interlocutor. Uma vez que a rede social *Facebook* consiste hoje em uma das maiores mídias formadoras de opinião no Brasil, a pesquisa faz-se pertinente pela contribuição à análise crítica dos conteúdos veiculados pelo seu vasto grupo de usuários.

Palavras-chave: Facebook, discurso digital, gêneros discursivos, atos de fala, *posts*, memes.

ABSTRACT

The following paper aims at classifying and analysing, from a pragmatic point of view, the speech acts about the Brazilian presidential election in 2014. For that purpose, we traced a methodology in two stages: in the first one, quantitative, we collected posts on the biggest social network nowadays, Facebook, and classified them according to the discourse genres more commonly used by the subjects. Then, we analysed the speech acts presented in these genres, considering pragmatic aspects such as figures of speech, intertextuality etc, besides apparent traces of the Digital Discourse.

When defining our *corpus*, we limited ourselves to the posts of 30 teachers and professors from *Instituto Federal do Espírito Santo*, Brazil, since this is the researcher's state and work place. We considered working with these subjects since most of them are professionals with a big critical potential. We collected 835 posts, from the period between September and October 2014, considering the Brazilian presidential elections – first round on October 5 and second round on October 26.

Briefly, we intend to analyse in the selected texts, in a quantitative and qualitative way, pragmatic aspects related to the theories of Discourse Genres, Speech Acts and Digital Discourse, by having in mind the perlocutionary effects, quite immediate on the listener/reader. Due to the fact that Facebook nowadays consists on one of the biggest medias which influences people's opinions, the research is pertinent because of its contribution to the critical analysis of the contents spread by its huge number of users.

Key words: Facebook, digital discourse, discourse genres, speech acts, posts, memes.

Introdução

It certainly seems that everyone and everything is nowadays positioned in relation to social media. We are everywhere incited to use them, to discuss them, and to reconceive our lives around them. (THURLOW, 2013, p. 226)

As mídias sociais, hoje, desempenham um papel fundamental e crucial em nosso cotidiano. Todos os dias lemos e-mails, recebemos e enviamos SMS, falamos com amigos e familiares pelo *What'sApp*, lemos artigos de *blogs* e sites, passamos horas no Facebook; além de outros inúmeros aplicativos. É inegável que estas 'novas' mídias, em constante modificação, têm alterado nossa forma de interação com o mundo, nossos modelos de relação interpessoal, posicionamentos políticos, acesso à informação. Por isso, muito tem se debatido em torno das mídias eletrônicas, esse emaranhado de informações que nos 'bombardeiam' todos os dias.

Obviamente, todas as questões sociais e ideológicas são veiculadas *através da língua*, em suas diversas manifestações. Textos orais, escritos, mídias impressas e digitais, todos carregam uma ideologia, implícita ou explicitamente, pois não existe imparcialidade no discurso. Portanto, o estudo sociolinguístico consiste em mais uma ferramenta para a compreensão e discussão de fenômenos sócio-ideológicos. A partir dos discursos cotidianos espontâneos ou 'ensaiados', percebemos nossa relação com o mundo e com as realidades sociais. Estamos numa constante interrelação dinâmica indivíduo *versus* mundo, o que resulta na constante atualização das nossas percepções sobre a realidade.

Nossa vida consiste em um diálogo constante com o ambiente no qual nos inserimos, e este diálogo se estabelece através da função psíquica da percepção, que condiciona nossa realidade física e humana. Assim, o entorno do ser humano, tanto como indivíduo quanto em sua coletividade, adquire forma através de percepções, internas e externas, que nos levam a interpretar a realidade de maneira particular. (MORENO FERNÁNDEZ, 2012, p. 25)

Atualmente, a Sociolinguística busca conciliar fatores como processamento psicolinguístico, interação comunicativa, organização social, conduta individual, de modo que as noções de cognição, enunciação, interação e socialização estejam interligadas. A partir desta abordagem,

nas trocas comunicativas, entendemos que o individual se projeta no social e que a cognição se modela por ação da comunicação linguística contextualizada e intersubjetiva.¹

Assim, a posição adotada para este trabalho é socioconstrucionista, envolvendo dinâmicas discursivas e identidades sociais. Tal visão é fundamentada no postulado da dinâmica e fluidez discursivas, inerentes às redes sociais, uma interminável relação dialógica diante dos discursos, reconhecendo as ideologias intrínsecas a eles. Devido ao fato de as dinâmicas discursivas estarem ligadas a contextos situacionais específicos é impossível submetê-las à uma abordagem teórica restrita e única, pois estão envolvidos fatores pragmáticos e sociais associados ao exercício dinâmico das redes sociais.²

Tendo em vista estas noções gerais, abordamos o tema proposto para análise como se segue: primeiramente, nossa fundamentação teórica baseia-se em abordagens acerca da relação entre a língua e a sociedade – como esta relação é constituída – e como a Pragmática Linguística e a Análise do Discurso inserem-se neste panorama de análise de textos em meio digital. Então, partimos para a Teoria dos Atos de Fala, ressaltando seus pontos mais básicos, os quais nos serviram de base para o estudo do discurso veiculado nos *posts* selecionados. Uma vez que um dos nossos objetivos consiste em classificar os gêneros discursivos que mais se destacaram no *corpus*, fez-se relevante citar as abordagens principais acerca das definições de texto, discurso, tipos, gêneros e estilos textuais.

Em seguida, discutimos o Discurso Digital e questões ao seu entorno, claramente por se tratar do estudo de um *corpus* digital. O Facebook, por ser a rede social mais popular mundialmente na atualidade, tem sido tema de debates e estudos, devido à sua grande influência no comportamento dos usuários, suas formas de interação e novas perspectivas da(s) realidade(s) discursiva(s). Implícita ou explicitamente, ele carrega ideologias, dialogicamente, e torna-se ‘palco’ de debates e disseminação de valores e ideias. Os memes e *posts* coletados para análise, como veremos, de forma criativa e utilizando-se de estratégias discursivas e textuais, dão margem a discussões interessantes e muitas vezes polêmicas, por seus conteúdos provocativos e politizados.

¹ MORENO FERNÁNDEZ, 2012.

² PINHEIRO, 2007.

Capítulo 1

Pressupostos Teóricos: língua e sociedade

De acordo com Moreno Fernández (2012), toda realidade consiste em uma construção elaborada através da língua. Ou seja, tudo o que concebemos como ‘real’ – nossos valores de verdade, concepções, crenças etc - é condicionado à nossa cultura, às nossas interações sociais e linguísticas. O autor enfatiza que “la producción y la interpretación de los mensajes lingüísticos están determinadas por factores culturales, sociales y contextuales. (MORENO FERNÁNDEZ, 2012, p. 77) De acordo com este autor, a nossa visão de mundo e nossos discursos não passam de interpretações da nossa realidade sociolinguística; portanto, construções socio-históricas e culturais:

El estudio de las manifestaciones más complejas de la lengua – actos de habla, discursos, conversación – se integra perfectamente en la órbita de la sociolingüística cognitiva. [...] todo aquello que los discursos reflejan – la visión del mundo, la cultura, los entramados sociales – responde a interpretaciones cognitivistas de la realidad sociolingüística [o discurso responde] a procesos de elección o selección por parte del hablante, de ser objeto e instrumento de acomodación comunicativa en la interacción y de experimentar procesos de variación lingüística. (MORENO FERNÁNDEZ, 2012, p. 71)

Entretanto, Labov (*apud* MORENO FERNÁNDEZ, 2012, p. 45) destaca que existem diferenças entre o que é social e o que é cultural. Para ele, a noção de ‘social’ é mais ampla e está relacionada à sociedade como um todo, enquanto o ‘cultural’ é mais específico, ou seja, remete-nos às relações em comunidades e às interações verbais no ato da conversação.

Dessa forma, a língua em uso reveste-se de um cariz interacional e discursivo, ou seja, o sentido do enunciado é determinado pelo contexto social de uso; assim, a significação varia de acordo com o contexto interacional. Em outras palavras, a língua se concretiza pelas enunciações e estas constroem as subjetividades plasmadas no discurso.

Um conceito que nos ajuda a compreender melhor como se dá esta relação entre língua e sociedade é o *dialogismo*, defendido por Bakhtin. Considerando a relação de construção mútua entre sujeito e realidade – um (re)constrói o outro a partir das interações linguísticas – o autor (2003, p. 313) postula que “o enunciado em sua plenitude é formado como tal pelos elementos extralingüísticos (dialógicos), e está ligado a outros enunciados. Esses elementos extralingüísticos (dialógicos) penetram o enunciado também por dentro.” Em suma, linguagem,

sociedade e identidade são coexistentes e se auto constroem/modificam, num processo dialógico contínuo.

No campo de estudo da Antropologia Linguística norte-americana, alguns autores³ formularam o *Princípio do Determinismo Linguístico* e o *Princípio da Relatividade Linguística*, os quais defendem a língua tem a capacidade de determinar o pensamento, e isso tem sido demonstrado pela relatividade linguística. Ou seja, o mundo ‘oferece’ ou ‘disponibiliza’ um conjunto complexo de imagens, as quais os indivíduos percebem e organizam através de padrões úteis para suas comunidades de fala, estruturando assim seus padrões linguísticos e seus conhecimentos de mundo. Por este motivo, a própria organização do conhecimento é determinada pela estrutura linguística.

Outra teoria citada por Adam Schaff (1969)⁴ é conhecida por *Teoria do Reflexo*: a língua se concebe como produto da *praxis* social, a qual determina a visão que uma determinada sociedade possui do mundo. Em outras palavras, a língua reflete uma realidade ao mesmo tempo que a (re)cria e (re)constrói. Partindo desta perspectiva,

[...] como ya señalaba Humboldt, [...] el hombre piensa tal como habla y habla como piensa. Según Schaff (1975:209-242), el hombre piensa en algún language, por lo que su pensamiento siempre es hablado, y la forma en que piensa depende de la experiencia que le ha transmitido la sociedad mediante un proceso de educación hablada. (MORENO FERNÁNDEZ, 2012, p. 85)

Assim, não há como desvincular a construção da identidade humana da linguagem, sendo que o próprio homem se constitui através de discursos. Conforme Fiorin (1988, p. 33), “as visões de mundo não se desvinculam da linguagem, porque a ideologia vista como algo imanente à realidade é indissociável da linguagem.” Ou seja, aquilo que concebemos como “realidade” e “identidade” nada mais é do que resultado um processo discursivo ou interdiscursos:

A individualização estilística da enunciação [...] constitui justamente este reflexo da inter-relação social, em cujo contexto se constrói uma determinada enunciação. *A situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação.* (BAKHTIN, 1990, p. 113, grifos do autor)

³ Edward Sapir; Benjamin Lee Whorf (*apud* MORENO FERNÁNDEZ, 2012, p. 84-85).

⁴ Moreno Fernandez, 2012, p. 85.

Dessa forma, é essencial que, para a análise de qualquer situação de interação, sejam considerados os sujeitos num sentido mais amplo. Maingeneau (*apud* CARDOSO, 1999, p. 39) postula que, em Análise do Discurso, não se deve analisar um *corpus* como produção de um determinado sujeito; devemos entender a enunciação como uma expressão de um sujeito posicionado sócio-historicamente e que representa, de certa forma, os indivíduos inseridos no mesmo contexto.

Por esta razão, a consciência social se manifesta em dois níveis: nos atributos dos falantes como atores individuais e nas representações coletivas. Esta ideia está ligada ao conceito de *self*, postulado por Mead (1934 *apud* MORENO FERNÁNDEZ, 2012, p. 18), o qual pressupõe um processo social – a comunicação – como elaboração de atitudes individuais em concomitância com as relações sociais. Assim, a comunicação e a língua (seu principal instrumento) consistem na essência, sustento e produto das relações interindividuais.

Refira-se que é o contexto histórico e social que irá definir a identidade dos sujeitos. Porém, ao mesmo tempo em que ela é determinada por esse contexto, este é construído pelo indivíduo. Ou seja, a identidade é ao mesmo tempo individual e social, já que cada sujeito “se configura ao mesmo tempo como personagem e autor – personagem de uma história que ele mesmo constrói e que, por sua vez, o vai constituindo como autor.” (JACQUES, 1998, p. 163)

Nessa perspectiva, o conceito de identidade é subdividido em identidade pessoal e/ou identidade social, uma vez que o indivíduo possui, ao mesmo tempo, atributos específicos ou individuais e atributos que o definem como pertencente a um grupo ou categoria (a exemplo de identidade étnica, religiosa, profissional etc.). Essas noções são fundamentais para nosso trabalho, visto que estudaremos o discurso de um grupo específico, professores de uma renomada instituição de ensino. Portanto, far-se-á relevante pensar em como estes sujeitos formulam seus discursos e constroem suas estratégias argumentativas no contexto do *Facebook* – que já é por si só uma realidade específica e complexa, que determina grande parte dos modos atuais de interação.

Finalmente, nosso objetivo com este breve capítulo foi somente contextualizar o estudo da língua na perspectiva sociocultural e sociocognitivista. Neste enfoque, o discurso, a conversação, os atos de fala e o estilo constituem manifestações que condicionam nossa visão de mundo e suas representações e relações estabelecidas em uma sociedade. Deste processo de representação e condicionamento resultam as interações, e o discurso torna-se assim um

elemento-chave para a compreensão da realidade social e linguística. (MORENO FERNÁNDEZ, 2012, p. 86)

Partindo destes fundamentos básicos quanto à relação entre língua e sociedade, no próximo capítulo aprofundaremos um pouco mais alguns conceitos que envolvem as principais áreas dos Estudos Linguísticos que fundamentam esta dissertação, a Pragmática e a Análise do Discurso e a Sociolinguística – áreas estas que não podem ser concebidas isoladamente.

Capítulo 2

Análise do Discurso (AD) e Pragmática Linguística

No capítulo anterior, tivemos como objetivo apenas nos situar quanto algumas questões ligadas à língua e à sociedade, de maneira bastante generalizada. Agora, trabalharemos de forma um pouco mais específica com as correntes da Linguística que embasam esta pesquisa, a saber, Pragmática e Análise do Discurso, sem contudo dissociá-las da Sociolinguística.

A partir da década de 1960, como herança dos estudos do francês Antonine Meillet (1866-1936), é postulada a noção de língua como fato social dinâmico, que apresenta variações influenciadas por fatores externos a ela, o que é também defendido por Bakhtin ao afirmar que “a língua é um fenômeno social cuja natureza é ideológica.” (COELHO, 2010, p. 16). A Sociolinguística então se impõe como “uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística.” (CEZARIO; VOTRE, 2010, p. 141) Ou seja, a língua é vista como instituição social, e não deve ser concebida de forma autônoma, isolada, mas sim considerada em seu contexto situacional, ou seja, dentro dos aspectos socioculturais dos falantes.

Nesta perspectiva, a Análise do Discurso (AD) e a Pragmática consistem em duas áreas da Linguística pertencentes à corrente denominada *Funcionalismo*. Uma vez que o Estruturalismo e o Gerativismo não contemplavam a análise de fenômenos linguísticos em contextos reais de interação social, estas correntes surgiram na segunda metade do século XX, “como fruto da insatisfação diante dos modelos existentes, que afastavam o objetivo da linguística da realização da língua e de suas diversas manifestações.” (CEZARIO; VOTRE, 2010, p. 146)

Os campos de estudo funcionalistas não podem ser delimitados, uma vez que diversos fatores históricos e sociais se inter-relacionam, regulando nosso uso da língua. Assim, temos diversas escolas que surgiram a partir deste paradigma e que muitas vezes se sobrepõem:

[...] a sociolingüística, a sociolingüística interacional, o funcionalismo, a linguística sociocognitiva, a análise do discurso, a pragmática, entre outras. Cada uma delas [...], de acordo com seus modelos teóricos e metodológicos, considera a língua em uso observando os fenômenos de variação e mudança linguísticas, as interações face a face [...], as influências sociais e psicossociais na estrutura da língua, a ideologia e a construção das subjetividades, os atos de fala no lugar de frases e sentenças verdadeiras e gramaticais, as implicaturas conversacionais, entre outros fatores. Dá-se relevo agora à fala ou ao discurso, e a noção de falante e ouvinte ideais é substituída

pela de falante e ouvinte reais, ou seja, interlocutores inseridos num tempo e espaço determinados. (WILSON, 2010, p. 87-88)

Isso posto, todas estas correntes, ligadas à Sociolinguística, integram uma diversidade de objetos de interesse, dentre eles as construções linguísticas, o discurso político, as visões de mundo, a variação linguística, a percepção das variedades etc. De acordo com Moreno Fernández (2012, p. 36), os conceitos que servem de fundamento para a Sociologia Cognitiva são: “«contexto», «red», «interacción comunicativa», «discurso» y «acto.” Desta forma, a língua só existe através de processos funcionais – dimensões sociais e culturais – portanto, deve ser abordada de maneira multidimensional:

[...] si consideramos que la lengua solamente puede ser lengua – por su composición, procesos y funciones – através de sus dimensiones social y cultural, si aceptamos sin reticencias que lo lingüístico es necesariamente social y que la lingüística, como forma de entender y explicar la lengua, no puede ser de otra forma que «socio-lingüística», aún estaremos em condiciones de abogar realmente por una concepción multidimensional. (MORENO FERNÁNDEZ, 2012, p. 09)

Historicamente, os Estudos Linguísticos têm sido divididos em Microlinguística ou “núcleo duro” e Macrolinguística. (WEEDWOOD, 2002) A primeira consiste nos campos mais tradicionais de estudo (Sintaxe, Morfologia, Lexicologia, Semântica, Fonética e Fonologia), enquanto a segunda trata dos campos mais recentes (Linguística do Texto, Sociolinguística, Pragmática, Psicolinguística, Neurolinguística, Análise do Discurso (doravante AD), Linguística Histórica, Análise da Conversação). Por esta razão,

El análisis del discurso habita en la periferia de la sociolingüística. Su origen está vinculado, por una parte, a la pragmática, donde establece oposición con el análisis da conversación, y, por otra parte, a los estudios sociopolíticos, donde el discurso es fuente primaria de información para el conocimiento de las ideologías. (MORENO FERNÁNDEZ, 2012, p. 71)

A AD como campo de estudo em Linguística surgiu nos Estados Unidos na década de 1970, como resultado da transversalidade de teorias voltadas ao estudo de situações comunicativas e/ou de interação, a exemplo da Etnografia da Comunicação, Análise da Conversação e da própria Sociolinguística Interacional. Assim, surge então a AD com o intuito de estudar a linguagem ancorada em um contexto e utilizada com “fins sociais, expressivos e referenciais.” (SCHIFFRIN, 1994, p. 339 *apud* CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 44)

De acordo com Ciampa (*apud* VIEIRA; ZEN, 2010), há três categorias essenciais para se estudar o homem: atividade, consciência e identidade e, através dessas, a o indivíduo irá assumir ‘personagens sociais’, conforme seu contexto de interação: pai, mãe, filho, trabalhador, aluno, professor, chefe etc. Por esta razão, Fiorin (1998) afirma que o discurso é, na verdade, uma *dissimulação*, no sentido em que ocorre num plano de manifestação individual, veiculando um conteúdo no plano social; ele simula ser individual enquanto, de fato, oculta o que é social.

Portanto, quando tratamos de AD é importante deixar claro que o discurso é, na verdade, uma manifestação supostamente individual quando, de fato, representa a visão de mundo de um grupo – em nível menor, como comunidade, e em nível maior, como um modelo de sociedade. Por esta razão, a AD deve sempre considerar variáveis extralinguísticas e outros campos de estudo das Ciências Sociais (a exemplo de Sociologia, Linguística, Antropologia, Educação, Poética, Folclore e Psicologia).⁵ Fiorin (1988, p. 11) define *discurso* como

[...] combinações de elementos linguísticos (frases ou conjuntos constituídos de muitas frases), usados pelos falantes com o propósito de exprimir seus pensamentos, de falar do mundo exterior ou de seu mundo interior, de agir sobre o mundo. A fala é a exteriorização psico-físico-fisiológica do discurso. Ela é rigorosamente individual, pois é sempre um eu quem toma a palavra e realiza o ato de exteriorizar o discurso.

Ao nos referirmos à fala como ato individual de exteriorização do discurso, vale destacar brevemente a diferença entre enunciado e enunciação. Enquanto o enunciado consiste na manifestação física da fala, a frase em si, a enunciação é mais complexa, vai além de sua materialidade objetiva; ela é compreendida por Bakhtin (1990, p. 16) “como uma réplica do diálogo social [...], trata-se de discurso interior (diálogo consigo mesmo) ou exterior.” Uma vez de natureza social, ela é conseqüentemente ideológica; a enunciação não existe fora de um contexto e do ‘horizonte social’ do falante.

Assim, considerando a relação de construção mútua entre sujeito e realidade, Bakhtin (2003, p. 313) defende o conceito de *dialogismo*, ao ressaltar que “o enunciado em sua plenitude é formado como tal pelos elementos extralinguísticos (dialógicos), e está ligado a outros enunciados. Esses elementos extralinguísticos (dialógicos) penetram o enunciado também por dentro.” Ou seja, todos os enunciados estão inter-relacionados e são coelaborados, pertencendo assim a uma cadeia dialógica mais ampla.

⁵ HYMES *apud* CEZARIO; VOTRE, 2010, p. 146.

Por isso, é essencial que, para a análise de qualquer situação de interação, sejam considerados os sujeitos num sentido abrangente, que compartilham certas visões de mundo ou ideologias. O sujeito é visto como uma ‘aglomeração’ de discursos – daí a noção de *interdiscurso*:

Todo discurso é atravessado pela **interdiscursividade**, tem a propriedade de estar em multiforme com outros discursos, de entrar no **interdiscurso**. [...] é também um espaço discursivo, um conjunto de discursos (de um mesmo campo discursivo ou de campos distintos) que mantêm relações de delimitação recíproca uns com os outros. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2012, p. 286, grifos dos autores)

Sendo então o sujeito histórico e dialógico, Blom & Gumperz (1998, p. 31-32) não separam a investigação das estruturas linguísticas da análise antropológica, uma vez que “as relações sociais atuam como variáveis que intervêm entre as estruturas linguísticas e suas realizações na fala.” Para eles, as limitações sociais governam nossas relações interpessoais e, conseqüentemente, nosso desempenho verbal, ou seja, nossos atos de enunciação.

Portanto, não há como compreender o significado do discurso sem consideramos o contexto de fala; é a partir das enunciações que tentamos identificar questões subjetivas e ideológicas, assim como o dialogismo e a polifonia presentes em todo discurso. Schiffrin (1994 *apud* LEE; POYNTON, 2000, p. 419) ressalta a interdisciplinaridade existente em qualquer análise discursiva, ao afirmar que “to understand the language of discourse, we need to understand the world in which it resides, we need to go outside of linguistics.” Para a autora, o discurso consiste em uma realização de funções, a exemplo do uso da língua para propósitos sociais, expressivos e referenciais, e não somente em uma estrutura; ele vai além do nível da frase.

Por isso, é a organização do discurso e da interação social que irá demonstrar a complexidade das interações face a face. (RIBEIRO; GARCEZ, 1998, p. 8-9) Simultaneamente, à ótica da etnolinguística cognitiva, fatores como interdiscursividade, referenciação, polifonia, dialogismo etc serão delimitados/determinados a partir de uma determinada interpretação da realidade, à qual o sujeito é condicionado.

A visão de mundo consiste em uma interpretação subjetiva de uma realidade relativizada, desde o sistema de valores até a perspectiva dos sujeitos. A visão de mundo se manifesta através de um conjunto de juízos configurados linguisticamente e reconstruídos a partir de informações sistemáticas, convencionais e discursivas. Esta visão de mundo inclui a noção de estereótipos: imagens de pessoas, lugares e sucesso, ações consideradas normais, aceitáveis ou desejáveis em uma determinada cultura. (MORENO FERNÁNDEZ, 2012, p. 72) (tradução nossa)

Em suma, as dinâmicas textuais consistem num processo interacional e discursivo, ou seja, o sentido do enunciado é determinado pelo contexto social de uso; assim, a significação varia de acordo com o contexto interacional. Em outras palavras, a língua se concretiza pelas enunciações e estas constroem as subjetividades.

Os debates sobre ideologia são também cruciais em AD, já que o sujeito é apercebido socio-historicamente. Como já discutido, qualquer sentido/significado construído por um determinado discurso é, na verdade, a materialização de vários outros discursos, o que caracteriza a heterogeneidade discursiva. Assim, o sujeito produz sentido à medida que produz a si próprio, numa eterna relação dialógica, condicionada a fatores ideológicos.⁶

Bakhtin (1990, p. 15) afirmou que “todo signo é ideológico” e “a palavra é o fenômeno ideológico por excelência” (*op. cit.*, p. 36), portanto a ideologia reflete as estruturas sociais – cujas leis são determinadas pelas estruturas econômicas⁷ – e nossas crenças e valores de verdade. Em vista disso, as modificações e manifestações da língua são sempre articuladas com as modificações ideológicas.

Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; [...] ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um *signo*. *Sem signos não existe ideologia*. (BAKHTIN, 1990, p. 31, grifos do autor)

Moreno Fernández (2012, p. 83) reitera a importância da consciência dos fatores ideológicos no campo dos estudos em AD, uma vez que a(s) ideologia(s) alicerçam a construção das identidades, tanto como sujeitos sociais ‘individuais’, como produtos de uma dada cultura. As ideologias proporcionam/moldam as identidades, e sustentam formas de comportamento, inclusive as linguísticas. Desta forma, a identidade, definida pelo ideológico, se manifesta através dos discursos. Assim, toda cultura incorpora identidades definidas por ideologias que interpretam a realidade e refletem uma determinada visão de mundo.

⁶ “[...] a ideologia é o sistema sempre atual de representação de sociedade e de mundo construído a partir das referências constituídas nas interações e nas trocas simbólicas desenvolvidas por determinados grupos sociais organizados.” (MIOTELLO, 2008, p. 176)

⁷ “A realidade ideológica é uma superestrutura situada imediatamente acima da base econômica.” (BAKHTIN, 1990, p. 36)

Discutir conceitos e processos de formação de identidade é algo bastante complexo e exigiria um espaço muito maior que esta pesquisa, além de uma pesquisa em Sociologia e Antropologia (o que não é foco deste estudo). À vista disso, iremos expor apenas breves noções do que alguns autores chamam *identidade*, assim como alguns fatores que possam vir a defini-la, para que possamos caracterizar posteriormente os sujeitos pesquisados, já que se trata de um grupo bastante específico.

De acordo com Jacques (1998), algumas das expressões empregadas por diversos autores para definir identidade são: imagem, representação e conceito de si. Esses termos, “em geral, referem-se a conteúdos como conjuntos de traços, de imagens, de sentimentos que o indivíduo reconhece como fazendo parte dele próprio” (JACQUES, *op. cit.*, p. 161), e sua identidade é representada pelo nome, pronome ou referentes que remetem o sujeito ao seu papel social. Porém, a autora aponta que

[...] a representação de si através da qual é possível apreender a identidade é sempre a representação de um objeto ausente (o si mesmo). Sob este ponto de vista, a identidade se refere a um conjunto de representações que responde a pergunta ‘quem és’. (JACQUES, *op. cit.*, p. 161)

Nessa perspectiva, o conceito de identidade é subdividido em identidade pessoal e/ou identidade social, uma vez que o indivíduo possui, ao mesmo tempo, atributos específicos ou individuais e atributos que o definem como pertencente a um grupo ou categoria (a exemplo de identidade étnica, religiosa, profissional etc.). Nesse sentido, considerando os fatores que caracterizam os professores pesquisados como um grupo, é possível dizer que há nele um processo identitário específico.

Isso posto, não há como desvincular a construção da identidade da linguagem, sendo que o próprio homem se constitui através de discursos. Conforme Fiorin (1988, p. 33), “as visões de mundo não se desvinculam da linguagem, porque a ideologia vista como algo imanente à realidade é indissociável da linguagem.” Ou seja, como já discutido, aquilo que concebemos como *realidade* e *identidade* nada mais é do que resultado um processo interdiscursivo.

Na perspectiva sociointeracional, o sentido individual que atribuímos a um determinado enunciado dependerá de fatores tais como: intenção do falante, sua posição social, visão de mundo, crenças, cultura, profissão, meios sociais, influências etc., ou seja, dependerá do repertório de cada sujeito e das condições de produção do discurso. É através da linguagem

dialógica que se reflete uma dada cultura ou visão de mundo e, conseqüentemente, são (re)construídos e (re)formulados traços que nos definirão como indivíduos.

A individualização estilística da enunciação [...] constitui justamente este reflexo da inter-relação social, em cujo contexto se constrói uma determinada enunciação. *A situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação.* (BAKHTIN, 1990, p. 113, grifos do autor)

Dessa forma, entendemos que a linguagem e o discurso adotado por um determinado indivíduo pode servir de representação da linguagem e do discurso de um grupo; por este motivo, a escolha dos sujeitos para esta pesquisa – professores da Rede Pública Federal – pode revelar marcas identitárias e percepções em comum, devido ao compartilhamento de interesses, rotinas, problemas, experiências, objetivos etc. similares.

[...] as alternativas linguísticas no repertório simbolizam as diferentes identidades sociais que os membros podem assumir. [...] não existe uma relação biunívoca entre variedades de fala e identidades sociais. (BLOM; GUMPERZ, 1998, p. 43)

Até o presente momento, as questões discutidas referem-se a noções essenciais para o entendimento da perspectiva moderna de estudo no campo da AD. Citamos alguns conceitos fundamentais, a exemplo de dialogismo, polifonia, enunciação, interdiscurso, identidade etc., a fim de prosseguirmos com a relação entre a AD e nosso outro campo de interesse, a Pragmática. Embora ambas as vertentes compartilhem de muitas ideias em comum – também com a Sociolinguística, Sociologia e Antropologia –, a Pragmática é mais voltada às interações cotidianas, face a face, a língua em uso e contextualizada.

Fiorin (1998) defende que o discurso e a fala são as formas do sujeito de *agir sobre o mundo*; esta afirmação une os campos de estudo citados anteriormente, que não podem ser concebidos isoladamente. Sempre que usamos a língua, a usamos com um propósito específico, e é disso que trata a Pragmática: falar é agir. Conforme Lima (2006), a Pragmática Linguística se ocupa das ações que praticamos ao usar uma língua, portanto, o falar e o fazer estão relacionados. Assim, sobre a Pragmática, Weedwood (2002, p. 143-144) esclarece:

Em vez de se preocupar com a estrutura abstrata da língua, com seu sistema subjacente (com a *langue* de Saussure e a *competência* de Chomsky), muitos lingüistas se debruçaram sobre os fenômenos mais diretamente ligados ao *uso* que os falantes

fazem da língua. [...] A pragmática estuda os fatores que regem nossas escolhas lingüísticas na interação social e o efeito das nossas escolhas sobre outras pessoas.

Abaixo, apresentamos algumas definições/esclarecimentos mais específicos de Pragmática Linguística (Lima, 2006, p. 13-14):

- (i) [...] o substantivo *pragmática* remete para a ideia de ação;
- (ii) A palavra *pragmática* só começou a ser usada com uma certa frequência a partir dos anos 70 do século XX e principalmente no âmbito da ciência da linguística [e passou a estudar] as ações humanas que têm a ver com a linguagem humana;
- (iii) [...] a linguagem humana [...] tem a ver com ação e prática;
- (iv) [...] é a disciplina que estuda a linguagem humana sob o ponto de vista da comunicação;
- (v) [a preocupação da Pragmática é] com o modo como as palavras são usadas pelos utentes da língua para atingir os seus fins comunicativos.

Em Charaudeau; Maingueneau (2012, p. 393-394), encontramos as seguintes definições em torno da Pragmática:

- (i) [...] se interessa pelas relações dos signos com seus usuários, pelo seu uso e pelos seus efeitos;
- (ii) [...] o componente pragmático trata dos processos de interpretação dos enunciados em contexto; [...] referência dos embreadores ou dos determinantes do substantivo, [...] força ilocutória do enunciado [e] sua assunção por parte do locutor (o enunciado pode ser irônico, por exemplo), implícitos, conectores etc;
- (iii) Como disciplina, ‘a pragmática’ visa ao estudo dos fenômenos que dependem desse ‘componente pragmático’;
- (iv) Ela se desenvolveu particularmente a partir das pesquisas em filosofia da linguagem de Austin sobre os atos de linguagem e Grice sobre o implícito;
- (v) Como corrente de estudo do discurso [...] se fundamenta no princípio de cooperação e nas máximas conversacionais (GRICE, 1979). Nessa perspectiva, considera-se pragmática qualquer teoria que situa em seu centro noções como a de conhecimento partilhado e inferência.

Partindo destes conceitos, ao propor um modelo de língua como ‘sistema adaptativo complexo’, entende-se que a comunicação consiste em uma atividade cooperativa, na qual se produz o conhecimento da intenção do falante por parte de um ouvinte, quando se ativa um mecanismo fundamental para a coordenação comunicativa: a convenção.⁸

La convención surge de la regularidad del comportamiento y funciona como un procedimiento fundamental en el proceso de construcción de la cultura humana. La cooperación lingüística consiste en la elección, por parte de un hablante, de unas palabras y unas construcciones gramaticales – entendidas como convenciones – con el fin de comunicar algo. (MORENO FERNÁNDEZ, 2012, p.27)

⁸ GRICE, 1998 *apud* MORENO FERNÁNDEZ, 2012, p. 27.

Em outras palavras, os usos linguísticos são produzidos em cenários discursivos – compreendidos como modelos cognitivos de interação verbal em contextos específicos de uma determinada realidade social – e estes modelos estão integrados por sequências de atos de fala. Este processo desencadeia uma negociação semântica por parte dos interlocutores, de acordo com suas intenções comunicativas. Todavia, o êxito dessas intenções nem sempre é garantido, tendo em vista os mal-entendidos, que também consistem em um interessante campo de estudo dentro da Pragmática. (MORENO FERNÁNDEZ, 2012)

Portanto, ainda pensando nas convenções e modelos pré-concebidos de formas de interação, devemos considerar também a instabilidade do discurso ou dos atos de enunciação. É muito comum em nosso cotidiano nos depararmos com novas situações enunciativas e, por razões diversas, a comunicação ser falha. Isso pode ocorrer por inúmeras razões, a exemplo de: não percepção de inferências ou ironias; não compartilhamento de repertório linguístico ou visão de mundo; inserção de componentes novos no enunciado; desconhecimento do próprio léxico ou expressões idiomáticas; entonação; entre outros. Os discursos não são entes estáticos; eles passam/experienciam transformações semânticas ou conceituais, as quais influem nos fatores comunicativos, por exemplo, a intenção momentânea do falante.

[...] a forma linguística é sempre percebida como um signo mutável. A entonação expressiva, a modalidade apreciativa sem a qual não haveria enunciação, o conteúdo ideológico, o relacionamento com uma situação social determinada, afetam a significação. O valor novo do signo, relativamente a um 'tema' sempre novo, é a única realidade para o locutor-ouvinte. (BAKHTIN, 1990, p. 15)

Por estas razões, Moreno Fernández (2012, p. 74) defende uma *pragmática sociocultural*, a qual seria determinada pelos fatores sociais e culturais que agem diretamente sobre a produção e interpretação de um dado enunciado. Estão incluídos nesta perspectiva o estudo da conversação, dos gêneros do discurso e do estilo – neste caso, impossível dissociá-los dos atos de fala, já que as transformações e os fatores que influem sobre os enunciados preservam seus significados, referências e valores de verdade:

[...] Entre las transformaciones o variaciones que los discursos experimentan durante su construcción o en su replicación se incluyen las acciones de *omitir, adjuntar, permutar, substituir o recombinar* (COULTHARD, 1977 *apud* MORENO FERNANDEZ, 2012, p. 80, grifos do autor). Estas transformaciones pueden preservar tanto el significado como la referencia del discurso; esto es, su valor de verdad.

Sumarizando os pontos debatidos neste capítulo, podemos afirmar que a língua atua em quatro níveis: a produção de enunciados; a formulação e identificação de proposições; a sinalização e reconhecimento das intenções comunicativas; a proposta de execução de ações conjuntas. (CLARK, 1996 *apud* MORENO FERNÁNDEZ, 2012, p. 27)

Vinculados a estes níveis de atuação dos falantes, o autor (*op. cit.*, p. 71) reitera que: a representação do mundo é uma construção mental inserida em um marco de referência sociocultural e que faz parte de um inconsciente cognitivo; a construção do discurso se realiza mediante um processo seletivo capaz de projetar uma representação de mundo; os discursos e usos sociais da língua refletem a representação de mundo de um falante, uma comunidade ou uma agrupação; os falantes têm a capacidade de construir descrições, argumentações, narrações e instruções, de acordo com suas visões particulares de mundo e da realidade.

Por fim, Blom e Gumperz (1998, p. 54) postulam que na Sociolinguística, à qual se vinculam a AD e a Pragmática, a informação social e a informação linguística devem ser estudadas dentro de “um mesmo arcabouço analítico”, ou seja, as análises não podem ser baseadas no pressuposto de que língua e sociedade “constituem tipos distintos de realidade.” Em suma, linguagem, sociedade, ideologia e identidade são coexistentes e se auto constroem/modificam, num processo dialógico contínuo.

À vista disso, trataremos adiante da teoria dos Atos de Fala, que nos dará base para a posterior análise dos dados, defendida primeiramente por John Austin no início do século XIX, e aprofundada por John Searle e Jacques Derrida. Atualmente, muitos outros autores tratam deste tema; entretanto, para esta pesquisa, utilizaremos como principais referenciais as obras de Austin (1962), Searle (1969;1979) e Lima (2006).

Capítulo 3

A Teoria dos atos de Fala

3.1) Conceitos gerais

A Teoria dos Atos de Fala, primeiramente postulada por Austin (1962) e Searle (1969; 1979) na área da Filosofia da Linguagem, perpassa a Pragmática e a Análise do Discurso, se tratando de uma abordagem atual dentro da Linguística. Levando em consideração o uso da língua em contexto, seus fundamentos baseiam-se na asserção de que falar e fazer constituem atitudes simultâneas, ou seja, ao falar praticamos uma ação com um determinado objetivo ou intenção; queremos provocar efeitos no interlocutor ou levá-lo a realizar uma determinada ação.

Esta hipótese foi levantada primeiramente por Austin (1962), que questionou o fato de que a Filosofia da Linguagem, até então, se preocupava somente em descrever estados de coisas e classificar uma determinada afirmação como verdadeira ou falsa. Entretanto, ele foi além da dicotomia verdadeiro x falso e iniciou a discussão da língua como prática e conduta social: “‘ethical propositions’ are perhaps intended, solely or partly, to evince emotion or to prescribe conduct or to influence in it in special ways.” (AUSTIN, 1962, p. 2-3)

Embora esta teoria tenha surgido no campo da Filosofia, ela passou a integrar os estudos linguísticos e veio a contribuir para o estudo da língua de forma funcionalista, ou seja, em contexto real de uso. Assim, ela tem sido aplicada em Análise do Discurso, uma vez que trata de estratégias que usamos constantemente em nossas interações linguísticas: trocas discursivas com funções sociais determinadas por convenções inseridas em um determinado contexto socioideológico.

Por esta razão, Austin também colaborou com o rompimento do estudo meramente estruturalista da língua, abrindo caminho para outros paradigmas nos Estudos Linguísticos. Ainda nesta perspectiva, outro autor citado neste trabalho é Searle (1969), que prosseguiu com a relação entre Filosofia da Linguagem e Linguística:

Linguistics attempts to describe the actual structures – phonological, syntactical, and semantic – of natural human languages. The ‘data’ of the philosophy of language usually come from natural human languages, but many of the conclusions about e.g. what it is to be true or to be a statement or a promise, if valid, should hold for any

possible languages capable of producing truths or statements or promises. (SEARLE, 1969, p. 4)

Ambos Austin e Searle questionaram a acepção tradicional de ‘verdadeiro’ e ‘falso’, usada como fundamento para os estudos semânticos, que voltavam-se para a análise do significado de maneira descontextualizada – a referência das palavras com o mundo. Até então, pouca atenção era dada a questões pragmáticas da língua, como o contexto de enunciação, a intenção dos sujeitos, questões sociais e ideológicas etc. Os autores perceberam que o estudo da língua iria além da semântica numa perspectiva somente estrutural e lógica:

It is essential to realize that ‘true’ and ‘false’, like ‘free’ and ‘unfree’, do not stand for anything simple at all; but only for a general dimension of being a right or proper thing to say as opposed to a wrong thing, in these circumstances, to this audience, for these purposes and with these intentions. (AUSTIN, 1962, p. 145)

Desta forma, ao produzirmos um enunciado, na verdade, expressamos mais do que dizemos; ou seja, os enunciados possuem cargas semânticas que vão além das palavras: as inferências, o contexto, as convenções sociais, as intenções do falante, a percepção do ouvinte etc são fatores extralinguísticos que irão definir a nossa compreensão semântico-pragmática de determinado ato de enunciação. Searle defende a teoria dos atos de fala ao afirmar que *toda* comunicação linguística (oral ou escrita) envolve atos de fala com determinadas intenções:

[...] all linguistic communication involves linguistic acts. [...] When I take a noise or a mark on a piece of paper to be an instance of linguistic communication, as a message, one of the things I must assume is that the noise or mark was produced by a being or beings more or less like myself and produced with certain kinds of intentions. (SEARLE, 1969, p. 16)

Lima (2006, p. 20) ainda reforça que “[...] *usar uma linguagem* ou *falar* são formas de *fazer* coisas [...]”, por exemplo, sempre que falamos praticamos ações como pedir desculpas, fazer uma pergunta ou uma afirmação, dar uma ordem, prestar condolências, parabenizar, prometer etc. Sobre isso, Searle postula a noção de *ponto ilocutório* – o propósito do falante – para classificar os usos da língua:

[...] we tell people how things are, we try to get them to do things, we commit ourselves to doing things, we express our feelings and attitudes and we ring about changes through our utterances. Often, we do more than of these at once in the same utterance. (SEARLE, 1979, p. 29)

O conceito de ponto ilocutório está relacionado ao que Austin chamou de *força ilocutória*: os verbos expressam uma força ilocutória, a qual irá definir o ato ilocutório que estamos realizando: “[...] the performance of an act *in* saying something as opposed to performance of an act *of* saying something.” (AUSTIN, 1962, p. 99) Por exemplo, no enunciado *Prometo que lavarei a louça*, de acordo com a força ilocutória do verbo, temos uma promessa. Já na frase *Maria prometeu que irá lavar a louça*, temos uma asserção. Assim, devido às diferentes funções que a língua pode exercer, Austin pressupôs uma *doutrina de forças ilocutórias*, denominando *ilocuções* todos os atos de fala.

To perform a locutionary act is in general [...] to perform an illocutionary act, [...]. Thus in performing a locutionary act we shall also be performing such an act as: asking or answering a question, giving some information or assurance or a warning, announcing a verdict or an intention, pronouncing sentence, making an appointment or an appeal or a criticism, making an identification or giving a description, and the numerous like. (AUSTIN, 1962, p. 98-99)

Os atos de fala são também chamados por Lima (2006, p. 23) de *atos de enunciação*, pois deve-se levar em consideração o contexto de produção de determinada ação linguística. Ele explica que a enunciação consiste em um “acto de realização ou produção, e o produto desse acto é o enunciado”. Os atos de enunciação, por sua vez, são classificados como *atos de primeiro nível* e *atos de segundo nível*. Vejamos o exemplo apresentado Searle (1979, p. 33):

X: *Let's go to the movies.*

Y: *I have an exam.*

É claramente percebido que o enunciado de *Let's go to the movies* trata-se de uma proposta ou convite devido à expressão *Let's*. Neste caso, o ato de primeiro nível seria *convidar* e o de segundo nível seria a sentença literal. Já a resposta de Y, *I have an exam*, trata-se de um ato indireto: o ato de primeiro nível consiste na *rejeição à proposta de ir ao cinema*, que está implícita e cuja intenção é percebida a partir de inferências. Já o ato de segundo nível trata-se da informação literal, ou seja, o ouvinte tem um exame:

[...] the primary illocutionary act performed in Y's utterance is the rejection of the proposal made by X, and that Y does that by performing a secondary illocutionary act of making a statement to the effect that he has to prepare for an exam. He performs the secondary illocutionary act by way of uttering a sentence the literal meaning of which is such that its literal utterance constitutes a performance of that illocutionary act. [...] the secondary illocutionary act is literal; the primary illocutionary act is not literal. (SEARLE, 1979, p. 33-34)

Lembramos que os atos de enunciação e ilocutórios tratam-se de realizações simultâneas. Todavia, enquanto os primeiros são a realização física da fala, os segundos estão sujeitos à interpretação dos falantes. Assim, para que os falantes compreendam os atos ilocutórios, é necessário conhecimento semântico e pragmático (contexto da enunciação) da língua. Ainda sobre a simultaneidade da realização dos atos ilocutórios, Searle (1969, p. 24), os classifica da seguinte forma:

- (a) Uttering words (morphemes, sentences) = performing *utterance acts*.
- (b) Referring and predicating = performing *propositional acts*.
- (c) Stating, questioning, commanding, promising, etc. = performing *illocutionary acts*. (SEARLE, 1969, p. 24)

Em suma, Searle (1969) defende que atos de enunciação consistem na simples produção de uma cadeia de palavras, enquanto os atos ilocutórios tratam-se da enunciação em determinado contexto, sob condições determinadas e com intenções específicas. É importante lembrar que, embora algumas expressões visem causar determinado efeito, nem todos os atos ilocutórios possuem conteúdo proposicional, a exemplo de *hurrah* ou *ouch* (Searle, 1969, p. 30); ou no caso do português europeu, quando dizemos *oh pá*, ou no português brasileiro, a expressão *nossa!* etc.

Outra questão muito enfatizada em Searle (1969, p. 22) consiste na hipótese de que “speaking a language is engaging in a rule-governed form of behavior. [...] talking is performing acts according to rules.”⁹ Quando Searle (1969) discute a noção de *regras constitutivas*, compreende-se que as mesmas estão relacionadas à ideia de convenção, também muito enfatizada por Austin (1962) e Searle (1969). Isso significa que, ao produzirmos determinados enunciados, estamos condicionados a regras e convenções linguísticas e sociais.

[...] the semantic structure of a language may be regarded as a conventional realization of a series of sets of underlying constitutive rules, and [...] speech acts are acts characteristically performed by uttering expressions in accordance with these sets of constitutive rules. (SEARLE, 1969, p. 37)

⁹ Searle (1969, p. 33-44) traz uma discussão aprofundada sobre a noção de *regras reguladoras e constitutivas*.

Como exemplo, imaginemos a seguinte situação de interação: numa sala de aula de uma faculdade, um aluno pede ao professor para abrir a janela pois faz muito calor. Não espera-se que o aluno produza uma sentença como *Professor, abra a janela!*, pois neste contexto ele infringiria a regra de polidez, pois há claramente uma relação hierárquica condicionada por valores socialmente construídos – consideramos aceitável que um professor direcione-se aos seus alunos utilizando um imperativo, mas jamais o contrário. Neste caso, espera-se que o aluno aborde o professor com enunciados do tipo *Professor, o senhor poderia abrir a janela, por favor?* ou *Está muito quente aqui, o senhor se importaria de abrir a janela?* etc. Ou seja, a estrutura semântica – e sintática – desses enunciados foi condicionada conforme regras e convenções internalizadas a partir de nossas relações sociais.

Ferreira (2011) traz também outra situação comunicativa muito comum para esclarecer a relação entre significado, pragmática e convenção: quando dizemos a um amigo *Me passe o seu telefone*, já é inferido pelo contexto que estamos solicitando o número do seu telefone. Entretanto, se um assaltante diz a mesma frase, inferimos que devemos entregá-lo o aparelho. Este é um exemplo muito claro de como o mesmo enunciado pode ter diferentes significados conforme a situação social, ou seja, é uma convenção linguística. Por isso podemos afirmar que o significado depende ambas da intenção do falante, assim como da regra ou convenção:

Meaning is more than a matter of intention, it is also at least a matter of convention. [...] given that the circumstances make possible the appropriate intentions. (SEARLE, 1969, p. 45)

Austin (1962, p. 105), ao discutir a noção de convenção linguística, cita como exemplo o verbo *insinuar*. Por uma questão de convenção, não podemos dizer ‘Eu insinuo ...’, mas sim utilizamos outros verbos para insinuar algo, geralmente de maneira indireta. Ou seja, o ato de insinuar, por uma questão de convenção, geralmente não é realizado de maneira direta. Outro exemplo citado pelo autor consiste em quando expressamos emoções, a exemplo do ato de *xingar*. Ou seja, a intenção do falante neste caso seria aliviar sentimentos e, neste caso, o ato de xingar é aceito como convenção:

[...] We might say that we use swearing for relieving our feelings. We must notice that the illocutionary act is a conventional act: an act done as conforming to a convention. (AUSTIN, 1962, p. 105)

Considerando então que toda interação linguística tem como base as intenções dos interlocutores e convenções sociais, Austin (1962) foi o primeiro a discutir os efeitos/resultados dos atos ilocutórios. Trataremos destes efeitos nos parágrafos a seguir.

Um dos pressupostos da Teoria dos Atos de Fala postula que ao produzirmos um ato ilocutório, o falante pretende causar algum efeito ao levar o interlocutor a reconhecer suas intenções e a praticar determinada ação – linguística ou não. Austin (1962, p. 117) afirma que “[...] many illocutionary acts invite by convention a response or sequel. [...] Generally we can [...] always say ‘I got him to’ with such a word’ [...]”. Ou seja, a todo tempo, em nossas interações diárias, levamos as pessoas a praticar ações e também as praticamos a pedido de outrem, com enunciados como *Por favor, pode me passar o sal?*, *Quanto custa o café?*, *Está escuro aqui, poderia acender a luz?* *Vamos fazer o jantar?* etc. Mais tarde, Searle reforçou esta discussão:

In speaking I attempt to communicate certain things to my hearer by getting him to recognize my intention to achieve that effect, and as soon as the hearer recognizes what it is my intention to achieve, it is in general achieved. (SEARLE, 1969, p. 43)

Assim, chegamos ao conceito de *efeito ilocutório*. Ao descrevê-lo, Lima (2006, p. 35) aponta que “para cada ato ilocutório há [...] um **efeito ilocutório** que o falante quer produzir e que é geralmente que o interlocutor *compreenda* as suas palavras como constituindo a prática deste acto.” Estes efeitos são denominados *atos perlocutórios* e, os atos ilocutórios só serão realizados com sucesso caso algum efeito seja atingido.

Saying something will often, or even normally, produce certain consequential effects upon the feelings, thoughts, or actions of the audience, or of the speaker, or of other persons: and it may be done with the design, intention, or purpose of producing them; [...] we shall call the performance of an act of this kind the performance of a ‘perlocutionary’ act, and the act performed [...] a ‘perlocution’. (AUSTIN, 1962, p. 101)

É importante destacar que os possíveis efeitos causados no ouvinte vão depender sempre do contexto da enunciação (conhecimento semântico e pragmático da língua, repertório linguístico por parte do falante etc). Por esta razão, “[...] qualquer acto ilocutório pode dar azo a *mais do que um* efeito perlocutório, o que equivale a dizer que através de um ato ilocutório se pode praticar mais do que um ato perlocutório.” (Lima, 2006, p. 35) Assim, o ato perlocutório pode ser tanto o resultado de um objeto perlocutório (convencer, persuadir etc) ou de uma ‘sequela’ perlocutória. Ele reforça que “[...] the successful or consummated performance of an illocutionary act *does* bring in ‘consequences’ or ‘effects’ in certain senses.” (AUSTIN, 1962, p. 115-118)¹⁰

¹⁰ Embora estejamos trabalhando com atos de fala em *posts* políticos do Facebook, não se trata do objeto desta pesquisa o aprofundamento nos efeitos perlocutórios possíveis, já que não discutiremos as respostas aos *posts*; chegaremos apenas a conclusões generalizadas sobre as intenções dos atos ilocutórios.

Embora muito tenha sido falado acerca do conceito de convenção, Austin (1962) enfatiza que os atos perlocutórios não são convencionais, uma vez que nem sempre seremos capazes de avaliar quais efeitos ou sequelas foram causados no interlocutor; ainda que as interações sociais orientem os falantes para determinadas atitudes linguísticas e comportamentais, é impossível julgar *todos* os efeitos causados por determinada enunciação – um ouvinte qualquer pode nos dar uma resposta inesperada, fugindo assim às convenções.

[...] perlocutionary acts are not conventional, though conventional acts may be made use of in order to bring off the perlocutionary act. A judge should be able to decide, by hearing what was said, what locutionary and illocutionary acts were performed, but not what perlocutionary acts were achieved. (AUSTIN, 1962, p. 122)

Isso posto, resumiremos até o presente momento os três conceitos principais apresentados na Teoria dos Atos de Fala, tendo como base Austin (1962, p. 109-110):

- (a) atos locutórios – enunciados com determinado senso de referência, similar à ideia tradicional de ‘significado’ ou ‘sentido’; ato físico;
- (b) atos ilocutórios – enunciados convencionais com força ilocutória; pretendem causar efeitos no interlocutor e/ou levá-lo a praticar determinada ação; os enunciados são percebidos como ações linguísticas: ao falar praticamos ações, a exemplo de *informar, ordenar, avisar, jurar, pedir, convencer* etc;
- (c) atos perlocutórios – resultados ou efeitos atingidos no interlocutor a partir dos atos ilocutórios. Por exemplo, se dizemos *Estou com sede* e um amigo nos traz um copo de água, o ato perlocutório consiste na ação do amigo de trazer o copo de água.

As discussões apresentadas consistem em um breve resumo de algumas das ideias principais que fundamentam a Teoria dos Atos de Fala. Outros aspectos são trabalhados de maneira muito detalhada pelos autores supracitados, a exemplo de *Condições de Felicidade*¹¹, *Princípios de Cooperação e Máximas Conversacionais*¹², *Implicaturas, Delicadeza Verbal, Pressuposições, Análise da Conversação* etc.¹³ Todavia, não exploraremos estas questões visto que estão ligadas, de maneira geral, ao estudo da conversação, o que não entra nos objetivos deste trabalho. Postos estes esclarecimentos, trataremos de outras questões que fundamentarão a posterior análise dos dados.

¹¹ Lima (2006, p. 38-44).

¹² Searle (1979, p. 44-57); Lima (2006, p. 57-65).

¹³ Lima (2006, p. 65-94).

3.2) Taxonomia dos Atos Ilocutórios

A fim de chegarmos à taxonomia adotada para esta pesquisa, é importante nos referirmos a alguns aspectos básicos que embasaram as classificações de Austin (1962), Searle (1979) e Lima (2006). Portanto, citaremos, brevemente, as noções de elocução performativa e constativa.

Austin (1962, p. 94) diz que, em princípio, não é fácil distinguir elocuições performativas de constativas e, por esta razão, faz-se necessário esclarecer que há diferença entre “[...] to say something *is* to do something, or *in* saying something we do something, and even *by* saying something we do something.” Então, é enfatizado o princípio básico da teoria, que diz que dizer algo é fazer algo, inclusive a produção de sons e quaisquer palavras que carreguem significados – no sentido filosófico do termo.

Por esta razão, ele separa os dois tipos da seguinte maneira: as ilocuições *constativas* se concentram no ato locutório; possuem correspondência simplificada com fatos, pois trazem em sua essência aspectos ilocutórios. No caso das performativas: centram-se ao máximo na força ilocutória e se abstraem da correspondência com os fatos. (AUSTIN, 1962, p. 146)

Lima (2006, p. 32) deixa esta diferença mais clara ao afirmar que, no caso das performativas, os verbos deixam explícitos os atos que estão sendo praticados. Por exemplo, a ilocução *Dá-me aí as chaves* sabemos que trata-se de um pedido; entretanto, se dissermos *Peço-te que me dê as chaves*, deixamos explícito o ato intencionado através do uso do verbo *pedir*. Neste caso, ele é chamado de verbo performativo. Outro exemplo citado pelo autor é a frase *O cão da nossa vizinha morde*. Neste caso, o ato ilocutório seria *avisar* ou *alertar*. Mas, caso utilizássemos a sentença *Aviso-te que o cão da nossa vizinha morde*, daí teríamos *avisar* como verbo performativo, o que deixaria evidente a ação realizada. Ferreira (2011, p. 7) ainda traz as noções de performativos felizes e infelizes, o que significa que “embora não sejam verdadeiros e nem falsos há uma série de condições que serão responsáveis de dizer que o ato foi plenamente realizado.”¹⁴

Considerando a diferença entre elocuições performativas e constativas, Austin (1962) propõe a seguinte taxonomia, de acordo com sua força ilocutória:

¹⁴ *Condições de Felicidade*: Lima (2006, p. 38-44).

Classificação dos atos	Definição	Exemplos
Vereditivos	Exprimem um veredito sobre um fato oficial ou não oficial; estão ligados a valores de verdadeiro ou falso, justo ou injusto etc.	inocentar, condenar, absolver, calcular, avaliar, analisar, estimar, descrever, classificar, medir etc.
Exercitivos	Posicionam/definem a decisão do falante a favor ou contra uma determinada ação.	ordenar, mandar, nomear, demitir, nomear, conceder, aconselhar, proclamar, votar, escolher, dedicar etc.
Compromissivos/ Comissivos	Designam atos com os quais o falante se compromete com uma determinada linha de ação.	Prometer, concordar, assegurar, jurar, planejar, consentir, garantir etc.
Comportativos	Relacionam-se a atitudes e comportamentos sociais dos falantes	desculpar-se, agradecer, compadecer-se, congratular, felicitar, aplaudir, criticar, dar boas vindas etc.
Expositivos	Emitem opiniões e argumentos, elucidam usos e referências; explicam concepções.	afirmar, negar, informar, ilustrar, responder, relatar, aceitar, formular, classificar, identificar, ilustrar etc

Quadro 1: Taxonomia de Austin para os atos ilocucionários¹⁵

Todavia, Searle (1979, p. 8-12) aponta algumas falhas nesta taxonomia. A principal dela consiste no fato de que nem todas as classificações de Austin podem ser consideradas atos ilocutórios, mas sim verbos ilocutórios. Por exemplo, *anunciar* não consistiria em um ato ilocutório, já que podemos praticar a *ação de anunciar* utilizando inúmeros outros verbos; neste caso, seria somente a maneira através da qual outros atos são realizados (um anúncio pode ser uma ordem, uma afirmação etc).

Uma outra crítica feita por ele [Searle] à classificação de Austin diz respeito á confusão entre atos e verbos, defendendo que a classificação deve ser aplicada aos atos e não aos verbos, uma vez que nem todos os verbos são ilocucionários, mas apenas alguns deles são providos desta força ilocucionária. Nesse sentido, verbos como considerar, estimar e pretender, para o referido filósofo, são apenas verbos, não atos, por não ter força ilocucionária. Estes teriam, então, objetivo (ponto), mas não apresentam intensidade (força). (PEREIRA, 1999, p. 168 *apud* COSTA, 2010, p. 268)

Assim, devido a lacunas como esta no estudo de Austin,¹⁶ Searle (1979, p. 12-20) propõe uma nova classificação do atos ilocutórios, a qual é também adotada por Lima (2006, p. 45-50).

Classificação dos atos	Definição	Exemplos
Assertivos	Comprometem o falante, em maior ou menor grau, à verdade da proposição; são suscetíveis aos	ser, afirmar, informar, avaliar, negar, gabar-se, reclamar, concluir, deduzir, sugerir etc.

¹⁵ Baseado no artigo de Costa (2010, p. 267-268).

¹⁶ Não é tema deste trabalho discutir de maneira aprofundada as falhas apresentadas por Searle na taxonomia de Austin (1962). Para tal, ver Searle (1979, p. 8-12).

	valores de crença de verdadeiro/falso.	
Diretivos	Exprimem o desejo de levar o interlocutor a praticar uma ação.	pedir, convidar, mandar, rogar, permitir, proibir, aconselhar, afrontar, desafiar, etc.
Compromissivos ou Comissivos	Comprometem o falante a realizar uma ação futura.	prometer, jurar, comprometer-se, ameaçar etc.
Expressivos	Expressam um estado psicológico acerca de um estado de coisas.	agradecer, congratular, desculpar-se, dar pêsames, deplorar, dar as boas vindas, lamentar etc.
Declarativos	Mudam ou produzem um novo estado de coisas. Estão ligados a instituições, hierarquias ou cargos.	definir, intitular, nomear, declarar (aberta ou fechada uma sessão, alguém culpado ou inocente), demitir alguém, batizar etc.

Quadro 2: Taxonomia de Searle/Lima para os atos ilocucionários¹⁷

Em suma, tendo em vista que a taxonomia de Searle e Lima trata-se de uma revisão da de Austin, ou seja, é mais atual, esta será a adotada para a análise dos atos de fala nos *posts* políticos. Isso posto, faz-se relevante para nossa análise a menção aos atos ilocutórios indiretos, os quais também fazem parte desta pesquisa.

3.3) Atos Ilocutórios Indiretos

Até então discorreremos acerca dos atos linguísticos diretos; todavia, em nossas interações cotidianas, quase sempre fazemos uso de atos indiretos – aqueles que são preferidos principalmente a partir de perguntas, inferências e pressuposições – os quais serão sucintamente abordados neste capítulo.

Se dizemos *Nossa, está muito calor hoje!*, nosso ouvinte pode interpretar tal enunciado de inúmeras maneiras, dependendo do contexto da enunciação: um convite para irmos à praia; um pedido para ligar o ar condicionado ou o ventilador; um pedido para abrir a janela; um aviso de que vai tomar um banho frio; uma recusa de caminhar na rua; uma explicação para um mal estar etc. Ou ainda, imaginemos este diálogo entre duas amigas:

X: *Você viu os preços das roupas?*

Y: *Estou completamente sem dinheiro!*

¹⁷ Baseado no artigo de Costa (2010, p. 269).

Neste caso, Y pode ter interpretado a afirmação de X como um convite para comprar roupas (em um *shopping*, em uma loja já conhecida, no centro da cidade, em um brechó, numa feira etc); E a afirmação da amiga Y pode tratar-se de uma recusa ao convite.

Nas duas situações supracitadas, os atos ilocutórios realizados não são óbvios. Os interlocutores precisariam de um contexto para interpretá-los, conforme inferências e pressuposições. Por exemplo, ao interpretamos *Nossa, está muito calor hoje!* como uma explicação para um possível mal estar, pressupomos que o falante não está se sentindo bem; se interpretamos *Você viu os preços das roupas?* como um convite para ir ao *shopping*, pressupõe-se que o falante é apreciador de compras em centros comerciais. E assim poderíamos citar inúmeros exemplos de possíveis interpretações para estes enunciados. Conforme Searle (1979, p. 31-32),

In indirect speech acts the speaker communicates to the hearer more than he actually says by way of relying on their mutually shared background information, both linguistic and nonlinguistic, together with the general powers of rationality and inference on the part of the hearer. [...] in some cases, convention plays a most peculiar role.

Ferreira (2011, p. 3) afirma que, nos atos indiretos, os componentes da força ilocutória são reelaborados e esta fica implícita, fazendo assim com que “o contexto onde a proposição é proferida [seja] o maior influenciador para identificarmos a força ilocucionária que ocorre na frase.” Em outras palavras, para que se compreenda um ato indireto, Lima (2006, p. 54), cita dois fatores cruciais: (i) conhecimentos de uma língua, de atos linguísticos, de princípios de cooperação conversacional e de mundo; (ii) capacidade de fazer inferências. Todavia, devemos lembrar que os falantes – diferentemente de um linguista – não possuem estes conhecimentos de forma ciente, teórica ou refletida; seus conhecimentos são empíricos e práticos, resultantes de suas atividades cotidianas de comunicação.

Outras formas de se praticar atos indiretos citadas por Searle (1979, p. 56) consistem em propostas indiretas desempenhadas como asserções indiretas, como na sentença *I think I ought to help you* ou, em português, frases do tipo *Posso te levar ao médico, Não me importaria de fazer o jantar, Te dou uma carona após o trabalho* etc. Entretanto, por questões de delicadeza ou cortesia¹⁸, a classe dos diretivos é geralmente a mais comum nestes tipos de atos; uma vez

¹⁸ Lima (2006, p. 56, 68-71).

que os diretivos pretendem levar o interlocutor a realizar uma ação, por questões de convenção social, frequentemente utilizamos formas indiretas e polidas:

In the field of indirect illocutionary acts, the area of directives is the most useful to study because ordinary conversational requirements of politeness normally make it awkward to issue flat imperative sentences (e.g. "Leave the room") or explicit performatives (e.g. "I order you to leave the room"), and we therefore seek to find indirect means to our illocutionary ends (e.g. "I wonder if you would mind leaving the room"). In directives, politeness is the chief motivation for indirectness. (SEARLE, 1979, p. 36)

Por fim, Searle (1979, p. 55) destaca que, ao lidarmos com estados psicológicos dos sujeitos, não é possível praticarmos atos indiretos a partir de questionamentos acerca de nossos próprios sentimentos, possibilidades ou desejos; por exemplo, não seria possível um ato do tipo *Eu poderia trazer o café?* ou *Eu gostaria de te ajudar?* Nestes casos, o falante pode realizar asserções indiretas, como citadas anteriormente (*Eu posso trazer o café; Eu quero te ajudar*). Em suma, o autor afirma que o falante pode realizar atos indiretos em forma de perguntas sobre o estado psicológico do outro, e em forma de asserções sobre seu próprio estado psicológico.

Todavia, embora Searle tenha defendido esta hipótese, uma questão que se levanta é: e quando estamos refletindo acerca de nossos desejos? Por exemplo, uma situação muito comum: avistamos uma pessoa com quem gostaríamos de falar, mas por alguma razão temos receio, e refletimos *Será que devo ir cumprimentá-la?* Neste caso, não estaríamos realizando um ato diretivo indireto sobre nosso próprio estado psicológico? Não seria uma intenção de forçarmos a nós mesmos a realizar uma ação? Por esta razão, deixo a dúvida quanto à afirmação de Searle.

Os atos de fala indiretos são muito mais complexos e dariam margem a outras inúmeras discussões; contudo, nosso objetivo foi somente apresentar um breve resumo de ideias gerais, a fim de embasar nossa posterior análise dos dados.

3.4) Outros Aspectos Linguísticos Relacionados aos Atos de Fala: Referenciação, Intertextualidade, Metáfora e Literalidade

Além das questões básicas discutidas anteriormente, as quais embasam a teoria dos Atos de Fala, os autores ainda mencionam aspectos relacionados, como Referenciação, Metáfora,

Literalidade e Intertextualidade. É importante mencioná-los sucintamente, uma vez que também aparecem nos *posts* e memes coletados para nossa análise.

No que diz respeito à relação entre Pragmática e Referenciação, Lima (2006) postula que este vínculo seja talvez o maior contributo da Pragmática para a Semântica e a Lexicografia, já que o significado, pelos paradigmas atuais dos Estudos Linguísticos, não pode ser desvinculado do contexto de interação sociocultural. Ou seja, a intenção e o objetivo do uso de um item lexical são fundamentais para o estudo da Referenciação:

[...] a descrição do significado de qualquer unidade elementar do léxico ou da gramática exige a menção do objectivo, ou objectivos, ilocutórios prototípicos para a realização do qual, ou dos quais, o uso desta unidade contribui. (LIMA, 2006, p. 100, grifos do autor)

Searle (1969) também dedica-se à importância da referenciação para os estudos dos atos ilocutórios, e chama de expressão referencial (*‘referring expression’*) qualquer expressão que sirva para identificar coisas, processos, eventos, ações ou qualquer tipo de sujeito ou particularidade. O autor ressalta que não é a estrutura gramatical superficial que irá definir a função referencial de um vocábulo, mas sim a sua função performativa: “It’s by their function, not always by their surface gramatical form or their manner of performing their function, that referring expressions are to be known.” (SEARLE, 1969, p. 26-27)

Os substantivos (ou orações substantivas) são a classe gramatical que mais representa os processos de referenciação. Por esta razão, Lima (2006, p. 100) afirma que eles “parecem poder participar de toda espécie de actos ilocutórios [...]”. Todavia, o autor também destaca que a função pragmática prototípica vale também para adjetivos e verbos, ou “qualquer unidade lexical e gramatical.” Assim, os atos ilocutórios não relacionam-se apenas à força ilocutória dos verbos, mas sim a todo item lexical – e anafórico – que irá referenciar e contextualizar um determinado enunciado.

Outro fator textual ligado diretamente aos processos de referenciação consiste na intertextualidade. Este tema será brevemente discutido uma vez que, em muitos *posts*, encontramos referências a outros textos (a exemplo de letras de música, capas de revista, matérias jornalísticas etc), visando chamar a atenção dos leitores e persuadi-lo, muitas vezes de forma lúdica e irônica. Portanto, algumas questões básicas nos ajudarão a compreender estas

relações, como coesão, anáfora, catáfora, dêiticos, elipses, itens lexicais, pronominalização e co-texto.

Searle (1969, p. 25) já havia discutido a relação entre atos de fala e intertextualidade, ao afirmar que “[...] the characteristic grammatical form of the propositional acts are parts of sentences: grammatical predicates for the act of predication, and proper names, pronouns, and certain other sorts of noun phrases for reference.” Por isso, o efeito ilocutório de um determinado enunciado não será deduzido somente a partir do verbo; os outros elementos constituintes da frase e seus referentes desempenham um papel fundamental no contexto da enunciação. Destacamos que, embora a Teoria dos Atos de Fala trate primordialmente das interações orais, tendo em vista que nosso objeto de pesquisa consiste em textos escritos, alguns conceitos do campo da Linguística Textual são relevantes para este estudo.

Um deles é o de *análises transfrásticas* (grifo nosso), as quais tendem a explicar os fenômenos perceptíveis no interior do texto, como os processos de correferenciação, pronominalização, seleção de artigos, concordância verbal etc. (KOCK, 1999 *apud* GOMES, 2008) Outros elementos referenciais que contribuem para a percepção da intertextualidade, ou seja, ajudam o leitor a recuperar informações de outros textos, estão as anáforas, catáforas, dêiticos, elipses e os substitutos léxicos. Ainda assim, Koch e Elias (2006) afirmam que uma determinada oração não expressa completamente a informação necessária para a transmissão do sentido, quando dependente de outros textos. Desta forma, torna-se fundamental a retomada a partes do texto referenciado, o chamado *co-texto* (grifo nosso), a fim de identificar qualquer informação que possa complementar ou atualizar a informação expressa/intentada.

O fenômeno de correferência [...] consiste em duas ou mais expressões de um texto se referirem a uma mesma entidade do discurso. Caso uma entidade seja referenciada pela primeira vez em um texto, a expressão que a descreve é dita nova no discurso. Quando tal entidade é retomada, a expressão que a descreve é dita anafórica, e a expressão anterior é considerada seu antecedente. (MARCUSCHI, 1998 *apud* GOMES, 2008, p. 152)

Enfim, dentre os recursos de correferenciação, citaremos a anáfora, por se tratar de um dos mecanismos mais importantes de coesão nos discursos. Ao estudarmos a intertextualidade, é imprescindível partirmos da compreensão das relações anafóricas – e catafóricas – dado que

elas estabelecem “as relações de identidade semântica entre unidades textuais descontínuas”¹⁹, mas no âmbito de um único texto.

Por fim, Kock (2003) também ocupa-se da noção de anáfora indireta, ou seja, aquela que não possui referente explícito no co-texto. Para perceber estas relações intertextuais, o leitor/interlocutor parte de inferências e de seu repertório linguístico, “a mobilização de conhecimentos dos mais diversos tipos armazenados na memória dos interlocutores”, denominadas *âncoras*. (MARCUSCHI, 2005 *apud* GOMES, 2008, p. 153)

Além do fenômeno da referenciação, outros fatores indiretos também influenciam a compreensão de um determinado enunciado, como já dito anteriormente. Juntamente à força ilocutória expressa pelo verbo, fatores contextuais e extralinguísticos influenciam a percepção/entendimento de um ato de enunciação. Searle (1979, p. 26-27) reitera que

In hints, insinuations, irony, and metaphor – to mention a few examples – the speaker’s utterance meaning and the sentence meaning come apart in various ways. One important class of such cases is that in which the speaker utters a sentence, means what he says, but also means something more.

A partir desta afirmação, podemos ratificar a importância dos atos indiretos e das diversas estratégias linguísticas (figuras de linguagem, fatores de textualidade etc) que os falantes utilizam, a fim de comunicar algo que nem sempre está evidente somente na frase. Como colocado no início deste capítulo, os estudos tradicionais da Semântica centravam-se prioritariamente em análises descontextualizadas, baseando-se em valores de verdadeiro ou falso, em correspondência com as ‘coisas do mundo’. Até então era concebido que somente a proposição, sem o apoio do contexto, das inferências e do repertório dos falantes, poderia determinar as suas condições de verdade.

Todavia, até mesmo nas sentenças literais, nas quais coincidem o significado atribuído pelo falante com o da frase, Searle (1979, p. 80) defende que o que mais contribui para as condições de verdade do enunciado são, na verdade, os pressupostos e inferências trazidos pelos falantes, e não somente a carga semântica da proposição. Assim, a comunicação só é bem-sucedida

¹⁹ KOCH, 2001; ILARI, 2001; 2002 *apud* GOMES, 2008, p. 150.

quando falante e ouvinte compartilham as mesmas condições de verdade, (pre)suposições e *background* linguístico.

Portanto, um dos acréscimos da Teoria dos Atos de Fala aos Estudos Linguísticos consistiu no destaque ao que é extralinguístico, ou seja, o ‘algo a mais’ que o falante pretende comunicar e que, entretanto, nem sempre está expresso de maneira literal. Deste modo, na maioria das vezes, as informações que trazemos em nosso repertório é o que nos permite atribuir significado aos enunciados.

Some other instance of the break between speaker’s utterance meaning and literal sentence meaning are irony and indirect speech acts. In each of the cases, what the speaker means is not identical with what the sentence means, and yet what he means is in various ways dependent on what the sentence means. (SEARLE, 1979, p. 77)

Em síntese, nas proposições literais, o significado conferido pelo falante é igual ao significado proferido pela frase. O ouvinte não precisa de conhecimentos dependentes de inferências contextuais, mas somente do conhecimento da língua e compartilhamento de experiências. Por exemplo, se dissermos *Portugal fica na Europa*, trata-se de um fato. Não dependemos de um contexto interacional para perceber as condições de verdade dessa afirmação; os interlocutores somente precisam partilhar dos pressupostos de que Portugal é um país e Europa é um continente.

No caso das proposições metafóricas ou indiretas, as condições de verdade da sentença não estão diretamente ligadas às condições de verdadeiro ou falso de forma literal. O ouvinte precisa de ‘algo mais’ – uma combinação de princípios, assunções, informações fatuais, inferências contextuais etc – que o permita compreender a informação intentada por seu interlocutor; “[...] some combination of principles and information that enables him to figure out that when the speaker says ‘S is P’, he means ‘S is R’.” (SEARLE, 1979, p. 85)

Em conclusão, visamos neste capítulo a apresentar uma breve discussão acerca da Teoria dos Atos de Fala e alguns aspectos ligados a ela, que fundamentarão nossa posterior análise de dados. Esta teoria foi escolhida como base para esta tese, uma vez que trata diretamente das intenções do enunciador em levar seu ouvinte a praticar uma ação ou crer em algo, a partir de atos ilocutórios. Lima (2006, p. 101) reforça que “[...] quando comunicamos, visamos não só a compreensão do interlocutor mas visamos também, de uma forma ou de outra, influenciar o

interlocutor” e, por esta razão, o conhecimento pragmático da língua pode nos ajudar a tomar consciência dessas formas de influência.

[...] conceitos pragmáticos como **expressão performativa**, **acto ilocutório**, **pressuposição**, etc, nos podem auxiliar a defendermo-nos de abusos praticados na comunicação. [...] exemplos de abusos comunicativos são frequentes no discurso político, no discurso econômico e, em geral, em todo o discurso que envolve a tomada de posições. (LIMA, 2006, p. 102, grifos do autor)

Desta maneira, tendo em vista que nosso objeto de estudo consiste em *posts* e memes políticos no Facebook, veremos que são diversas e criativas as estratégias de argumentação para convencimento do outro e disseminação de pontos de vista – num sentido social, político e ideológico – dos membros da referida rede social; e os tipos de atos ilocutórios realizados nos ajudarão a formular hipóteses acerca dessas intenções.

Capítulo 4

Texto, Discurso, Tipos, Gêneros e Estilos Textuais

Tendo em vista que um dos nossos objetivos consiste em identificar os gêneros textuais que mais se destacaram no *Facebook* no período das últimas eleições presidenciais no Brasil, neste capítulo apresentaremos algumas noções *tradicionais* de texto e discurso, tipos e gêneros textuais, e uma pequena ideia do que seria o estilo, para que assim possamos prosseguir, para os gêneros discursivos digitais na rede social.

4.1) Texto e Discurso

Como base para a compreensão das concepções de texto e discurso, é importante citarmos o papel do sujeito e como este tem sido entendido dentro dos estudos linguísticos atuais. Nos anos 60, duas concepções básicas de sujeito eram supostas: a primeira entendia-o como um ser pronto, que simplesmente se apropriava da língua e transmitia mensagens a outros sujeitos; a segunda tratava-o como produto do meio, sujeitado às condições históricas. De acordo com Geraldi (1997, p. 19), o sujeito preenchia “um lugar social reservado pela estrutura (ideológica) que define o dizível e como exercer o papel neste lugar social previamente estabelecido.” Entretanto, tais caracterizações de sujeito não atendem às particularidades defendidas por visões mais abrangentes de textos, produzidos por sujeitos que não são somente produtos de uma realidade social, histórica e ideológica, mas que também a modificam, num contínuo processo dialógico.

Somente com os estudos de Bakhtin, que considera o sujeito como um ser que repete, mas também cria e constrói novos atos e gestos, em um movimento histórico de criação e repetição, o sujeito começou a ser visto não só como um produto da herança cultural, mas também como um ser que age ativamente sobre ela. Os estudos bakhtinianos sobre consciência, sígnica e ideológica, tida como produto das interações verbais concretas, nas quais as diferentes visões se confrontam e as palavras geram contrapalavras, também contribuíram para essa mudança de foco nas ideias/acepções de sujeito e de linguagem. (GERALDI, 1997 *apud* MILANEZI, 2011, p. 22-23)

Bakhtin (2003, p. 307) postula que um texto, de maneira geral, consiste em “[...] qualquer conjunto coerente de signos [e] pensamentos sobre pensamentos, vivências das vivências, palavras sobre palavras, textos sobre textos” e “cada texto pressupõe um sistema universalmente aceito” (*op. cit.*, p. 309) – ou seja, o texto deve estar submetido às convenções

de um determinado grupo. Neste caso, a ideia bakhtiniana de texto relaciona-se às concepções de dialogismo, polifonia e interdiscurso, já que o signo é ideológico e suas representações constituídas socialmente.

Ainda conforme Bakhtin (2003), é a realização de uma intenção que irá definir a concretização de um texto. Assim, cada texto constitui uma singularidade perante os acontecimentos – respostas individuais a fatos do mundo – e são as inter-relações entre estes elementos (intenção, singularidade, acontecimentos) que definirão a índole textual. Para o autor, já que a língua manifesta-se através de enunciados singulares (orais e escritos), um texto consistiria então em um enunciado, sempre novo – já que cada enunciação depende de seu contexto situacional – e de caráter dialógico.

O enunciado se constrói em função das atitudes responsivas dos outros, portanto o papel destes, para os quais se elabora um enunciado, é bastante significativo. Daí deriva um outro traço fundamental do enunciado, que é o seu endereçamento, pois tem autor e destinatário, que pode ser participante direto do diálogo, uma coletividade, algum campo da comunicação cultural, um público diferenciado, um povo, uma pessoa íntima ou um estranho, assim como pode tratar-se de alguém indefinido. (BAKHTIN, 2003 *apud* MILANEZI, 2011, p. 19)

O dialogismo neste caso manifesta-se no que o autor chama de *réplicas*, ou seja, as relações entre as enunciações dos interlocutores do discurso. As correspondências entre essas enunciações se caracterizariam como: pergunta-resposta; aceitação-objeção; afirmação-concordância; entre outras. Desta forma, a visão bakhtiniana critica as análises parciais e desmembradas de texto e cuida da ideia de conjunto textual e discursivo: organização, interação verbal, contexto, intertexto, interdiscurso e dialogismo. Geraldi (1997, p. 22) afirma que:

O texto (oral ou escrito) é precisamente o lugar das correlações: construído materialmente com palavras (que portam significados), organiza estas palavras em unidades maiores para construir informações cujo sentido/orientação somente é compreensível na unidade global do texto. Este, por seu turno, dialoga com outros textos sem os quais não existiria. Este *continuum* de textos que se relacionam entre si, pelos mesmos temas de que tratam, pelos diferentes pontos de vista que os orientam, pela sua coexistência numa mesma sociedade, constitui nossa herança cultural.

Logo, o texto se evidencia “enquanto discurso que remete a uma relação intersubjetiva constituída no próprio processo de enunciação marcada pela temporalidade e suas dimensões.” (GERALDI, 2003, p. 135) O autor corrobora que não produzimos discursos completamente novos, sem a influência de outros; todavia, o sujeito compromete-se com a sua palavra, produzindo, reafirmando e deslocando novos sentidos.

Fávero (1993, p. 6) afirma que todo sujeito possui *competência textual*, a qual consiste na capacidade inerente a cada falante de “distinguir um texto coerente de um aglomerado incoerente de enunciados.” Além disso, é também a capacidade que todo falante possui de produzir e parafrasear um texto, resumi-lo, atribuir-lhe um título e distinguir diversos tipos de texto (por exemplo, um falante pode distinguir uma conversa de um texto científico, uma receita de bolo de uma poesia etc.)

Portanto, tudo o que é dito, pensado e escrito carrega um conteúdo ideológico e, por esta razão, o “discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc.” (BAKHTIN, 2006, p. 128). O texto então é apercebido como um tecido organizado e estruturado, carregado de significação, e objeto de comunicação e de uma cultura. Assim, a concepção de texto engloba a ideia bakhtiniana de enunciado, sob o viés discursivo e sócio-histórico.

É bastante comum confundirmos as noções de texto e discurso que, por ora, muitas vezes irão se entrecruzar. O discurso consiste na prática social de produção de textos. Isto significa que todo discurso é uma construção social, não individual, e que só pode ser analisado considerando seu contexto histórico-social, suas condições de produção; significa ainda que o discurso reflete uma visão de mundo determinada, necessariamente, vinculada à do(s) seu(s) autor(es) e à sociedade em que vive(m). O texto, por sua vez, corresponde ao produto da atividade discursiva, o objeto empírico de análise do discurso; é a construção sobre a qual se debruça o analista para buscar, em sua superfície, as marcas que guiam a investigação científica. Podemos definir o texto como qualquer manifestação falada, escrita ou imagética provida de significação e caracterizada pelos fatores da textualidade. (FÁVERO, 1993)

Halliday e Hasan definiram texto como *uma unidade de uso da língua em uma situação de interação* e como *uma unidade semântica*: “Um texto é mais bem pensado não como uma unidade gramatical, mas antes [...] como uma unidade semântica. A unidade que o texto tem é uma unidade de sentido em contexto, uma textura que expressa o fato de que ele se relaciona como um todo com o ambiente no qual está inserido”. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2012, p. 476, grifos dos autores)

Em suma, as diferentes acepções de texto e discurso acabaram por criar uma confusão entre os dois termos, ora empregados como sinônimos, ora usados para designar entidades diferentes. Para Van Dijk o discurso é a unidade passível de observação, aquela que se interpreta quando se vê ou se ouve uma enunciação, enquanto o texto constitui-se na unidade teoricamente

reconstruída, subjacente ao discurso. Cardoso (2005) afirma que o texto corresponde à “manifestação verbal do discurso”, em outras palavras, os textos são a concretização dos discursos. (FÁVERO, 1993)

Considerando as diferenças nas definições de texto e discurso, vale a pena lembrar que não somente os textos foram classificados em gêneros e tipologias. Como nosso trabalho pretende analisar o discurso político no *Facebook*, faz-se relevante citar brevemente os tipos de discurso apresentados por Charaudeau; Maingueneau (2012, p. 468). Os autores destacam que, na tradição francófona, duas significações restringem as definições de tipologias discursivas:

- (i) A oposição entre ‘tipo de discurso’ e ‘gênero de discurso’ – ex.: o tipo *discurso político* pode se concretizar a partir de diversos gêneros: debates televisivos, panfletos, programas eleitorais etc.
- (ii) Os modos de estruturação combinados nos textos concretos – ex.: *discurso interativo, narrativa interativa, discurso teórico, narração*.²⁰ Estes se manifestam como *tipos linguísticos* (mobilizam marcas específicas nas línguas naturais) e *arquétipos psicológicos*. Também são apresentados outros nove tipos de discurso, baseados em três critérios: semântico-referencial (narrativo, descritivo, expositivo), enunciativo (intervenção, discurso escrito, realizações orais ou escritas) e pragmático (injuntivo, explicativo, argumentativo).²¹

Isso posto, trataremos dos gêneros e tipos textuais utilizando suas definições mais comuns e debatidas no meio acadêmico, tendo em vista os tipos do discurso apresentados acima.

4.2) Tipos e Gêneros Textuais

Marchuschi (2002, p. 23-24) afirma que os tipos textuais são definidos pela “natureza linguística de sua composição” (léxico, sintaxe, tempos verbais e relações lógicas) e são norteados através da identificação de sequências linguísticas típicas, ao passo que nos gêneros predominam critérios de “ação prática, circulação sócio-histórica, funcionalidade, conteúdo temático, estilo e composicionalidade.”

²⁰ BRONCKART (1996, p.138 *apud* CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2012, p. 468, grifos dos autores).

²¹ BOUCHARD (1991 *apud* CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2012, p. 468, grifos dos autores).

Desta forma, cabe uma ressalva quanto aos *modos de organização do discurso* na perspectiva da AD. Na visão de Charaudeau (2010 *apud* MILANEZI, 2011, p. 16-17), o discurso é organizado de acordo com as finalidades comunicativas do enunciador: enunciar, descrever, contar, argumentar. Estes modos são explicados da seguinte maneira:

- (i) Enunciativo: categoriza a posição do interlocutor em relação ao outro (superioridade, inferioridade), ao que ele diz (ponto de vista do enunciador) e ao que o outro diz (ponto de vista externo);
- (ii) Descritivo: vê o mundo com um olhar parado, nomeando, localizando e atribuindo qualidades a seres;
- (iii) Narrativo: caracteriza-se por uma dupla articulação: uma sucessão de ações que segue uma lógica e a realização de uma representação narrativa. A lógica narrativa é composta por actantes, processos e sequências; a encenação narrativa é constituída tanto pelo(s) autor(es) como pelo(s) leitor(es) e se configura segundo determinados procedimentos, que dependem das intervenções e identidades do autor, de seu estatuto e seu ponto de vista.
- (iv) Argumentativo: demanda que exista uma proposta sobre o mundo que provoque um questionamento sobre a sua legitimidade, um sujeito que se engaje quanto a esse questionamento e tente estabelecer uma verdade sobre ele, bem como um outro sujeito que se constitua como alvo dessa argumentação.

Assim, os tipos textuais são classificados por Marchuschi (2002) em 05 categorias – *narração, argumentação, exposição, descrição e injunção* – enquanto os gêneros são inúmeros: telefonema, carta pessoal, carta comercial, bilhete, resenha, notícia de jornal, *chats, e-mails, sms*, cardápio, panfleto, cartaz, charge etc. Conforme o autor, os gêneros discursivos não se originaram *do nada*, mas têm sido modificados e adaptados conforme as nossas necessidades comunicativas.²² Além disso, muitos gêneros têm diminuído as diferenças entre as linguagens orais e escritas; hoje, há uma grande miscigenação entre estas duas linguagens até mesmo nos gêneros mais formais (como matérias jornalísticas ou textos acadêmicos).

Marcuschi faz a distinção entre gênero, forma concretamente realizada, encontrada nos diversos textos empíricos, e tipo textual, construto teórico que abrange categorias determinadas. Entre essas categorias – que podem ser simplesmente oral ou escrito,

²² A exemplo do gênero *meme*, que surgiu com a disseminação das redes sociais e que será um dos escolhidos para análise.

literário ou não-literário – se encontram as cinco bases temáticas para os tipos textuais propostos por Werlich (1973): base temática descritiva, base temática narrativa, base temática expositiva, base temática argumentativa e base temática instrutiva. Assim, é importante notar que, enquanto os gêneros textuais são teoricamente ilimitados, os tipos textuais constituem um conjunto fechado. (BALDO, 2004, p. 5)

De acordo com Charaudeau; Maingueneau (2012, p. 249), “a noção de gênero remonta à Antiguidade”, primeiramente na tradição crítica literária²³ e, mais tarde, “nas análises do discurso e textuais.” Os autores discutem quatro pontos de vista que norteiam a discussão acerca das tipologias e gêneros textuais:

- (i) Ponto de vista funcional: as produções textuais podem ser classificadas segundo o pólo do ato de comunicação em direção ao qual elas são orientadas. (Exs.: Jakobson (1963): funções *emotiva, conativa, fática, poética, referencial e metalinguística*; Halliday (1973): funções *instrumental, internacional, pessoal, heurística, imaginativa etc.*; Brown e Yule (1983): funções *transacional e interacional*;
- (ii) Ponto de vista enunciativo: considera aspectos formais do texto e suas características mais recorrentes; coloca em evidência regularidades ou invariantes do discurso no nível de estruturação longitudinal;
- (iii) Ponto de vista textual: voltado à organização do texto; procura definir a sua regularidade composicional e valores prototípicos, a exemplo de narrativas, descrição, argumentação etc. (ADAM, 1999) Este ponto de vista seria o mais aproximado das definições de gênero textual;
- (iv) Ponto de vista comunicacional: para Maingueneau e Cossuta – tipos de discurso que aspiram a um papel (discurso religioso, científico, literário, filosófico, jurídico); para Charaudeau – discurso social; contrato global de comunicação; discurso condicionado às condições de produção situacionais, as quais determinam as características da organização discursiva formal; gêneros situacionais; para Bakhtin – gêneros primários (produções espontâneas, cotidianas) e gêneros secundários (institucionalizadas, elaboradas, a exemplo de científicas e literárias).

É importante lembrar que nem sempre um gênero textual se manifesta de forma isolada; em uma sequência textual, muitas vezes encontramos muitos gêneros ‘combinados’. Marchuschi (2002) chama esta miscelânea de *intertextualidade intergêneros*. Por esta razão, para fins de

²³ Os autores apresentam uma discussão detalhada sobre gêneros literários desde a Antiguidade, contudo, não abordaremos este tema por não se tratar do objeto desta pesquisa.

análise, geralmente escolhemos aquele que é predominante, conforme suas características, seu contexto de uso e as intenções do interlocutor. Por exemplo, em um jornal qualquer, podemos encontrar um poema com o propósito de artigo de opinião; ou um cartaz ou uma charge podem trazer um trecho de uma letra de música a fim de chamar a atenção do leitor; ou uma letra de música escrita em forma de receita²⁴; e assim poderíamos citar inúmeros casos onde os gêneros se ‘misturam’, conforme o propósito da comunicação.

O contrário também pode ocorrer: em um determinado gênero, poderemos nos deparar com mais de uma tipologia, por exemplo, uma carta pessoal pode apresentar marcas de descrição e injunção. Este caso Marchuschi (2002) define como *heterogeneidade tipológica*. Sobre a heterogeneidade de tipos e gêneros textuais, podemos ainda complementar com o que Bakhtin (2003) classificou como gêneros primários e secundários.

Antes de preocupar-se em classificar os diferentes gêneros discursivos, Bakhtin chama a atenção para a sua diversidade: sendo utilizados em todas as esferas da atividade humana, eles vão se diferenciando e ampliando na medida em que estas se desenvolvem ou se ampliam. No seu entender, ao invés de se privilegiar o estudo de apenas alguns gêneros (literários, retóricos, do discurso cotidiano), o mais importante é levar em conta a diferença fundamental entre gêneros primários, ou simples, e secundários, ou complexos. (BALDO, 2004, p. 2)

Assim, entendemos que a aparente unidade discursiva de um determinado gênero pode revelar uma grande mescla e heterogeneidade. Resumidamente, os gêneros primários consistem nos atos de comunicação verbal espontâneos (a réplica do diálogo cotidiano, a carta etc), enquanto os secundários aparecem “em circunstâncias de uma comunicação cultural mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica.” (BAKHTIN, 2003, p. 281) A esse respeito, afirma Bakhtin (*op.cit*, p. 28, grifos do autor)

Falamos apenas através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os enunciados possuem *formas* relativamente estáveis e típicas de *construção do todo*”. Segundo o mesmo autor, a heterogeneidade desses gêneros é grande e não pode ser minimizada, mas é importante distinguir os gêneros primários discursivos (simples), que se formam nas condições de comunicação discursiva imediata, dos secundários (complexos), que são formados pela incorporação e reelaboração dos primários e surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e organizado, como romances, dramas e pesquisas científicas de toda espécie.

Postas estas considerações, sabemos que os textos se manifestam através de tipos e gêneros. Por isso, o debate acerca de gêneros e tipos textuais é fundamental para o propósito de nossa

²⁴ Como a música *Os Anjos*, da famosa banda brasileira Legião Urbana, que é escrita em forma de receita.

pesquisa já que “o texto é o dado (realidade) primário e ponto de partida de qualquer disciplina nas ciências humanas.” (BAKHTIN, 2003, p. 319) Assim, é por via dos textos e da competência textual dos falantes que se manifestam as condições concretas da vida, nossos processos de interação, concepções de realidade, valores de verdade, ideologias etc. Um autor que apresenta uma definição de gênero é Travaglia (*apud* SILVA, s/d, grifo do autor)

Travaglia diz que o **Gênero Textual** se caracteriza por exercer uma função social específica. Para ele, estas funções sociais são pressentidas e vivenciadas pelos usuários. Isso equivale a dizer que, intuitivamente, sabemos que gênero usar em momentos específicos de interação, de acordo com a função social dele. Quando vamos escrever um e-mail, sabemos que ele pode apresentar características que farão com que ele ‘funcione’ de maneira diferente. Assim, escrever um e-mail para um amigo não é o mesmo que escrever um e-mail para uma universidade, pedindo informações sobre um concurso público, por exemplo.

Já em Marcuschi (2002), encontramos diversas definições para gênero textual. Em resumo, o gênero textual constitui-se em textos materializados, com os quais nos deparamos diariamente, que possuem “características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica.” (MARCHUSCHI, 2002, p.23)

Em outras palavras, afirma-se que gêneros são “formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínio discursivos específicos.” (*op. cit.*, p. 25) Assim, Marcuschi (2008) postula a noção de gênero textual como forma de ação social e não somente como entidade linguística formalmente construída e estas construções ocorrem nos níveis escritos, orais, verbais e não-verbais, já que referem-se a qualquer categoria do discurso, em seu sentido amplo.

4.3) Estilo

Nossa intenção aqui não consiste no aprofundamento dos conceitos de estilo ou estilística, mas somente um rápido comentário, já que em nossa análise mostraremos algumas exemplos de *posts* nos quais o estilo da escrita do autor revela aspectos linguísticos interessantes acerca dos gêneros, características da forma de interação na rede social estudada, o *Facebook*, e até mesmo questões socioideológicas – como o posicionamento do sujeito diante de um fato político, ou como este sujeito pretende ‘atingir’ ou convencer o seu leitor, por exemplo.

A Estilística como disciplina apareceu na segunda metade do século XIX, em intersecção com a Retórica e a Linguística, com a junção do ensino da ‘arte de escrever’. Hoje, ela pode ser aplicada tanto aos *corpora* literários como a todos os usos da língua. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2012, p. 216) Para este trabalho, é interessante citar o modelo de estilística defendida por Bally (1913, p.158 *apud op. cit.*, p. 217), o qual a aborda sob “o ângulo da ‘expressividade’, das relações entre linguagem ‘afetiva’ e linguagem ‘intelectual’: [...] a língua falada, com seu conteúdo afetivo e subjetivo.”

Por *estilo*, compreende-se a forma constante – e às vezes os elementos, as qualidades e a expressão constantes – na arte de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos. O termo se aplica também à atividade global de um indivíduo ou de uma sociedade, como quando se fala de um *estilo de vida* ou do *estilo de uma civilização*. (SCHAPIRO, 1953 *apud* CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2012, p. 217, grifos do autor)

Em AD, conforme Charaudeau; Maingueneau (*op. cit.*, p. 218), é difícil definir a linha de separação entre as duas correntes, já que a Estilística pode ser muito abrangente. Os autores postulam que hoje, os temas abordados por Bally no início do século XX perpassam, sob ângulos distintos, as teorias de enunciação, a pragmática, a sociolinguística, a análise conversacional, a análise do discurso etc. Por esta razão, pensaremos no aspecto expressivo como determinante do estilo individual do enunciado, considerando as escolhas lexicais, gramaticais e composicionais.

Cada enunciado possui um determinado conteúdo semântico-objetual, ou seja, uma ideia do sujeito que está centrada num objeto. Também dispõe de um elemento expressivo, que pode ser caracterizado como a relação subjetiva de valor emocional do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do enunciado. (MILANEZI, 2011, p. 17-18)

Por esta razão, podemos citar a relação que Bakhtin (2003) faz entre estilo e gênero, pois preconiza que entre eles se estabelece um vínculo indissolúvel ao considerar que o estilo linguístico ou funcional está correlato à natureza do gênero, dada a esfera da atividade e comunicação humana. Assim, o estilo consiste em um elemento pertencente ao gênero, portanto, fundamentalmente o estudo de um não pode ser dissociado do outro. Bakhtin (2003, p. 90) defende que:

O vínculo indissolúvel, orgânico, entre o estilo e o gênero mostra-se com grande clareza quando se trata do problema de um estilo linguístico ou funcional. De fato, o estilo linguístico ou funcional nada mais é senão o estilo de um gênero peculiar a uma

dada esfera da atividade e da comunicação humana. Cada esfera conhece seus gêneros, apropriados à sua especificidade, aos quais correspondem determinados estilos. Uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico.

Por fim, outro elemento que deve ser lembrado considerando nosso objeto de pesquisa consiste na entonação discursiva. Devemos nos perguntar: mas o objeto de estudo não se trata de língua escrita? Todavia, vemos na rede social uma grande aproximação entre a linguagem escrita e a oralidade, portanto, o ‘tom’ do discurso nos diz muito acerca de seu estilo e das intenções do sujeito. Embora a linguagem do *Facebook* não nos permita inferir a entonação discursiva, há outros elementos que definem o tom do enunciado: simpático, irônico, agressivo, assertivo, desconfiado etc.

Resumidamente, pretendemos com este capítulo apresentar algumas discussões que permeiam as noções de: texto x discurso; gêneros e tipos textuais; estilo. Por se tratarem de temas extremamente abrangentes e debatidos no meio acadêmico, principalmente em Linguística Textual, não nos cabe aqui uma discussão muito aprofundada. São inúmeros os autores e teóricos que os estudam e muitas outras definições e classificações podem ser encontradas numa pesquisa mais extensa; todavia, para nosso propósito selecionamos alguns estudiosos legitimados pela comunidade acadêmica, como Bakhtin, Marchuschi, Charaudeau, Maingueneau e Geraldini e fundaremos nossa posterior análise nas classificações apresentadas por estes.

Capítulo 5

O Discurso Digital (DD)

Atualmente, sabemos que todos os aspectos de nossas vidas, incluindo nossas atividades diárias, profissionais e de aprendizagem são moldadas e transformadas pelas tecnologias digitais e os discursos que as permeiam. De acordo com Barton; Lee (2013, p. 4), “new online media have generated much multidisciplinary interest in recent years, from information science to media studies, psychology and sociology.” Por isso, muitos linguistas têm, principalmente nas duas últimas décadas, se debruçado sobre pesquisas que envolvem a relação entre as Ciências Humanas de maneira geral, a Linguística e o então denominado *discurso digital (DD)*.²⁵

A noção de ‘novas tecnologias’ está, na verdade, um pouco ultrapassada; hoje, pesquisadores referem-se a estas como mudanças constantes, ou *dêiticas* – referem-se ao tempo presente e estão aptas a transformações contínuas. Entretanto, para os Estudos Linguísticos, o que interessa são as práticas sociais e linguísticas desenvolvidas através dos meios digitais e como a participação e interação das pessoas mudam conforme estas práticas.

New Technologies are no longer new and e-mail and instant messaging are referred to as old media when considered alongside Web 2.0 sites such as Facebook, which itself is no longer new. The idea of communicating online and participating in virtual activities was new in the 1990s [...]. In the same way as somewhere called New College may have been established in 1379, so new technologies and new literacy studies are only new by name. (BARTON; LEE, 2013, p. 8)

Por ser um tema extremamente amplo, citaremos neste capítulo algumas questões centrais que podem contribuir para nossa análise de dados, assim como ajudar-nos a refletir acerca de como o discurso digital tem influenciado em nosso dia-a-dia, tanto na língua em si quanto na percepção da ‘nova e instável realidade tecnológica’ que nos cerca.²⁶

²⁵ Os espaços virtuais de trocas escritas citados por Barton; Lee (2013, p. 23) são: *Flickr; Facebook; YouTube; Instant Messaging*.

²⁶ Outros autores identificaram outras características e propuseram terminologias concernentes ao discurso digital, a exemplo de *emailism* (PETRIE, 1999); *netspeak* (CRYSTAL, 2006); *interactive written discourse* (FERRARA et al., 1991); *e-language; chatspeak; textpeak, cyber language, internet language* etc. (BARTON; LEE, 2013, p. 5).

5.1) Discurso Digital: questões socio-pragmáticas

Dabrowska (2013, p. 117) ressalta que o discurso mediado por computador (*Computer-Mediated Discourse*) – considerando suas especificidades nas fases iniciais, quando era mais uniforme – recebeu inúmeras classificações, tais como *canal de comunicação*, *gênero* e *conjunto de registros*. Contudo, atualmente, com o crescimento contínuo de instrumentos e meios eletrônicos de comunicação, parece impossível atribuir uma série de definições fixas para este tipo de linguagem, devido à sua grande variação de estilos e registros.

Portanto, é muito difícil delinear o próprio termo *Computer-Mediated Communication* (CMC). A autora (*idem, ibidem*) cita assim duas definições que nos ajudam a compreender esta noção: (i) “communication that takes place between human beings via the instrumentality of computers”²⁷; (ii) “an interactive type of communication and as such it changes dynamically depending on their users, its purpose and the medium.”²⁸ Grzenia (2006 *apud* DABROWSKA, *op. cit.*, p. 118) sugere 4 tipos de categorias da CMC, de acordo com o tipo de envolvimento entre o humano e a máquina, as quais seriam:

[...] person to person (e.g. chat, e-mail), person to computer (e.g. online games), computer to person (e.g. various communiqués concerning the system updates of programs, online questionnaires), and computer to computer (sending or exchanging internal electronic data)

É fundamental que tenhamos uma visão mais ativa acerca da comunicação quando nos deparamos com as novas formas através das quais as pessoas estão disseminando e criando diversos tipos de conhecimento. “By naming, sorting, classifying and categorizing in different ways, people are using language to create new knowledge.” (BARTON; LEE, 2013, p. 21) Portanto, não são as tecnologias por si mesmas que introduzem mudanças nas vidas das pessoas; nós é que as adotamos e as utilizamos a fim de servir aos nossos propósitos individuais ou profissionais, o que implica também novas formas de estruturação da língua e das experiências humanas – novas e constantes adaptações nas formas de interação social fomentadas pelo desenvolvimento tecnológico.

It is important to make clear that technologies themselves do not automatically introduce changes in life. In other words, new activities in life are not technologically determined but technology itself is also part of broader social changes. And different people would adopt technologies differently to suit their own purposes in different

²⁷ HERRING, 1996, p. 1 *apud* DABROWSKA, 2013, p. 117).

²⁸ GRZENIA, 2006, *apud* DABROWSKA, 2013, p. 117).

contexts of use. [...] our point of departure is *what people do* and how they draw upon resources to make meanings in their everyday activities. (BARTON; LEE, 2013, p. 3, grifos dos autores)

Barton; Lee (2013, p. 6) também defendem que estudos em linguística a partir de uma abordagem crítica envolvendo questões socioideológicas não se interessam somente em propriedades em nível micro na linguagem digital, “but also how ways of communication are shaped by social ideologies, and how such ideologies are discursively constructed in new media.” Assim, considerando as novas moldagens de nossos pensamentos, visões de mundos e ações sociais, uma dúvida que levantamos neste trabalho foi: o Facebook está tornando as pessoas mais politizadas? Esta é uma pergunta que tentaremos responder ou, ao menos, sobre a qual pretendemos refletir.

Ao relacionar o discurso digital e a comunicação em redes, é importante lembrar da dicotomia entre a Web 1.0 e 2.0, crucial para esta mudança de perspectiva na maneira como os sujeitos interagem *online*. De acordo com Barton; Lee (*op. cit.*, p. 9), o convívio digital dos usuários em rede mudou radicalmente com a Web 2.0, a qual permitiu, através da multimodalidade,

[...] web-based applications that allow users to create and publish their own content online. [...] Another central idea of Web 2.0 is that of social networking, that is, participating and collaborating in communities of users. [...] Social network sites such as Facebook and Twitter are platforms for people to interact with each other and connect through the written word and other multimodal content.

Por fim, Thurlow (2013, p. 231) ressalta que a retórica da Web 2.0 é articulada através de fatores como: colaboração, participação, interatividade, empoderamento, inclusão social, interação em rede, relacionamentos, criatividade, liberação, transparência, entre outros. Isso posto, trataremos rapidamente sobre o discurso digital no contexto das redes sociais.

5.2) Redes Sociais

Tendo em vista que nosso objeto de pesquisa consiste na maior rede social da atualidade, o Facebook, faz-se relevante dedicarmos alguns comentários acerca dos conceitos de *grupo* e *rede social*. Moreno Fernández (2012, p. 56) afirma que na comunicação grupal os participantes dão mais importância à identidade social do que à pessoal; há um *continuum* entre a identidade social e a individual. Por isso, os aspectos em torno das redes e grupos contribuem para a

reflexão acerca das ações linguísticas dos sujeitos, as quais, embora aparentemente individuais, são realizadas em esfera coletiva e submetidas às idiosincrasias que envolvem as ações sociais.

Sabemos que a língua e os falantes recebem influência de seu entorno em quatro planos: cultural, comunitário, grupal, e situacional. Embora saibamos que esta forma de conceber a estruturação do entorno revele nossa competência cultural, sociolinguística e pragmática a partir de seu dinamismo, há saberes dos quais os falantes dispõem, os quais supõem formas diferentes de representar os elementos sociais que influem na língua e suas formas de (re)interpretação. A partir desta perspectiva, os fatores que determinam as condutas linguísticas são culturais, comunitários, grupais e situacionais e, os tipos fundamentais de agrupações sociais são os grupos sociais e a redes sociais.

Pero hay una interpretación que explica aún mejor el fenómeno lingüístico en su conjunto; es la que presenta la lengua como un sistema adaptativo complejo de uso dinámico. Esta implica la existencia obligada de multiplicidad de agentes, que se comunican entre sí ante la concurrencia de una serie de factores lingüísticos y extralingüísticos, provocando la emergencia acumulable de pautas de interacción, de experiencia y de cognición, incluida la cognición social. (MORENO FERNÁNDEZ, 2012, p. 26)

Desta forma, podemos afirmar que são os entornos socioculturais que produzem valores normativos, cuja aceitação ou rejeição, implícitas ou expressas, contribuem para a configuração da identidade linguística das agrupações sociais e das comunidades. A língua e o entorno estão conectados entre si de tal forma que as interações comunicativas dos falantes e seus significados só podem se completar e se interpretar adequadamente dentro de um entorno e com referência a um mundo sobre o qual intervêm, uma vez que o descrevem. (MORENO FERNÁNDEZ, 2012)

Portanto, as redes sociais se constituem mediante à agrupação de membros de uma comunidade, o que se caracteriza pelo contato direto e frequente de seus membros, assim como seus objetivos em comum. Os grupos e as redes surgem e crescem dentro das comunidades, desde que haja um número mínimo de participantes/membros que permita a existência de um sistema social em conjunto. (*idem, ibidem*)

Marvin Shaw (1981 *apud* MORENO FERNÁNDEZ, 2012, p. 55) propõe seis formas de percebermos as relações de agrupação social e as diferenças entre redes e grupos, a partir dos aspectos abaixo:

- (i) Percepção: tanto os membros do grupo como os das redes compartilham uma percepção coletiva;
- (ii) Motivação: os membros do grupo se associam para satisfazer necessidades e obter satisfação mútua;
- (iii) Independência: ambos os membros das redes e dos grupos são independentes em alguns aspectos, a fim de satisfazerem suas próprias necessidades, ou como parte da própria dinâmica do grupo ou rede;
- (iv) Propósitos: um grupo é formado com o fim de alcançar objetivos comuns, enquanto nas redes os membros não necessariamente estariam associados por um propósito prévio;
- (v) Organização: enquanto nos grupos os membros se organizam e regulam conforme papéis e normas, acordados/definidos pelo próprio grupo, no caso das redes os sistemas já são recebidos socialmente ou provenientes de dinâmicas internas específicas;
- (vi) Interação: enquanto nas redes os membros interagem – ou podem interagir – facilmente numa interação face à face, os grupos não obrigam o contato entre todos os seus membros, sendo possível, em muitos casos, que muitos membros nunca cheguem a interagir pessoalmente.

Uma das principais características das redes consiste em sua arquitetura heterogênea: de forma geral, pode haver uma grande maioria de elementos pouco conectados, enquanto outros possuem um grande número de conexões, o que daria a estes últimos a capacidade de ampliar trocas. Desta forma, a circulação de informações nas redes através dos vínculos entre seus usuários permitem “el desarrollo de la inteligencia social y, en definitiva, la creación y la dinámica de la cultura [...]” (MORENO FERNÁNDEZ, 2012, p. 58-59)

Em suma, podemos reiterar que a rede não possui necessariamente uma coesão identitária/linguística/cultural e uma convergência etária; há uma maior heterogeneidade entre os sujeitos. Já nos grupos, a coesão identitária/linguística/cultural e a afinidade etária são mais aparentes.

Partindo dessas noções gerais, nosso foco consiste na rede em contexto digital. No campo da comunicação em rede, as relações semânticas e conceituais da língua criadas em ambiente digital também funcionam como redes complexas, portanto constituem em um ambiente

riquíssimo para discussões em Análise Crítica do Discurso e questões sociais que a transpassam. Atualmente, o discurso digital é percebido como uma nova prática de letramento. Pinheiro (2007, p.2) reforça que

[...] a mídia, sobretudo a mídia eletrônica, se torna um espaço central não só para a difusão da informação renovada, como também para a permanente (re)construção das identidades sociais. [...] na contemporaneidade, o processo de construção das identidades sociais está cada vez mais dependente de um grande fluxo de materiais simbólicos constituídos por meio das mais diversas práticas de letramento nas quais os sujeitos se engajam para construir sentido na vida social.

Barton; Lee (2013, p. 84) reiteram que a dinâmica presente nessa nova mídia em redes permite às pessoas revelarem, construírem, realizarem e (re)moldarem os diferentes sentidos de suas próprias identidades (a conexão *eu x outro*), através de meios linguísticos e da relação entre língua, vida e identidade *online*.

- (i) Writing online is writing oneself into being. In other words, whenever we write a post, make a comment on another person's post, upload an image, create a profile, we are also constructing an auto-biography, a narrative of who we are and what kind of person we want others to see us. These writing practices may project new identities, or enable us to extend our offline selves. [...]
- (ii) When we participate in new online media, we are not just behaving as one single self. We are networked individuals (WELLMAN, 2001; RAINE AND WELLMAN, 2012), as part of a community in which people are connected to one another. Thus, when we write about ourselves online, we write for different groups of people. This target audience may be expressed (for example people we already know) or imagined (as with any public web users whom we never met).

Consideradas estas breves observações sobre redes e redes no contexto digital, fundamentais para nossa pesquisa, trataremos a seguir de questões linguísticas mais específicas que têm surgido e caracterizado o discurso digital de maneira geral – não somente em redes sociais como também em *blogs*, *SMS*, *WhatsApp* etc.

5.3) Caracterização Linguística da Comunicação Mediada por Computador (CMC)

Conforme Moreno Fernández (2012, p. 55), os usos linguísticos supostamente mais característicos de uma determinada rede não são exclusivamente dela, uma vez que decorrem de usos presentes na oralidade, ou seja, situações de interação verbal. Redes constituídas por diversos grupos sociais (jovens, idosos, homens, mulheres, profissionais etc) mostram marcas linguísticas identificadoras. Por esta razão, as marcas linguísticas que caracterizam o discurso

digital, tanto nas redes como em qualquer outro meio (*blogs, SMS* etc) são inúmeras e diversificadas, sendo grande parte proveniente da oralidade.

Por estas razões, a questão central mais debatida neste entorno corresponde à dicotomia *linguagem escrita versus oralidade*. A grande maioria das obras pesquisadas propõem que a CMC encontra-se em uma posição entre o discurso oral e o escrito, e muito tem sido debatido a esse respeito. Barton; Lee (2013, p. 14) concordam que deveria haver uma nova forma de pensar a relação *escrita x oralidade*, uma vez que, no discurso digital, as práticas envolvem ambos os registros, com maior incidência de formas da língua falada. Assim, os autores reforçam que preferem se referir a “*language practices online*” ao invés destacar distinções entre as formas e escritas e orais. Dabrowska (2013, p. 135) também defende que a dicotomia tradicional já não se aplica à linguagem digital, visto que ela não se encaixa completamente em nenhum dos dois registros, mas apresenta propriedades ora de um, ora de outro. Acerca desta dicotomia, citamos outras considerações:

[...] Yates’s (1996) [found that] in terms of lexical density CMC data resemble those of the written language data. Discourse analysts, on the other hand, point out that in the case of Internet communication it is hard to draw a line between discourse and text, as in that medium one gradually shifts into the other. (ULICKA, 2009; WITOSZ, 2009 *apud* DABROWSKA, 2013, p. 120)

[...] the internet language is better seen as writing which has been pulled some way in the direction of speech rather than as speech which has been written down. (CRYSTAL, 2011, p. 21 *op. cit.*, p. 135)

A variação de registro depende de fatores como a variação no canal. Alguns linguistas²⁹ definiram quatro canais, discurso, escrita, linguagem dos sinais e discurso digital; todavia, essa questão é problemática em face do discurso digital constituir uma forma híbrida de escrita oralizada. A escolha do canal irá definir, na maioria das vezes, as mudanças quanto ao estilo e ao registro, uma vez que sabemos que o registro escrito é o que, convencionalmente, exige maior grau de formalidade e cuidado. Isso ocorre uma vez que o registro escrito destina-se, geralmente, a durar, ao passo que, na oralidade, a mensagem é geralmente passada de forma mais casual, espontânea e emotiva. Enquanto o registro escrito permite a revisão do autor, o oral é mais ‘arriscado’, pois pode provocar falhas nas escolhas lexicais e mal-entendidos.

[...] speech is a rule full of false starts, sometimes incorrect grammatical structures and wrong vocabulary choices. In writing, in which the reception time is delayed [...], the author has time to think and rethink about both the content and the form of his/her message, may go back to what has been written and revise it, especially nowadays,

²⁹ CRYSTAL, 2001; STOCKWELL, 2002 *apud* DABROWSKA, 2013, p. 47.

when computers have made the editing process easy. [...] While in speech utterances tend to be short and intertwined with interjections as you know, well, there you go, etc. (DABROWSKA, 2013, p. 48)

Outras características que aparecem nas diferenças entre os dois registros, citados por Dabrowska (*idem, ibidem*) consistem em propriedades estruturais, a exemplo de: no discurso oral, é possível que haja mais pronomes, conjunções coordenativas em início de oração e o presente do indicativo como tempo verbal mais comum. Em contrapartida, no discurso escrito há a tendência de maior uso de orações substantivas e subordinadas, maior variedade de tempos verbais e voz passiva.

Uma noção que vale ser citada é a de *monitoramento*, o que significa que o falante geralmente presta atenção ao seu próprio discurso e tem a capacidade de modificar constantemente as suas manifestações comunicativas, conforme suas intenções.³⁰ De acordo com Labov (*apud* MORENO FERNÁNDEZ, 2012, p. 29), os estilos da língua falada podem se ordenar em um parâmetro – conforme o grau de atenção prestado pelo falante ao seu discurso – o que permite ao mesmo construir uma escala de estilos, com diversos graus de formalidade.

É interessante notar que este hibridismo e estas novas práticas linguísticas têm mudado a própria relação entre os indivíduos e a língua; nota-se uma maior consciência metalinguística, o que motiva os usuários a serem cada vez mais criativos e lúdicos, muitas vezes de forma natural e espontânea, o que redefine a internet como um espaço de mudança linguística. Como exemplo podemos citar o fenômeno denominado *code-switching*, que consiste no uso alternado de duas línguas ou duas variedades da mesma língua num mesmo enunciado.³¹

Barton, Lee (2013, p. 19) ainda reforçam que, com estas novas formas de participação e diálogo, as pessoas têm se tornado mais reflexivas, cientes e tolerantes às variedades. Assim, as novas formas de interação em meios digitais levaram os linguistas a repensar e discutir conceitos enraizados.³²

³⁰ *Teoria do Monitor*, mais aplicada no âmbito da Aquisição da Linguagem. (KRASHEN, 1982 *apud* MORENO FERNÁNDEZ, 2012, p. 29).

³¹ Meyerhoff, Miriam. **Introducing Sociolinguistics**. London/N.Y.: Routledge, 2006, p.116.

³² Barton; Lee (2013, p.7), ao se reportarem a estas mudanças na língua motivadas pela internet, citam um ‘pânico moral’, principalmente no que se refere ao discurso dos jovens. Este ‘pânico tecnológico’ gira em torno da preocupação com a constante mudança e as inovações linguísticas, assim como a quebra dos padrões normativos e de alfabetização.

Language is essential in shaping changes in life and our lived experiences. At the same time, it is affected and transformed by these changes [...]. For instance on a website which combines images and words, basic concepts like *text* have to be redefined. The core units of sociolinguistics such as *variation*, *contact* and *community* need to be reassessed. [...] the notions of interaction like *turn-taking* and *face-to-face* work differently with online data. Ideas as *author* and *audience* become even more complex. When to refer to language as *written* or *spoken* is not clear-cut and the activities of *reading* and *writing* are being redefined. (BARTON, LEE, 2013, p. 3)

Thurlow *et al.* (2004, p. 124 *apud* DABROWSKA, 2013, p. 138) também destacam que o discurso digital (*Netspeak*) pretende tornar a comunicação mais rápida, simples e informal. Por isso, os gêneros, neste contexto, objetivam facilitar esta forma de interação, se preocupando primeiramente com a manutenção das relações sociais e, algumas vezes, permitindo algum nível de agressão online.³³ A autora em apreço (*op. cit.*, p. 138-139) reafirma que

As a result of these tendencies, many traditional rules of grammar, spelling and punctuation are often broken or flouted in CMC, what is more, the medium also fosters creativity in language use in terms of new spelling conventions and new vocabulary [...].

No que diz respeito às marcas da oralidade presentes na linguagem digital e algumas inovações linguísticas características deste discurso, a tabela abaixo cita alguns exemplos mais comuns, conforme os autores citados:

ANDERSON; TRUDDILL (1990 <i>apud</i> ALMEIDA, 2013)	Calão (invenção de novas expressões; modificações de expressões existentes; empréstimos).
THURLOW <i>et al.</i> (2004 <i>apud</i> DABROWSKA, 2013, p. 139)	Word compounds and blends; abbreviations and acronyms; minimal use of capitalization; punctuation and hyphenation; less attention to accurate spelling; avoidance of spelling errors; less or no use of traditional message openings and closures.
HERRING (1996; BARON, 2003 <i>apud</i> BARTON; LEE, 2013, p. 4-5)	Acronyms and initialisms (e.g. <i>GTG</i> for “got to go”); word reductions (e.g. <i>gd</i> for “good”); letter/number homophones (e.g. <i>U</i> for “you” and <i>2</i> for “to”) ³⁴ ; stylized spelling (e.g. <i>I’m soooooooooo happy!</i>); emoticons (e.g. <i>:-</i> and <i>:)</i> ; unconventional/stylized punctuation (e.g. <i>!!!!!!!!!!!!!!</i>).
ALMEIDA (2006, 2008, 2011, 2013, 2015)	Ocorrências de afro-variedades do Português (ex. <i>Iá</i> , <i>bué/bué da/bueda</i>) em blogs e fóruns (páginas de Portugal); registros juvenis não exclusivamente difemísticos em blogs; difemismos e difemismos eufemizados (ex.: <i>fosga-se</i> por <i>f*da-se</i> ; <i>fônix!</i> por <i>fogo!</i>); novas formas difemísticas por truncamento (ex.: <i>dass/dasse</i> por <i>f*da-se</i>); ocorrências de

³³ A ‘agressão online’ é um tema relevante para esta pesquisa, se tratando do forte choque de opiniões dos usuários quanto aos seus candidatos à presidência. Portanto, muitos *posts* demonstraram esta característica, de forma irônica ou direta, como exemplificaremos adiante.

³⁴ Logogramas: substituição de uma sílaba por um número (ex.: *gr8t* for *great*)

	afrovariedades do português no Facebook Ya/yh; novas formas (ex.: <i>buéx</i> ; <i>code-mixing</i> de formas de afro-variedade do Português e inglês (ex: <i>Ya right</i>).
ALMEIDA/SOUSA (2015a, 2015b)	Uso reduzido de aberturas e fechos em SMS em PE; truncamentos; escrita estilizada; homofones letras/números; <i>code-switching</i> português-inglês; português-francês e português-espanhol.

Quadro 3- Caracterização linguística de textos digitais

Por conseguinte, ainda trataremos do SMS (Short Message Service), partindo do estudo de Almeida; Sousa (2015), uma vez que este apresenta muitos traços em comum com os dados referentes ao DD apresentados até então. Os exemplos citados, assim como os que serão apresentados, também aparecem no Facebook, portanto merecem nossa atenção.

5.4) O Discurso Digital (DD) e o SMS (Short Message Service)

Embora o SMS não seja tema da nossa pesquisa, consideramos importante destacar este aspecto do DD, por ser ele tão comum como forma de comunicação atual e apresentar características semelhantes ao discurso disseminado na internet e em aplicativos de celular de maneira geral (a exemplo do *WhatsApp*, *Tinder*, *Instagram*, *Snapchat*, *Google Talk etc*, e o próprio *Facebook*). Uma vez que “[e]ste tipo de comunicação fomenta a criatividade do uso linguístico”, trata-se de um recurso que também contribui para o estudo das características do DD, conforme apresentação de Almeida; Sousa (2016 - no prelo).

Dentre as propriedades deste tipo de comunicação citadas pelas autoras, destacamos: (i) assincronicidade; (ii) influência da oralidade – portanto, um modelo misto entre o oral e o escrito; (iii) dispensa de formas de tratamento; (iv) uso em sua maioria por jovens adultos; (v) “comunicação perpétua”.³⁵ Assim como no Facebook e nos inúmeros aplicativos para celular.

[...] a comunicação perpétua entre amigos, na sua grande maioria jovens adultos, gira em torno da organização das suas vidas quotidianas, com especial destaque quer para a manutenção de relações de amizade ou amorosas quer para a coordenação das atividades sociais (Hard of Segerstad, 2005, p. 38 *apud* ALMEIDA, SOUSA, 2015a)

³⁵ Esta designação foi atribuída por Katz; Aakhus (2001 *apud* ALMEIDA, SOUSA, 2015a) para se referir à maneira ininterrupta como a comunicação é feita; por exemplo, uma conversa entre 2 ou mais participantes pode começar em um dia X ou numa hora Y e, mesmo depois de um tempo indeterminado, é continuada de onde parou; não há marcas de início ou fim de uma conversa/assunto (cumprimentos ou despedidas, pronomes de tratamento etc).

Quanto às particularidades da escrita (ortografia), as autoras acentuam as siglas, truncamentos, abreviaturas, contrações, acrônimos, escrita fonética (logogramas, silabogramas), neografias, ortografia não convencional e símbolos gráficos como os *emoticons*. Estes traços decorrem de razões como a economia de caracteres (Ex.: *CU* por *see you*; *LOL* por *laughing out loud*, *U2* por *you too*; etc), devido a “fatores como a redução do tempo de comunicação e da extensão da mensagem.” (ALMEIDA, SOUSA, 2015a) É importante ressaltar que o estudo de referência foi realizado em Português Europeu (PE)³⁶; todavia, como nossa pesquisa consiste em *posts* do Português Brasileiro (PB), encontramos similaridades entre as duas variedades. Abaixo, seguem alguns dados encontrados no *corpus* analisado:

- **Emoticons** (ex.: xD)
- **Reduções:**
 - supressão de vogais (ex.: falar = flr)
 - silabogramas (ex.: before = b4)
- **Abreviaturas:**
 - contrações e truncamentos (ex.: amigo = migo; que = q, não = n)
 - siglas e acrônimos (ex.: brb/lol)
- **Expressividade:**
 - reduplicação (ex.: naaaaa)
 - interjeições (ex.: ah)
- **Escrita Fonética** (ex.: mas é = mazé)

Quanto à sintaxe, as autoras (*op. cit.*), destacam os padrões abaixo:

- deleção do sujeito (especialmente do pronome sujeito, característica que deve ser relativizada em Português Europeu em face da não obrigatoriedade do sujeito frásico);
- deleção de preposições, artigos e pronomes possessivos;
- deleção de verbos copulativos, auxiliares ou modais.

Um dos elementos mais relevantes quanto ao estudo SMS apresentado por Almeida; Sousa (2015a-no prelo), o qual se aplica ao DD de maneira geral, consiste no “novo paradigma da comunicação escrita”, cujas características principais em termos ortográficos e sintáticos foram supracitadas. As novas ‘exigências’ do DD, de certa forma, forçam os sujeitos a se adaptarem a este novo paradigma – mais dinâmico, conciso e veloz. Conforme as autoras (*idem, ibidem*), isso contribui para mudanças de perspectivas socioculturais, ou seja, nossa própria forma de pensar e apreender o mundo é moldada a partir das novas formas pelas quais nos comunicamos.

³⁶ 1.000 SMS em PE, pelo BICA-corpus, entre Março e Maio de 2012, com jovens portugueses entre os 16 e os 23 anos. (ALMEIDA, SOUSA, 2015 a)

Portanto, assumimos ‘performances identitárias’, como consequência dos novos modelos de relações comunicativas e dialógicas (no sentido bakhtiniano do termo).³⁷

Convém destacar que o princípio da concisão, a par do fator velocidade, propicia o recurso à escrita simplificada, o que, por sua vez, impele à transgressão deliberada das normas ortográficas, contribuindo, deste modo, para a construção criativa de performances identitárias. (ALMEIDA, SOUSA, 2015 a)

Em síntese, destaca-se que nos SMS, assim como em qualquer tipo de DD, os sujeitos “sentem uma premente necessidade de diluir as fronteiras entre a linguagem oral e a escrita, aproximando, o mais possível, o texto SMS da comunicação interpessoal face a face.” (*op. cit.*) Esta aproximação dá-se através das marcas mencionadas acima, como exemplos, a fim de aumentar a expressividade da mensagem. Os interlocutores pretendem “produzir efeitos enfáticos às palavras ou expressões” (*idem, ibidem*), buscando maior similaridade com a linguagem face a face, já que não podem fazer uso de expressões corporais, fonéticas ou prosódicas.

5.5) Estudos sobre o Português Europeu na Comunicação Digital

Concernente ao PE na comunicação digital, Almeida; Rocha (2016) tratam das variedades do Português em contato no Facebook, mostrando exemplos de ocorrências da oralização do PE nos textos digitais. Os fatores motivadores das autoras consistiram em: a imigração pós-colonial de falantes africanos do PE, a partir de 1974; o impacto das afro-variedades no PE na comunicação midiática – de séries de TV portuguesas e blogs em páginas de Portugal – de 2004 a 2013³⁸; impactos destas variedades afro-variedades não-dominantes em páginas do Facebook em português de festivais de música realizados em Portugal. Assim, partem do postulado que:

Writing online is writing oneself into being. In other words, whenever we write a post, make a comment on another person’s post, upload an image, create a profile, we are also constructing an auto-biography, a narrative of who we are and what kind of person we want others to see us. These writing practices may project new identities, or enable us to extend our offline selves. (BARTON; LEE, 2013, p. 88-89, grifo das autoras)

³⁷ Outro fator estudado no referido artigo consiste no fenômeno de *code-switching* português-inglês; entretanto, não o citamos por **não** se tratar de um dos temas abordados desta dissertação.

³⁸ ALMEIDA, 2006, 2008 a, 2008 b, 2011, 2013; **BICA-corpora dos SMS em PE**. IN: ALMEIDA; SOUSA. (2015a, no prelo).

Por esta razão, sustentam que não há comunicação impessoal (*faceless communication*), tal como advogado por Goffman³⁹ que defende que a conversação envolve três dimensões:⁴⁰

(i) Ritualization (“We look simply to see, see others looking, see we are seen looking and soon become knowing as skilled in regard to the evidential uses made of the appearance of looking”).

(ii) Participation framework (“When a word is spoken, all those who happen to be in perceptual range of the event will have some participation status relative to it.”)

(iii) Embedding (“uttered words have utterers [...]. We can handily quote another (directly or indirectly) as we can say something in our own name.” [...]).

Com isso em mente, quando interagimos *online*, não nos comportamos somente como um indivíduo único. Somos sujeitos conectados em rede, membros de uma comunidade na qual as pessoas estão conectadas umas às outras.⁴¹ Desta forma, quando escrevemos sobre nós mesmos, de fato estamos nos expressando para grupos distintos de pessoas, as quais já conhecemos ou simplesmente imaginamos (a exemplo de usuários que temos em nossas redes que nunca encontramos pessoalmente). Portanto, as variedades linguísticas podem revelar as variáveis preferidas por determinado grupo, identificável na página do *Facebook* onde coloca o seu *post*.

A tabela abaixo demonstra alguns exemplos grifados, citados por Almeida; Rocha (2015) de ocorrências das afrovariedades em páginas do Facebook em Português:

Fonte	Exemplos
Cartaz do <i>Sumol Summer Fest</i> , 2015	“ Bue orgulho nesse cartaz... boa sorte sumol” “Nem mais mo cota ;) Tamo lá”
Post sobre o videogame MediEvil na página da revista de videogames <i>BGamer</i>	“eu joguei bue fodaa”
Pág. da revista de videogames <i>BGamer</i>	“Não sei se já viram mas a rockstar disse que ia banir as pessoas que usam mods msm em single player!! Ya e estúpido mas e verdade. Procurem no youtube”
Comentários em fotografias	“Olha o meu cota Paulo GomesVa todo fofão kkkkk boa sorte para o jogo, hoje estou a torcer pelo Porto” “Ok va tao tds bonitas kkkk Acontece” “Tb diogo se vens para criticar baza ” “Eu n tou aii... to m a sentir excluído yh! ”
Diálogo em post	“amanha a greve nos comboios do barreiro ??????????” “ Yh ”
Pág. do programa <i>Morangos com Açúcar</i> (com vídeo)	“nao pode ver mas deve ter sido bue fixe tenho bue pena de nao ter visto!”
Diálogo numa fotografia	“N da para os identificar eles n aparecem na opeções”

³⁹ GOFFMAN, 1981 *apud* WEST; TRESTER, 2013 [tradução nossa].

⁴⁰ GOFFMAN, 1981, p. 2-3 *apud* ALMEIDA; ROCHA, 2015.

⁴¹ WELLMAN, 2001; RAINE; WELLMAN, 2012 *apud* BARTON; LEE, 2013, p. 84.

maior variação gráfica, vêm tendo um grande impacto nas interações na Internet por mais de uma década, entre 2005-2015:

- ✓ *Cota* is only used by teens in reference to the parents or elder buddies.
- ✓ *Bazar* is mostly used in the imperative form.
- ✓ *Bué* as an adverb is extensively used in all Facebook pages.
- ✓ *Ya* as an adverb is extensively used in all Facebook pages.

A tabela e as conclusões acima evidenciam questões já enfatizadas no DD, como a oralização do texto escrito e presença de ocorrências de afro-variedades do português em páginas do Facebook.

Registe-se que em Almeida, Rocha (2015), o Facebook foi estudado como comunidade de prática aberta, o que difere da perspectiva adotada para esta dissertação em PB, que se limitou ao estudo de posts de sujeitos pertencentes a uma comunidade fechada – um número limitado de professores de uma instituição de ensino. Não obstante, a discussão acerca das variedades não-dominantes do DD do PE é importante para ressaltarmos os fenômenos linguísticos comuns nas interações em meios digitais, muitos dos quais também aparecem no PB, sendo alguns citados mais adiante em nosso trabalho.

5.6) Atos de Fala em Discurso Digital: outras considerações

Por fim, abordaremos dois aspectos mais gerais, característicos do DD, que relacionam nossa teoria-base – Atos de Fala – com a CMC. O primeiro, discutido por Barton; Lee (2013, p. 31), consiste na tomada de posições (*Stance*). Tal noção está diretamente ligada à Teoria dos Atos de Fala, uma vez que se preocupa com a *forma* como as expressões são enunciadas pelos falantes (ou autores dos posts, neste caso), *para quem* são direcionadas e com a *posição/intenção* do emissor. Em um nível micro, os autores (*idem, ibidem*), citam como exemplo a escolha de determinados verbos (*I think; I guess; I know*), que podem expressar assertividade ou falta dela; crença; conhecimento; dúvida etc. Assim, *stance*, neste caso, refere-se à maneira como as opiniões são expressas no Facebook, individualmente ou com a colaboração de outros membros, quando em debates e comentários. Além disso, mais amplamente, estas pistas microlinguísticas nos ajudam a compreender como as identidades são construídas nos espaços virtuais.

O segundo aspecto que caracteriza do DD, identificado por Virtanen (2013), consiste no uso de *mock performatives*. Conforme a autora (*op. cit.*, p. 163), este tipo de performativos serve para tornar o discurso mais lúdico, e seus efeitos podem ser negociados, discutidos, ou até mesmo ignorados pelo interlocutor, mas isso não significa que o ato não foi realizado. Para esclarecer este conceito, passamos a citar a autora:

Users playfully adopt the role of a powerful figure in religious, royal, judicial, or managerial scripts, which are expected to be familiar to the members of the virtual community. In other instances mock performatives carry the allusions to institutional authorities in stereotyped situations such as awarding prizes and certificates, crowning beauty queens, giving permission, or making declarations of consequence. [Alguns exemplos citados: I sentence you to, I declare you, I award you, I appoint you to, I grant you permission to etc]. (VIRTANEN, 2013, p. 159)

Em suma, os *mock performatives* podem aparecer, é claro, tanto na linguagem escrita quanto na oral, dentro ou fora do contexto da CMC. Esse tipo de performativos jocosos merece atenção especial no contexto do DD, uma vez possuem uma característica distinta: além de ocasionar mudança numa determinada realidade virtual, eles atuam como transformadores discursivos, porém de uma forma irônica e lúdica.

I propose the term “discourse transformer” to characterize the work that mock performatives do in signaling a shift to a play mode. [...] the playfulness of mock performatives allows users to assume authority over the participants. (VIRTANEN, 2013, p. 156)

Enfim, postas estas questões principais, sabemos que o discurso digital e a CMC são campos extremamente amplos e complexos de estudo, em diversas áreas. Pretendemos com este capítulo citar algumas das características cruciais e mais latentes, relacionando-as aos nossos temas-base de estudo: a Teoria dos Atos de Fala e o discurso no Facebook.

Capítulo 6

O Facebook como mídia de massa: questões pragmáticas, sociais e ideológicas

6.1) Considerações Pragmáticas

O Facebook foi criado em 2004, nos EUA, entre amigos universitários de Harvard a fim de facilitar a comunicação entre eles; porém, logo se espalhou como a rede social mais conhecida do século XXI, tendo em 2014 atingido 1327 milhões de usuários, ou 1/5 da população mundial. (TORRES, 2014) De acordo com Burbary (2011 *apud* BARTON; LEE, 2013, p. 38), os usuários mais frequentes compreendem as idades entre 26 e 34 anos, embora muito usado entre adolescentes e estudantes universitários de maneira geral. Sendo a rede que mais agrupou pessoas em todo o planeta, Torres (2014, p. 2) a percebe como “uma fonte interessantíssima para os estudos de comunicação, sociologia, psicologia social, linguagem, marketing, ciência política, etc.”

[...] o Facebook convida ao estudo sociológico de formas actualizadas da apresentação do eu e das relações sociais à distância. Ao contrário das relações interpessoais quotidianas em presença do outro, que em geral se processam num âmbito limitado e sem registo mediático, a comunicação na rede social digital implica a possibilidade de uma avaliação colectiva registada, comprovada e reproduzível. É, de alguma forma, um discurso público. (TORRES, 2014, p. 1)

A rede é estruturada em forma de perfis dos usuários e linhas do tempo (*timelines*), onde os mesmos podem fazer atualizações de *status* (*posts*), adicionar fotos, vídeos e links, tendo também espaços para comentários dos amigos. Esta ferramenta de atualização do *status* foi primeiramente designada como um espaço para *micro-bloggings* (a exemplo do Twitter), ou seja, os usuários podem reportar neste espaço informações pessoais (o que estão pensando, fazendo ou sentindo naquele momento). Conforme Barton; Lee (*op. cit.*, p. 39), o Facebook permite “a collocation of online spaces where a number of traditional synchronous and asynchronous forms of CMC interaction take place in one space.” Lee (2011 *apud* BARTON; LEE, 2013, p. 38) afirma que “participants use *status updates* to achieve a wide range of discourse functions, from expressing opinions [...] to reporting moods and other feelings.” Sobre o processo de interação na rede, também citamos West; Trester (2013, p. 134):⁴³

⁴³ Em West; Trester (2013, p. 138) encontra-se uma tabela com as definições das práticas e terminologias utilizadas no Facebook, como *friend*, *profile*, *wall*, *update*, *comment*, *like*. Entretanto, não é relevante para esta pesquisa nos aprofundarmos nessas definições.

Being a friend on Facebook may involve doing a significant amount of intertextual work when commenting, by responding to the post in a similar tone (often playful or casual), and sometimes repeating language and building on the original text and sometimes driving the interaction forward by drawing on outside cultural texts.

Tendo em vista os sujeitos pesquisados, é fundamental que destaquemos o papel educativo que a rede social também pode exercer por sua dimensão social. Muitos educadores – ou cidadãos em geral – utilizam-se dela para fins de disseminação de conteúdos de cunho educativo e informativo. Muitos professores desta pesquisa utilizam suas *timelines* para divulgação de artigos referentes a questões educacionais no âmbito geral (como discussões políticas e ideológicas), e até mesmo recados para alunos. Barton; Lee (2013, p. 28) postulam que muitas escolas e universidades têm adotado o Facebook como uma plataforma legítima de ensino-aprendizagem, embora ele não tenha sido designado originalmente para este fim.

Os exemplos abaixo foram retirados das *timelines* de três professores sujeitos desta pesquisa. Nota-se que os mesmos, por terem muitos alunos entre seus amigos da rede, utilizam-na com o intuito de debater questões políticas atuais, divulgar informações pertinentes à comunidade escolar e/ou divulgar conteúdos de cunho informacional e educativo:

HBR

5 de julho às 13:27 ·

ESTUDO DO IPEA DISCUTE REDUÇÃO DE MAIORIDADE PENAL E O MITO DA IMPUNIDADE: A Nota Técnica O Adolescente em Conflito com a Lei e o Debate sobre a Redução da Maioridade Penal foi apresentada nesta terça-feira, 16 de junho, na sede do Ipea, em Brasília. De autoria das pesquisadoras da Diretoria de Estudos e Políticas Sociais (Disoc) Enid Rocha Andrade Silva e Raissa Menezes de Oliveira, o estudo vem contribuir com as discussões que ocorrem em torno da Proposta de Emenda à Consti...

Continuar lendo

www.ipea.gov.br

MR compartilhou a foto de E.S.

5 de julho às 19:22 ·



E S Proeja - Ifes Campus Vitória

O Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes), campus de Vitória abriu edital com 140 vagas são para o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional c...

Ver mais

E F

1 de julho às 08:14 ·

A inteligência envolve o córtex frontal, onde o cérebro seleciona as "ideias" (para fazer simples! Esqueceram de falar nesse artigo que a cognição depende fortemente das emoções ou que os dois são estreitamente ligados. Um livro que fala sobre isso é o erro de Descartes de Damasio. Está na minha lista de livro para ler! Eu acho que esse resultado tem a ver com uma circunstância. O fato que a mídia apresenta as ideias de direita em geral no mundo atual. Para ser de esquerda, tem que resistir a essas ideias. Isso envolve um mecanismo fundamental da inteligência, a resistência cognitiva ou a inibição cognitiva. Isto é o que chamam de terceiro modo de raciocínio... Num mundo de mídias predominantemente de esquerda os mais inteligentes seriam preferencialmente de direita?



Pessoas menos inteligentes tendem a ser mais conservadoras e preconceituosas

Não é nova a idéia de que o conservadorismo e o preconceito estão ligados umbilicalmente. Vários estudos já realizados chegaram a essa conclusão. A...

LIVREP

[Ver mais](#)

Acerca de algumas funções pragmáticas do Facebook, ainda é importante destacar questões como a intertextualidade, o lúdico, o informal etc, ou seja, estratégias usadas pelos membros a fim de chamar a atenção e manter a face positiva. West; Trester (2013, p. 143), em seu estudo acerca da manutenção da face na rede, afirmam que “people are more careful about performing positive facework toward themselves through posts, mitigating their claims with emoticons, punctuation etc.” As autoras (*op. cit.*, p. 152) citam Baym (2006), que reafirma esta postura mais ‘informal’ em mídias *online*: estes modelos de interação são mais complicados, uma vez que os participantes não podem contar com pistas prosódicas, gestos, expressões faciais etc.

Researchers have shown that one of the key ways in which members of any group use intertextuality to accomplish facework is by creating common ground through jokes and a ‘self-deprecating style of humor’ (Bury 2005, 157). Norrick, in his writing on intertextuality and humor, asserts that ‘joke telling counts as positive politeness (Lakoff 1973; Brown and Levinson, 1978, 1987), as an invitation to demonstrate membership and solidarity. (WEST; TRESTER, 2013, p. 136)

Outra função pragmática fundamental no Facebook, utilizada para a manutenção da face e reforçar a popularidade e a interação entre os membros consiste na opção *like* ou *curtir*. Este

item é tão importante para os papéis sociais na rede, que Barton; Lee (2013, p. 88-89) listaram algumas de suas atribuições principais:

- to express positive stance (i.e. literally like something) but not want to leave a written comment;
- to express interest in the post or the content of it;
- to show support to the content poster;
- to agree or align with the stance of the status poster;
- to answer “yes” to a question raised in the post;
- to indicate that the post has been read.

Torres (2014, p. 4-5) também cita outras ‘funções’ do Facebook. Uma delas consiste na rede como meio de divulgação de informações pessoais consideradas relevantes pelos usuários, a exemplo de: ausência, “mudança de emprego ou de relação amorosa, férias, viagens, falecimento de familiar ou amigo [...] etc.” O autor também destaca a importância e a facilidade de criação de grupos (“profissionais, de ensino, lúdicos, etc), os quais “permitem a comunicação à distância das pessoas em torno de objetivos concretos” de maneira informal e casual. Ademais, é lembrado que:

- [...] o fluxo comunicativo do Facebook, nomeadamente se abarcar um grande número de pessoas, permite verificar:
- os temas que entram e saem da “agenda” do Facebook;
 - os temas que originam mais actos comunicativos;
 - a diferenciação entre os comunicadores hiper-activos e os passivos, passando por vários graus de actividade;
 - a “espiral do silêncio”⁴⁴, isto é, permite verificar quais os temas sobre os quais a maioria não quer pronunciar-se por recear que a sua opinião seja minoritária;
 - o rompimento da “espiral do silêncio”, quando os “silenciosos” consideram que, afinal, a sua opinião, coincide com a de outros, ou mesmo com a de muitos. (TORRES, 2014, p. 4-5)

Acrescentando a estas ‘funcionalidades’, Lee (2011, p. 115-117) lista onze categorias ou tipos de mensagens geralmente deixadas nos murais (*updates*), algumas das quais coincidem com as previamente citadas: “What are you doing right now?; everyday life; opinion and judgement; reporting mood; away message; initiating discussion; addressing target audience; quotation; silence and interjection; humor; facebook-related discourse.”

Destas funcionalidades e categorias destacadas, na nossa pesquisa as que mais interessam consistem em: agenda, temas, opiniões e julgamentos, discussões, público-alvo, citações, humor, entre outras. Postas estas questões de cunho mais pragmático, faremos uma breve

⁴⁴ Noelle-Neumann, Elizabeth, Noelle-Neumann, E. (1974). "The Spiral of Silence A Theory of Public Opinion." *Journal of Communication* 24(2): 43-51.

reflexão com uma perspectiva mais voltado ao social, e sobre a influência do Facebook como mídia de massa.

6.2) Considerações sociais e ideológicas

Sabemos que atualmente o Facebook é a rede social mais utilizada no mundo; portanto, é fundamental uma breve reflexão acerca do papel da rede na construção de sentidos na sociedade do século XXI, como formadora de opinião e criadora de novas formas de interação. Torres (2014) contrasta a relação *eu x outro* nos âmbitos presenciais e a distância: enquanto a primeira ocorre num espaço-tempo limitado e sem registro midiático, a segunda possibilita a constante avaliação coletiva e pública, é ilimitada e reproduzível – fenômeno este chamado ‘propagação viral’. Ou seja, quando um ato comunicativo é proferido, pode propagar-se de maneira incontrolável a partir das incontáveis redes de amigos.⁴⁵

O que é interessante é o fato de que a rede, embora virtual, a cada dia aparece como reflexo das expressões da ‘vida real’ dos seus usuários, os quais, a partir de um *ethos discursivo*, parecem tentar reproduzir ali momentos, sentimentos, acontecimentos etc, como se o Facebook fosse uma extensão de suas vidas cotidianas. Assim, o ‘eu’ individual torna-se coletivo: os eventos, sentimentos e opiniões que, em princípio, seriam privados ou compartilhados com poucas pessoas, uma vez na rede transfiguram-se em públicos e massivos.

Do ponto de vista sociológico, este discurso público — para além de ser uma expressão própria do nosso tempo, pois é um discurso individual, por vezes privado, mas feito em público e para um público - indica o carácter social do discurso e, portanto, formas concretas da apresentação do Eu na vida quotidiana.⁴⁶ Apesar do carácter informal de grande parte da escrita no Facebook, os autores assumem uma determinada *persona* adequada à condição pública desta forma de comunicação. (TORRES, *op.cit.*, p. 2)

Isso posto, a partir dos conceitos e acepções de multidão, multidude e opinião pública, Torres (2014) discute as formas de interação social no Facebook, considerando que o indivíduo, através de um ou vários perfis, cria uma relação com o mundo; ele parte do ‘eu’ individual para o ‘eu’ coletivo ao interagir direta e indiretamente com seus ‘amigos virtuais’, os quais

⁴⁵ Dabrowska (2013, p. 129) também sugere que o Facebook pode ser uma fonte interessante de pesquisas em torno do conceito de *Community of Practice*.

⁴⁶ GOFFMANN, Erving. **The Presentation of Self in Everyday Life**, Nova York: Anchor Books, 1959.

eventualmente compartilharão seus *status* e *posts*, criando assim imensuráveis relações em cadeia. Daí as seguintes questões são levantadas: o discurso coletivo do Facebook seria então uma nova configuração dos discursos de massa? Seria ele uma nova mídia que manipula e (re)constrói a opinião pública? Tudo indica que sim, visto que tem se tornado o maior espaço virtual atual de debates, opiniões, contestações, expressões de sentimentos individuais e coletivos, divulgações de eventos e manifestações etc, ou seja, parece que a ‘vida real’ acontece em concomitância à rede.

Diariamente, os temas em voga na atualidade são debatidos no Facebook e variam de acordo com sua relevância e divulgação nas mídias de massa. Como uma ‘moda passageira’, os usuários se posicionam diante de temas polêmicos, notícias mundiais ou nacionais, ou simplesmente repassam um meme que tornou-se viral.

Quanto ao tema do agendamento de assuntos de actualidade no Facebook, constata-se que há uma “agenda”, isto é, uma selecção natural — ou mais correctamente social — dos assuntos mais abordados, facto que revela uma correspondência com a “agenda” dos media jornalísticos profissionais. (TORRES, *op. cit.*, p. 6)

Por esta razão, é importante citar a polifonia presente no *Facebook*, a qual aparece nos ‘eus em massa’, ou seja, nos discursos interligados e nas formações discursivas que acabam por engendrar discussões que se mostram ideológicas. Os diversos atos de fala – e gêneros discursivos criados neste modelo de interação, a exemplo dos memes – interpõem suas diversas vozes a partir dos compartilhamentos e discussões, em teias pelas quais os temas atuais (públicos e privados) são disseminados e os valores e opiniões dos indivíduos refletidos e até mesmo reformulados/reconstruídos.

Com base nestas discussões, Torres (2014) destaca que o *Facebook* tornou-se um espaço informal de contrapoder às mídias tradicionais, ou seja, uma mídia alternativa. Assim, por ser aparentemente irrestrito⁴⁷, os usuários expressam livremente suas opiniões e posicionamentos políticos e ideológicos, o que pode vir a causar tensões entre as elites, afrontes políticos e ideológicos e construções de agendas públicas coletivas.

[...] o Facebook funciona, de algum modo como um media alternativo aos media tradicionais. É o *Reader's Digest* dos tempos modernos, mas sem um controle editorial unificado e sendo construído pelos utilizadores (e também pelo próprio

⁴⁷ Digo *aparentemente* pois há relatos informais de manipulação e desaparecimento de postagens e assim como certo controle dos conteúdos mostrados, através de denúncias anônimas.

Facebook e pelos próprios media tradicionais). Não cabe na definição de media tradicionais, mas é assumido como tal por muitos usuários, sendo frequentes comentários como “é por isso que deixei de comprar jornais”, ou “é por isso que deixei de ver televisão”. O Facebook funciona como media alternativo, de contra-poder [...] (TORRES, *op. cit.*, p. 7-8)

Estas questões motivaram o objeto desta pesquisa: nas últimas eleições para presidente do Brasil, o candidato representante da direita Aécio Neves enfrentou a então presidente e candidata representante da esquerda Dilma Roussef, gerando uma intensa participação dos usuários na rede, que defendiam fortemente seus posicionamentos. Através do Facebook, inúmeras matérias de jornais e revistas tradicionais foram divulgadas e contestadas, e debates foram travados de forma calorosa, o que dividiu os usuários entre esquerda x direita e gerou um maior interesse por assuntos ligados à política por parte da população de maneira geral. Os assuntos comentados nos *posts* eram levados para as discussões familiares e entre amigos, colegas e nos locais de trabalho. O ‘virtual’ passou a fomentar debates cotidianos ‘reais’.

Já Thurlow (2013, p. 228) traz a discussão acerca do Facebook como construção pseudo-social e questões em torno desta concepção, as quais envolvem os discursos neoliberais de corporações industriais e midiáticas, discursos políticos e de celebridades, manipulação de massas etc:

I am too concerned with the ways new media language is often taken up as a resource for constructing identities of difference and ideologies of control. [...] This metadiscursive process sees new media being doubly technologized; they are managed and regulated for commercial gain, but are also deployed in the stylization of Self and Other (cf. Foucault 1988, on technologies of self).

O que é mais relevante para nosso trabalho diz respeito à manipulação e estratégias do discurso político no Facebook. Muitos das postagens recolhidas foram compartilhadas de páginas dos candidatos e de seus respectivos partidos, e estas (geralmente memes) apresentavam artifícios linguísticos e semióticos, a fim de convencer o eleitor, obviamente. Thurlow (2013, p. 235) ressalta que os governos e os políticos estão, a cada dia mais, “working their way into everyday discourse and relying more and more on ‘humble and mundane’ mechanisms for exercising their influence and control.”⁴⁸ E as novas tecnologias e seus discursos envolvidos – neste caso, o Facebook – é claro que consistem em mecanismos fundamentais para a divulgação e manipulação de interesses políticos. Seguem abaixo dois exemplos de memes compartilhados de páginas de partidos/candidatos:

⁴⁸ MILLER; ROSE, 2008, p. 32 *apud* THURLOW, 2013.

político com o qual se identificam. Mesmo defendendo uma causa ou outra, é provável que os sujeitos não parem para refletir sobre as estratégias linguísticas e semióticas presentes nos memes; são, neste caso, propagadores (ingênuos até certo ponto?) de uma ideologia específica, ou interesses específicos de um grupo. Em período eleitoral, obviamente, os partidos tentarão mostrar ou forjar seus pontos positivos e ressaltar os negativos do partido de oposição. Por isso, o eleitor, já convencido de seu voto, nem sempre está atento às informações disseminadas e geralmente não busca outras fontes antes de compartilhar os memes.

[...] we are encouraged to regard interactivity (the technological affordance) and the interaction (the social process) as synonyms (Jensen 2009). Social media are most useful to politicians because the *appearance* of interaction may be achieved by the apparent use of interactive technologies. Politicians may strategically deploy the informal, conversational aura of social media. (THURLOW, 2013, p. 236)

Por fim, pretendemos com este capítulo e estes exemplos demonstrar o poder do Facebook atualmente como mídia de massa e disseminador da opinião pública, e algumas questões sociais e ideológicas que permeiam a discussão longa e frutífera *mídias de massa x manipulação*. A rede pode ser considerada uma nova forma de ordenação do discurso na atualidade e, como mídia alternativa, tem demonstrado grande abrangência e influência no que se trata da formação de valores, opiniões e ações cotidianas.

Capítulo 7

Facebook e multimodalidade: gêneros digitais

Tendo como base as teorias acerca de gêneros discursivos discutidos previamente, pretendemos com este capítulo, primeiramente, abordar a multimodalidade no Facebook e os gêneros digitais. Por fim, daremos especial atenção aos gêneros *post* e *meme*, visto que se tratam do nosso objeto de pesquisa.

Os últimos anos têm sido marcados por mudanças significativas em nossa vida social, sendo grande parte destas devido à era digital. Portanto, novas tecnologias e modelos de comunicação têm influenciado nossa vida cotidiana, reordenando a forma como interagimos socialmente. Então, nos perguntamos: qual a relação desta ‘reordenação’ com a multimodalidade e os gêneros discursivos? Pinheiro (2015, p. 2) afirma que os

[...] gêneros discursivos digitais que circulam na Internet [mostram] o quanto a mídia eletrônica digital está cada vez mais se complexificando, trazendo grandes mudanças e influenciando, ao mesmo tempo em que é influenciada por, os gêneros existentes em outros tipos de mídia.

Por esta razão, hoje vivenciamos novas práticas sociais de letramento, decorrentes das recentes tecnologias de comunicação *online*. Assim, estamos em um momento privilegiado para estudar as novas práticas de leitura e escrita digitais, ou cultura digital, também conhecida como Cibercultura:

[...] um conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. Esse crescimento [...] tem gerado muitas mudanças no modo como as pessoas se relacionam entre si, como se relacionam com e por meio da linguagem, com a informação e com o conhecimento. (LEVY, 2010, p. 17)

Com isto em vista, Signori (2012, p. 284 *apud* PEREIRA, *op. cit.*, p. 64-65) defende que “os padrões grafocêntricos dos letramentos de base puramente linguística dão lugar aos padrões híbridos multi-hipermidiáticos”. Desta forma, faz-se necessário pensar em multimodalidade no Facebook ligada aos gêneros criados e disseminados a partir da rede. Neste modelo de discurso, a integração de agentes textuais e semióticos tem sido o alicerce para a construção do sentido, uma vez que o textual se relaciona ao visual, ao áudio, ao espacial, ao comportamental etc, caracterizando assim a hipermídia eletrônica.

Dabrowska (2013, p. 11) afirma que os computadores se tornaram a principal mídia do século – inclusive os celulares que hoje também possuem as mesmas funcionalidades de um PC, radio, TV etc. (alguns exemplos desses usos são: conversas por aplicativos; visualização de filmes e programas de TV; envio de e-mails e SMS; leitura de jornais e blogs etc). Deste modo, os indivíduos são autores de mensagens multimodais, o que tem tornando nossas vidas mais intensas devido à imensurável saturação de informações, vindas de todas as direções e mídias de massa possíveis. Barton; Lee (2013, p. 15) ainda reforçam que:

1. The world is increasingly textually mediated and the web is an essential part of this web mediation; [...]
4. Linguistic resources are drawn upon to assert new identities and to represent the self in online spaces;
5. People combine semiotic resources in new ways and they invent new relations between language and other modes of meaning making;
6. The internet provides spaces for reflection upon language and communication. [...]
10. New methods for researching language are made possible.

Quanto ao Facebook, desde seu lançamento em 2004, seus bilhões de usuários têm agrupado membros de incontáveis *backgrounds* culturais, o que tornou a rede uma espécie de reguladora de comportamentos sociais e linguísticos, com a criação de uma grande ‘família virtual diversificada’, originária de diversas partes do mundo, mas com propósitos em comum: manter contatos e socializar (embora, em muitos casos, essas pessoas nunca chegam a ter nenhum contato pessoal. (DABROWSKA, 2013)

Com estas questões mais gerais em mente, pode-se compreender melhor como se dá a multimodalidade no DD e na rede. Este modelo de interação tem transformado nossas atividades diárias em uma “fast-moving semiotic landscape” (BARTON; LEE, 2013, p. 16), e os meios multimodais consistem em ferramentas que utilizamos para nos posicionar diante de nós mesmos e dos outros.

7.1) Multimodalidade no Facebook

Conforme Barton; Lee (2013, p. 29), ao buscarmos compreender o discurso digital (*language online*), devemos considerar os diferentes *modos* que atuam em conjunto, a fim de criar textos coerentes e significativos. Estes *modos semióticos* consistem em sistemas dos quais as pessoas se utilizam para a geração de significados/sentidos e incluem: a linguagem oral e escrita; imagens; sons; gestos etc. Práticas multimodais estão presentes em nosso dia a dia, uma vez

que geralmente utilizamos mais de um modo ao transmitirmos determinada mensagem. A multimodalidade não é um tema recente; ela tem coexistido com a história da linguagem escrita, a exemplo de revistas e jornais, que geralmente fazem uso de textos juntamente com imagens, tipos de fontes diversas etc. Ou na TV, na publicidade, rádio etc., quando sons, textos e imagens interagem visando causar determinado efeito no leitor/ouvinte/interlocutor.

People draw upon available semiotic resources to make meaning and to assert their relationships to the meanings expressed. In particular, people combine images and other visual resources with the written word online. There are new relations of language and image developing. Image is not replacing language; but we are seeing new ways of these modes working together in powerful ways. (BARTON; LEE, 2013, p. 18)

Os autores (*op. cit.*, p. 30) destacam que, na imprensa tradicional, o leitor possui pouco ou nenhum controle sobre as fontes ou meios multimodais; todavia, no meio digital, qualquer pessoa pode produzir textos multimodais. Geralmente os usuários da rede social misturam linguagem escrita com vídeos, fotos, hiperlinks etc., criando assim um ambiente multimodal e intertextual. Isso foi possível a partir da Web 2.0, que permite que múltiplos usuários postem, editem, comentem etc, enfim, estejam em constante processo de interação e criação.

Another central idea of Web 2.0 is that of social networking, that is, participating and collaborating in communities of users. Often this is achieved in the form of people interacting by writing, but it also includes uploading images and videos. Social networks sites as Facebook and Twitter are platforms for people to interact with each other and connect through the written word and other multimodal content. Users of these sites often exchange views on their everyday interests and experiences [...]. (BARTON; LEE, 2013, p. 9)

No DD de maneira geral, a tecnologia tem permitido recursos variados para se veicular informações, portanto, “o mundo virtual incorporou, em grande parte, gêneros discursivos presentes em outros tipos de mídia, tais como aqueles encontrados em jornal, revista, televisão e rádio.” (PINHEIRO, 2015, p. 12-13) Desta forma, o que houve foram adaptações de gêneros tradicionais para os novos canais de comunicação, a exemplo de encurtamento de textos, *links*, *posts* etc. Conforme Lee (2011, p. 119), “[t]hese metalinguistic views, together with language choice, gradually became part of the participants’ resources for defining the ‘genre’ of status updates.”

Um ponto importante a se lembrar na linguagem online multimodal consiste nos modos síncronos e assíncronos. Dabrowska (2013, p. 122) apresenta as classificações de Baron (2008)

e Crystal (2001, 2006). No caso dos assíncronos, os autores citam entre os principais: *email*, *SMS*, *listservs (mailing lists)*, *blogs*, *MySpace*, *YouTube*, *Google+*, *newsgroups*, *bulletin boards*. Como modos síncronos, alguns dos mais usados são os *chats*, o *Skype* e o *WhatsApp* (este também pode ser síncrono e assíncrono).

No caso do Facebook, é dado um destaque diferenciado: ele é síncrono e assíncrono ao mesmo tempo, uma vez que os usuários podem editar informações já postadas, acessar gêneros assíncronos, participar de *chats* privados ou públicos (em seus próprios murais) etc. Ou seja, o Facebook oferece ferramentas síncronas e assíncronas, o que fortalece a hibridez dos gêneros nele encontrados. Em conformidade com Lee (2011, p.112), quanto aos variados modos de interação, as atualizações de *status* agregam gêneros como blogs, *Twitter*, mensagens instantâneas, textos em geral; estes são apenas alguns exemplos da hibridez destes diversos espaços e formatos.

[...] new media users have become ‘intertextual operators’ who regularly edit multimodal and multimedia materials across different online platforms and for different purposes. Such fluidity of genres and practices is further evidence of the emergent literacies in new media. (LEE, *op. cit.*, p. 123)

Correlatos à multimodalidade no Facebook e nos diversos meios multimodais, estão os gêneros discursivos e digitais; por esta razão, as duas noções não podem ser vistas isoladamente, já que uma depende da outra. Assim, citaremos a seguir algumas questões centrais acerca dos gêneros digitais, com ênfase aos *posts* e *memes*, objetos de nossa análise.

7.2) Gêneros digitais: conceitos gerais

Juntamente aos novos processos tecnológicos, novos gêneros vão surgindo e os tradicionais vão sendo adaptados às novas realidades do mundo virtual, por exemplo, *e-mails*, *chats* em geral, os bate-papos e atualizações de status na linha do tempo do Facebook, assim como *posts* e *memes*, os *scraps* do extinto *Orkut* (muito popular antes do *boom* do Facebook) etc. O aparecimento de novos gêneros e suas adaptações estão diretamente ligados ao surgimento de motivações sociais – novas circunstâncias comunicativas e novos suportes.

Com o advento da internet, novas tecnologias mudaram nossa relação com os meios de comunicação; com isso, surgiram novos gêneros textuais, ou seja, os chamados gêneros digitais, que apontam para novas formas de interação entre indivíduos. Marcuschi (2008) afirma que mais do que em qualquer outra época, hoje proliferam

gêneros novos dentro de novas tecnologias, particularmente na mídia eletrônica digital. (STUTZ; CACILHO, 2015, p. 124)

Marcuschi (2004, p.15) reitera que “alguns dos gêneros emergentes no contexto da tecnologia digital [...] apresentam características muito semelhantes às dos gêneros já conhecidos tradicionalmente.” Portanto, mesmo com hibridismo dos meios multimodais, estes ‘novos’ gêneros consistem em “eventos textuais fundamentalmente baseados na escrita” (*idem, ibidem*), porém, uma vez em suporte eletrônico, são mais interativos e dinamizados. O autor (2008, p. 200) ainda defende que:

- 1) São gêneros em franco desenvolvimento e fase de fixação com uso cada vez mais generalizado;
- 2) Apresentam peculiaridades formais próprias, não obstante terem contrapartes em gêneros prévios;
- 3) Oferecem a possibilidade de se rever alguns conceitos tradicionais a respeito da textualidade;
- 4) Mudam sensivelmente nossa relação com a oralidade e a escrita, o que nos obriga a repensá-la.

Barton; Lee (2013, p. 5-6) apresentam um pequeno debate acerca de gêneros escritos, a partir de outros autores.⁴⁹ Eles reafirmam que estes gêneros não podem ser separados de seus autores e seus contextos de uso, neste caso, definidos a partir da CMC. Muitas similaridades e diferenças ocorrem nas características do gêneros dentro e fora do contexto da CMC; ou seja, as características que definem um gênero ou outro nem sempre se aplicarão em sua totalidade no contexto digital. Barton; Lee (*op. cit.*, p. 6) afirmam que “they constantly reappropriate their ways of writing in different modes of CMC to suit different purposes.” Por esta razão, é postulado que novas identidades sociais são representadas através da adaptação de certas particularidades e estilos linguísticos. Os autores (*idem, ibidem*) reiteram a ideia de que “new narrative genres emerge as a result of people reshaping traditional ones in new media”.

[...] *texts* can no longer be thought of relatively fixed or stable. They are more fluid with the changing affordances of new media. In addition, they are becoming increasingly multimodal and interactive. Links between texts are complex online and *intertextuality* is common in online texts as people draw upon and play with other texts available on the web. More hybrid genres are identified on the web. (BARTON; LEE, 2013, p. 17)

Portanto, a escolha de um determinado gênero em detrimento de outro ocorre a partir da disponibilidade de recursos linguísticos situados social, histórico e ideologicamente, dentro das

⁴⁹ HYLAND, 2002; HERRING, 2002; GILTROW; STEIN, 2009.

instituições e atividades sociais. (PINHEIRO, 2015) No caso do nosso estudo, Schneuwly (2004 *apud* STUTZ; CACILHO, 2015, p. 123) destaca que os gêneros em meios digitais podem ser considerados megainstrumentos “de mediação entre as práticas sociais e a aprendizagem dessas práticas”; isso quer dizer que os gêneros digitais são consolidados através de vários subsistemas semióticos, agindo de modo eficaz em determinada situação. Schneuwly (2004 *apud* PINHEIRO, 2015, p. 8) ainda reforça que “os gêneros são o resultado de cristalizações das práticas de linguagem e, portanto, podem ser tomados como modelos de atuação.” Neste caso, os gêneros difundidos e legitimados como formas de interação e modelos pré-estabelecidos de atuação no Facebook.

Esta discussão nos remete ao conceito defendido por Marchuschi (*apud* SILVA, 2015) de *Domínio Discursivo*, o qual consiste nas “grandes esferas da atividade humana em que os textos circulam.” Isso significa que existem domínios ou práticas discursivas nas quais se solidificam rotinas comunicativas e gêneros já institucionalizados, ou discursos específicos. O autor cita como exemplos o discurso jornalístico, jurídico e religioso. Se pensarmos nestas atividades, jornalística, jurídica e religiosa, não temos um gênero único para cada uma delas; são esferas discursivas dentro das quais vários gêneros são originados e institucionalizados. Com isso em mente, colocamos a questão para reflexão: poderia então o Facebook ser considerado um novo domínio discursivo em meio digital? Pela definição de Marchuschi, parece que sim.

Dabrowska (2013, p. 123) levanta a dificuldade em classificar gêneros na Internet, devido à falta de critérios claros e a mútua dependência entre eles, dependendo do tipo de interação tentada pelo usuário. Por este motivo, a autora propõe que haja flexibilidade na abordagem da CMC e uma reestruturação dos conteúdos, de acordo com as novas possibilidades que vão surgindo. Como já citado, ela reforça que:

Most linguistics will be rather cautious and suggest that, for instance, email, along with other Internet text variants, such as blog, chat, discussion forum, etc. represent new facets of traditional genres.⁵⁰ Linguists approach the classification of the Internet types of communication in a variety of ways, thereby suggesting a varying number of genres. (DABROWSKA, 2013, p. 121)

Buscando então classificar alguns gêneros digitais, Marchuschi (2004, p. 31) estabelece doze deles, buscando uma junção entre os emergentes e os pré-existentis: *e-mail*, *chat em aberto*, *chat reservado*, *chat ICQ* (agendado), *chat* em salas privadas, entrevista com convidado, *e-mail*

⁵⁰ DUSZAK, 2006; GRZENIA, 2006; REJTER, 2009; DURA, 2009 *apud* DABROWSKA, 2013, p. 119.

educacional (aula por *e-mail*), aula *chat* (aulas virtuais), videoconferência interativa, lista de discussão, endereço eletrônico, *jornal digital*. Todavia, as definições de Marchuschi não atendem aos gêneros mais comuns no Facebook, até mesmo pela data de publicação de seu trabalho, que coincide com a data de lançamento da rede. Por isso, buscaremos outras fontes que possam nos ajudar a discutir os gêneros – relativamente recentes no campo dos estudos linguísticos – de nosso estudo: os *posts* e os *memes*.

7.3) Gêneros digitais no Facebook: *posts* e *memes*

Tendo em vista nosso objetivo nesta pesquisa, que consiste em analisar *posts* e *memes* políticos no Facebook, dedicaremos algumas páginas para tratar exclusivamente destes dois gêneros. Embora pareçam gêneros relativamente simples para análise, há muita discussão acerca das suas próprias classificações e entornos. Tentaremos citar algumas questões que são debatidas sobre estes gêneros, visando esclarecer suas origens, nomenclaturas, e relação com a rede social estudada.

O primeiro ponto que causou indagação foi quando nos deparamos com a afirmação de Barton; Lee (2013, p. 16), ao postularem que estes novos espaços de letramento estão proporcionando uma renegociação; uma “explosion of new genres and *proto-genres*” [grifo nosso], os quais seriam o princípio de gêneros novos. Então, nos perguntamos: o que seriam estes *protogêneros* citados pelos autores? Seriam *posts* e *memes* gêneros ou protogêneros?

Daí, em Bonini (2001, p. 13-14) encontramos alguma discussão acerca deste tema: protogêneros seriam “rotinas sociais de baixíssima convencionalização”. Ele cita também Swales (*idem, ibidem*), sugerindo que “[...] a conversação ‘ordinária’ possa ser uma variedade fundamental de uso da linguagem”. Portanto, inferimos que, pela compreensão destes autores, protogêneros seriam aquelas interações mais cotidianas, ainda não institucionalizadas.

[...] por não se poder precisar o cenário institucional específico em que ocorre, mas não um gênero. Denomina, assim, a conversação casual, o chat e a narrativa ‘ordinária’ de pré-gêneros por serem pontos de partida para o surgimento de gêneros mais específicos. De qualquer modo, denominando o diálogo de gênero primário, pré-gênero ou protogênero, há aí uma questão a ser aprofundada em pesquisas e discussões. (BONINI, 2001, p. 13-14)

Partindo deste debate, Bonini (2001, p. 15), esclarece então as seguintes definições dentro da noção de gênero:

a) semi-convencionalizados:

a1) protogêneros: qualquer forma não convencionalizada de diálogo face a face, por telefone, por chat etc., que decorre das necessidades imediatas do interactores;

a2) subgêneros: notícias de esportes, de economia, de colunismo social etc., ou seja, as ocorrências que divergem de um gênero (notícia, por exemplo), ao serem guiadas por propósitos relativamente diferentes.

b) convencionalizados:

b1) gêneros: telejornal, lei, missa, aula, bula de remédio, abordagem de venda, crônica, etc. que produzem exemplares mais ou menos estáveis e, por serem mais convencionalizados, podem ser base para a construção protogenérica ou subgenérica.

Pela data da publicação do trabalho do pesquisador (2001), ficaria inviável tratar de *posts* e memes, que ganharam popularidade primeiramente – e principalmente – com os blogs, Twitter, Orkut e Facebook), ou seja, mais recentemente. Portanto, hoje com estes meios virtuais de comunicação já institucionalizados, os trataremos como gêneros.

7.4) Posts

Em geral é importante lembrar que este modelo trata-se de um microblog. Santos (2011, p. 1) assume o microblog como um gênero originário do blog (ou Weblog) que, por sua vez, recebeu influência dos gêneros tradicionais (do bilhete, por exemplo), adaptando-se aos meios digitais. Conforme a autora (*idem*, p. 6-7), estas nomenclaturas (Weblog – blog – microblog) foram usadas primeiramente entre 1997-1999, com a popularização dos blogs.⁵¹

Também vale a pena destacar que o blog, assim como o Facebook, não consiste em um gênero, mas sim em um *suporte* para outros gêneros [grifo nosso]. De acordo com Marchuschi (2008), o tipo de suporte é imprescindível para a circulação social do gênero e o influencia diretamente; portanto, alguns gêneros exigem suportes específicos. Para o autor (*idem*, p. 174), o suporte consiste então no “locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto.” Todavia,

[m]uito ainda se discute sobre o blog, sobre sua relevância, modo de articulação social à vida do alunado, acerca dos gêneros que iriam ser trabalhados, nesse ponto ainda surge a dúvida sobre a catalogação como gênero ou suporte de outros gêneros, o que naturalmente, acontece hoje com outras mídias sociais como Facebook, Myspace,

⁵¹ A autora (*idem, ibidem*) trata detalhadamente da história do blog em: http://www.academia.edu/4048515/Twitter_como_exemplo_do_g%C3%AAnero_textual_microblog.

Orkut, outrora, ou ainda mais próximo à nossa realidade, o livro didático. (PASSOS, 2012, p. 7)

Com estas questões em mente, compreendemos melhor a ideia de *microblogging*, citada por Lee (2011). Em suma, os *posts* seriam então gêneros provenientes dos blogs; por serem geralmente menores e mais dinâmicos, inseriram-se então no conceito de microblogs. Conforme Santos (2011), os *posts* ou postagens são feitos de forma cronológica, privilegiando os mais recentes; a página, que pode ser escrita por uma ou mais pessoas, e é composta por vários *gadgets*⁵² - o blogueiro pode adicionar *links*, fotos, textos, ilustrações, *gifs* etc, de diversas naturezas e origens.

Microblogging refers to the writing of short messages on the web designed for self-reporting about what one is doing, thinking, or feeling at the moment. This can be performed on stand-alone microblogging platforms like *Twitter* or on social network sites such as *Facebook*. [...] they are also a perfect opportunity for tracing creative adaptations in people's new media textual practices. (LEE, 2011, p. 111, grifos da autora)

Encontramos em dois dicionários renomados da Língua Portuguesa as seguintes definições para *post*:

(i) Dicionário Priberam da Língua Portuguesa:

post [póste]

(palavra inglesa)

substantivo masculino

Texto publicado ou enviado para ser publicado numa página da Internet.

(ii) Dicionário da Língua Portuguesa com acordo ortográfico:

post

[powst]

nome masculino

mensagem que se publica numa página de Internet

Do inglês post, «idem»

Resumidamente, poderíamos explicar o *post* como um gênero virtual, geralmente escrito em primeira pessoa, subjetivo, que trata de assuntos de cunho pessoal do autor (família, amigos, namoro, situações cotidianas etc), ou opiniões e temas de interesse, a exemplo dos blogs políticos, educacionais etc. O *post* pode ou não dialogar com o leitor, embora subentende-se que é publicado para um determinado público, com intenções específicas – mas, obviamente, está exposto a qualquer leitor virtual, pela liberdade de acesso à Internet. O autor também possui liberdade quanto à linguagem adotada (mais ou menos formal, dependendo de suas intenções comunicativas: jargões, gírias, variedade padrão, ou um *continuum*).

⁵² Ferramenta, módulo ou serviço passível de ser adicionado em um ambiente maior. (SANTOS, 2011. p. 8)

7.5) Memes

Escolhemos os memes como um dos gêneros para análise, visto que é, juntamente com o *post*, o mais popular no Facebook. Além disso, por ser muito criativo e inovador em termos de comunicação linguística e semiótica, consiste em um rico material de análise, uma vez que, muitas vezes, constitui uma reconfiguração ou entrosamento entre gêneros.

A primeira pergunta que tentamos responder foi: o que seria um meme? Qual a origem deste termo? Em Passos (2012, p. 8) encontramos que “o nome ‘meme’ surgiu em 1976 com a publicação do livro “O Gene Egoísta”, de Richard Dawkins.” De acordo com esta obra, tendo como referência a teoria da evolução natural de Darwin, o ‘meme’ seria um par análogo ao ‘gene’: “[e]nquanto um gene é uma representação biológica, natural e componente orgânico do ser humano, um meme seria o seu correspondente puramente cultural, em voga, social.” (*idem, ibidem*) Passos também acrescenta a noção aristotélica ou platônica de *mimesis*, ou seja, a representação imitativa da ‘realidade’ humana na arte. Neste caso, o meme seria uma espécie de representação de algo, geralmente de forma irônica, visando evitar a interpretação pejorativa que pode ser causada em português brasileiro com o ‘imitar’, em sua noção literal. Desta forma, podemos entender melhor os memes sob os parâmetros:

[...] os aspectos meméticos representam uma mudança de paradigma, reproduzindo discursos, elencando práticas sociais, inovando modos de ver a realidade e agir sobre a sociedade a que estamos articulados. (PASSOS, 2012, p. 9)




[...] compreendemos os memes como construções culturais (*id., ibid.*) que se articulam e são difundidos por agentes humanos e/ou grupos organizados. [...] nas teias de significados e estruturas construídas pelas pessoas em torno deles. (CHAGAS *et. al.*, 2015, p. 15)

Consoante Chagas (*op. cit.*, p. 1-2), “[as] Eleições 2014 ficaram marcadas no imaginário jornalístico brasileiro como as ‘eleições dos memes’.” Muitos usuários transformaram o Facebook em seu ‘campo de batalha política’, através da participação diária e ativa na rede, em defesa de seus candidatos. Por essa razão, os *posts* e memes políticos consistiram em um fenômeno: a rede foi usada como termômetro eleitoral, refletindo os posicionamentos políticos e ideológicos dos brasileiros e disseminando propagandas eleitorais. O autor cita exemplos de jornais renomados “como a Folha de São Paulo, o portal R7 e O Estado de S. Paulo”, os quais, em papel ou *online*, contribuíram para a disseminação das ‘piadas eleitorais’ dos internautas. Os candidatos, ao perceberem a grande influência dos memes, desenvolveram então páginas específicas de campanha no Facebook. Os constantes debates permeavam *posts* e memes de

cunho irônico e humorístico – ou, citando a gíria em português do Brasil, ‘de zuêra’ – até propagandas sérias das páginas dos próprios candidatos, chegando ao radicalismo exacerbado (agressões verbais, disseminação de preconceitos e informações infundadas etc).

Nossa hipótese é de que estes memes atuam como um misto entre peças publicitárias para a militância e charges políticas, constituindo-se como verdadeiros termômetros eleitorais, capazes de indicar, especialmente durante os debates, pontos altos e baixos na performance e no desempenho dos candidatos. (CHAGAS *et. al.*, 2015, p. 2)

Os autores (*op. cit.*, p. 16) destacaram três tipos de memes: persuasivos, de ação popular e de discussão pública. As figuras abaixo exemplificam estas classificações dos três tipos de memes:

Exemplo	Tipo	Definição
	Persuasivo	[...] pretendem angariar apoio a uma determinada candidatura, com a intenção de convencer o eleitor. Subscvem-se a esta categoria memes que apresentam infográficos comparativos entre dois ou mais candidatos ou dois ou mais partidos.
	De ação popular	[...] construção coletiva de sentido, mobilizando o cidadão comum. [...] utilizam frases de efeito como [...] “Fora PT!” e têm relação com a militância partidária, embora não tenham necessariamente relação com o partido em si. [...] apontam para comportamentos coletivos reiterados, como selfies, também se caracterizam como ação popular.
	De discussão pública	[...] criados para funcionar como comentários despropositados dos eleitores a uma situação ou reação específica, expressão polifônica e de múltiplas opiniões, geralmente identificados como piadas.

Quadro 6: Classificação tipológica de Memes

É importante destacarmos que talvez o traço mais forte do meme seja o humor. Embora nos deparemos com memes sérios, a exemplo de dados estatísticos, comparações entre candidatos e partidos e propostas, o humor e a ironia de fato sobressaem entre os membros do Facebook. Por isso, Chagas *et. al.* (*op. cit.*, p. 9) separam grande parte de sua pesquisa para comentar este aspecto: “O que caracteriza o humor político nas mídias sociais?” Segundo os autores, o meme trata-se de um produto cultural, vinculado às experiências sociais do seu criador. Assim, fatores

como repertório cultural, memórias, referências históricas, geográficas, econômicas, entre outros, são fundamentais para a geração e compreensão do humor: “a paródia do publicamente conhecido”.⁵³

Sob a forma de sátiras, ironias, charges, entre outros, ele [o humor] vem sendo utilizado há séculos como estratégia retórica, seja por parte dos próprios candidatos ou ocupantes de cargos públicos, seja por parte da população em geral. A emergência de novas formas de humor, propiciadas pelas tecnologias de informação e comunicação, reforça ainda mais a importância de se pensar o uso deste humor em período eleitoral. (CHAGAS *et. al.*, 2015, p. 7)

O humor é muito utilizado devido ao seu viés positivo e, por esta razão ganhou um papel tão relevante na cultura política brasileira nas redes sociais. Por inspirar sentimentos de positividade, facilita a disseminação de conteúdos de cunho político, ou seja, mais sérios, críticos, preocupantes, ‘pesados’. Reboux (1950) sugere que o humor é “tratar as coisas sérias com leveza e com seriedade as coisas leves”. Desta forma, ele funciona como uma espécie de ‘válvula de escape’ para a tensão gerada pelo momento de debates políticos, chamando a atenção do interlocutor, aliviando a ansiedade, transmitindo os pontos de vista de forma mais lúdica, fortalecendo os laços de solidariedade entre aqueles que compartilham os mesmos pontos de vista, persuadindo e evocando ações coletivas.⁵⁴

Embora saibamos que o humor já era um elemento presente na política mesmo antes da popularização das redes sociais, o Facebook foi o principal responsável pela propagação dos memes humorísticos – bem como os de outras tendências, de maneira geral. Em suma, ao mesmo tempo que caracteriza um grupo ideologicamente e politicamente, a natureza humorística de um meme facilita sua viralização.

Funcionando como elementos de crítica e banalização da política ao mesmo tempo em que facilitam o processo de polarização bipartidária, estes memes giram em torno de temas que estão na agenda pública da política nacional. Eles combinam distinção e identidade, e parecem assumir, para si e à sua maneira, a tarefa de resolver o problema da adequação do discurso político aos novos meios. (CHAGAS *et. al.*, 2015, p. 12)

O meme ‘flerta’ com o *kitsch*.⁵⁵ Isso significa que, a partir de uma linguagem popular e do apelo visual, ele preconiza a piada situacional com elementos da cultura popular, através de comparações fisionômicas e contextuais; portanto, é uma forte estratégia de manipulação de

⁵³ FELINTO apud CHAGAS *et. al.*, 2015, p. 10.

⁵⁴ REBOUX, 1950; BRANAGAN, 2007; TAY, 2012 apud CHAGAS *et. al.*, 2015, p. 7.

⁵⁵ O kitsch político consiste em “uma das formas-padrão do repertório do discurso político, quando dirigido aos cidadãos comuns, nas democracias representativas contemporâneas”. (MIGUEL, p. 198 apud CHAGAS *et. al.*, 2015, p. 11).

massa, de retórica ou militância espontânea. Este ‘fenômeno’ demonstra conexões entre a liberdade de expressão e disseminação de informações nas redes sociais com as opiniões públicas e o ativismo.⁵⁶

Em suma, os autores pesquisados reconhecem que a discussão acerca dos memes – e o ativismo através deles – ainda é nova, portanto bastante produtiva atualmente. Conforme Passos (2012, p. 10) a proliferação dos memes reitera a (re)produção de discursos socialmente e historicamente situados, o que reflete uma cultura letrada e ressemiotizada. Isso posto, no próximo capítulo explicaremos a metodologia adotada para o estudo dos memes e dos *posts*, conforme os objetivos intentados.

⁵⁶ VALENZUELA, 2014 *apud* CHAGAS *et. al.*, 2015, p. 3.

Capítulo 8

Metodologia

A presente dissertação visa classificar e analisar, do ponto de vista pragmático, os atos de fala postados na internet em Português Brasileiro (PB) acerca das eleições de 2014 para presidente do Brasil. Para tanto, nossa metodologia foi traçada em duas etapas: primeiramente, coletar *posts* na maior rede social da atualidade, o *Facebook*, e classificá-los de acordo com os gêneros discursivos mais utilizados; em seguida, analisar os atos de fala presentes nos gêneros de maior ocorrência, considerando aspectos pragmáticos como estratégias discursivas, a exemplo de: figuras de linguagem, dêixis, implicaturas, intertextualidade, metáforas, ironias, hibridismo etc.

Moreira e Calefe (2006 *apud* MILANEZI, 2011, p. 25) dissertam acerca dos paradigmas de investigação, definidos por três premissas básicas:

- (i) Ontológica: a essência do fenômeno social investigado; pode ser vista como parte de uma realidade externa ao indivíduo ou uma realidade criada na mente do mesmo;
- (ii) Epistemológica: a natureza e a forma do conhecimento; o modo como ele pode ser produzido e comunicado; o pesquisador define sua crença no conhecimento como algo rígido, tangível, que pode ser adquirido e transmitido, ou algo suave, subjetivo ou transcendental, que deve ser experimentado;
- (iii) Metodológica: métodos e técnicas utilizadas durante a realização da pesquisa.

Conforme os autores tais premissas estão correlacionadas, definindo-se mutualmente. No caso da crença de uma realidade exterior ao pesquisador, ele utilizará métodos tradicionais, a exemplo de levantamentos e experimentos, e buscará agir de forma neutra, na busca e transmissão dos conhecimentos. Esta hipótese está inserida no paradigma positivista, o qual visa à objetividade, o empirismo e a racionalidade; a linguagem, neste caso, é apenas um sistema simbólico usado para descrever a realidade.

Todavia, se o pesquisador percebe a realidade como mutável, (re)criada por ele e pelo Outro de maneira dialógica, ele “buscará vivenciar o conhecimento e optará por técnicas que o envolvam com a realidade a ser investigada, como a observação participante.” (*idem, ibidem*) Neste caso, temos um paradigma interpretativo: o pesquisador consiste no principal responsável pela coleta de dados e insere-se na realidade social pesquisada.

Outro autor que trata de metodologia de pesquisa é Sarmiento (2003 *apud* MILANEZI, 2011, p. 26), o qual cita três paradigmas:

- (i) Positivista: opta por procedimentos estatístico-experimentais, estratégias hipotético-dedutivas; fundamenta-se em métodos quantitativos e pretende estabelecer regularidades;
- (ii) Interpretativo: postula a interdependência entre sujeito e objeto; prioriza métodos qualitativos; entende a realidade como interpretação dos sujeitos, e a ciência não deve ignorar estas interpretações, já que somos atores sociais;
- (iii) Crítico: busca associar a interpretação empírica dos dados aos contextos político-ideológicos; o pesquisador pretende mostrar o que está implícito nos fenômenos estudados; as relações de poder são analisadas a partir de fenômenos simbólicos e culturais.

A partir destas questões, Sarmiento (*op. cit., idem, ibidem*) “propõe um novo paradigma que sintetize a interpretação da ação e sua simbolização aliada à análise da dimensão política que envolve o fenômeno estudado”. Esta abordagem foi denominada *interpretativismo crítico* e possui como pressupostos epistemológicos: o surgimento de singularidades, do inesperado e do ambíguo; o estudo em contexto educacional deve ser interpretativo de uma ação interpretada (o dialogismo entre os atores sociais); as formas de comunicação são vistas como investidas e expressões de poder; o pesquisador consiste no principal instrumento de coleta de dados, buscando a correlação entre *pesquisador x instrumentos x comunidade x sociedade*. Neste caso, nossa abordagem é mais qualitativa do que quantitativa:

As abordagens qualitativas de pesquisa se fundamentam numa perspectiva que valoriza o papel ativo do sujeito no processo de produção de conhecimento e que concebe a realidade como uma construção social. Assim, o mundo do sujeito, os significados que atribui às suas experiências cotidianas, sua linguagem, suas produções culturais e suas formas de interações sociais constituem os núcleos centrais de preocupação dos pesquisadores. (ANDRÉ, 2008, p. 47)

Isso posto, levamos em consideração para este trabalho a abordagem mais voltada aos paradigmas defendidos por Sarmiento (2003). Embora a parte quantitativa seja de extrema importância para a análise de dados, nosso objetivo final consiste na interpretação desses resultados, visando a reflexões de cunho linguístico, portanto social, político e ideológico,

assim como a relação entre a maior rede social da atualidade, o discurso digital e como os sujeitos se organizam, interagem e se posicionam através destes meios.

8.1) Justificativa da recolha do *corpora* online

O estudo de fenômenos linguísticos na Internet ainda está em sua infância.⁵⁷ Os estudos relacionando Internet e Política ainda possuem muitas “lacunas a serem preenchidas por estudos que aprofundem a relação entre culturas políticas e novas tecnologias.” (CHAGAS *et. al.*, 2015, p. 4) Por isso, os autores ressaltam o incentivo de pesquisas nesta área, e são muitas as opções: sintaxe, morfologia, meios de transmissão (fonológicos, grafológicos, multimodais), semântica, discurso, pragmática, sociolinguística, psicolinguística etc.

Investigating texts and practices online provides new possibilities for linguistic research methodology. Crucially the internet provides large amounts of freely available textual data. New links across the areas of linguistics are possible, such as discourse analysis and corpus linguistics. [...] New links across disciplines are possible as the approaches of language and literacy studies complement other socio-cultural, technical and sociological approaches and media studies. (BARTON; LEE, 2013, p. 21)

Por todas as questões discutidas nos capítulos anteriores, optamos pela seleção dos *corpora* do Facebook. A rede tem se tornado um rico campo para investigação em diversas áreas, sob diversos olhares e pode revelar muitas particularidades das percepções e comportamentos dos indivíduos, quanto a eles próprios e em suas relações sociais. Dabrowska (2013, p. 142) reforça que o Facebook traz inúmeras vantagens para investigação:

The social network, and specifically Facebook, shares a number of advantages with the electronic registers, notably those of large quantities of easily accessible data, a considerable degree of informality in the language, the possibility of manipulating the subjects in order to explore various aspects of language use and [...] access to social information about post authors through their profile data.

Seguindo a tendência sociocultural, pesquisadores têm investigado a CMC a partir de perspectivas linguísticas. Conforme Barton; Lee (2013, p. 6) “[t]his tradition is often informed by pragmatics, sociolinguistics and, especially discourse analysis – areas of linguistics that begin to take into account the effect of context and web user’s perceptions of what they do online.” Assim, dois métodos muito utilizados consistem na linguística de corpus (*corpus-based*

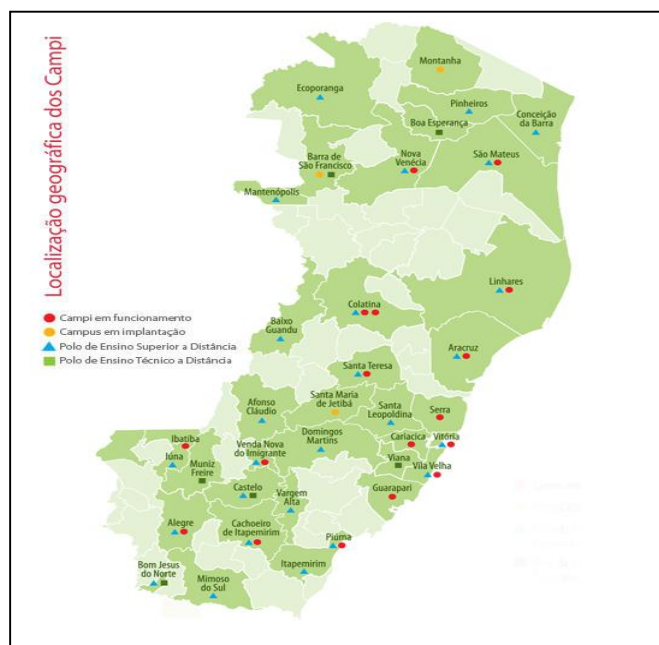
⁵⁷ CRYSTAL, 2011 *apud* DABROWSKA, 2013, p. 140-141.

analyses) e entrevistas. Neste caso, utilizamos a linguística de *corpus*, a partir da coleta de *posts* do Facebook.

8.2) A instituição e os sujeitos

A instituição de origem dos sujeitos e local de trabalho da mestranda consiste no Ifes - Instituto Federal do Espírito Santo. A escola surgiu em 1909 com o intuito de atender a alunos (basicamente do sexo masculino) em risco social. Chamada “Escola de Aprendizes Artífices”, oferecia cursos profissionalizantes (carpintaria, alfaiataria etc) a fim de proporcionar oportunidades de trabalho aos seus alunos, retirando-os da marginalidade. Atualmente, já uma instituição centenária, o Ifes conta com 20 *campi* espalhados por diversas cidades do estado do Espírito Santo, Brasil, além da modalidade de EAD, ofertando o total de 100 cursos, a incluir: Técnicos, Tecnólogos, Licenciaturas, Bacharelados, Engenharias, Especializações e Mestrados, nas modalidades presencial e a distância (EaD).⁵⁸

Figura 1 – Mapa dos Campi do Instituto Federal do Espírito Santo



⁵⁸ Na página oficial <<http://www.ifes.edu.br/>> pode-se encontrar toda a história da instituição, cursos ofertados por campus, legislação vigente etc. No Facebook, a escola possui mais de 20 grupos, incluindo: grupos oficiais por *campi*; de alunos, professores e técnicos administrativos; de atividades lúdicas, esportivas e artísticas; grupos mistos etc.

Como nossa pesquisa trata do discurso digital, é importante destacar que a instituição possui páginas oficiais em diversas redes: Facebook, Instagram, Twitter, YouTube e LinkedIn. Além disso, possui diversos cursos na modalidade a distância (EaD) através da plataforma *moodle*.⁵⁹

Embora o corpo discente não seja nossos sujeitos de pesquisa, situando-o brevemente, os alunos atualmente provêm de origem e classes sociais variadas: os cursos integrados ao ensino médio regular possuem, em sua maioria, adolescentes provenientes de classes favorecidas (média e alta). Todavia, com a implantação do sistema de cotas em 2012 houve uma maior mescla de perfis, já que 50% das vagas passaram a ser ofertadas a alunos provenientes somente da rede pública de ensino. Já os cursos subsequentes e da modalidade PROEJA atendem a alunos muitas vezes arrimos de família e trabalhadores de maneira geral. No caso dos cursos superiores e de pós-graduação, notamos uma maior mescla de perfis. Não obstante, a grande maioria dos alunos possuem como característica comum engajamento, seriedade com os estudos, uma vez que o próprio processo seletivo já é muito concorrido, por ser uma escola tradicional, que visa a uma excelente formação humana e para o mercado de trabalho.

Enfim, os sujeitos deste trabalho consistem no corpo docente da instituição que, em sua maioria, é constituído por professores especialistas, mestres e doutores. Por se tratar de uma escola pública federal, os professores são, em grande parte, efetivos; os demais também passam por processo seletivo para professores substitutos ou temporários, cujo contrato dura no máximo 2 anos.

Não usamos como critérios de seleção o grau de escolarização (Especialização, Mestrado e Doutorado), idade, gênero e áreas de atuação dos professores, visando à coleta de *posts* de profissionais de áreas e formações diversas, ou seja, à maior diversidade de sujeitos.

It is important not to stereotype internet use as consisting primarily of young's people activities on social media sites. In fact the idea of digital natives, and a digital divide, masks the variety of knowledge and experience in young people (Hargittai, 2010; Bennett *et al.*, 2008), and older people alike. (BARTON; LEE, 2013, p. 10)

A escolha destes sujeitos foi motivada devido à elevada interação digital na rede, que se revela extremamente criativa. Por se tratar de um público de alta escolarização e criticidade, percebemos que teríamos um material bastante rico para análise de diversos itens (citados

⁵⁹ Disponível em: <<http://ifes.edu.br/institucional/6026-assessoria-de-comunicacao-social?start=3>>. Acesso em Ago 2015.

detalhadamente abaixo). Além disso, conforme Lee (2011, p.124) “[w]ith the popularity of affordable mobile technologies, adults now constitute a large proportion of the ‘always on’ generation.” Os professores sujeitos da pesquisa, em sua grande maioria, possuem intensa participação na rede, interagindo sempre entre eles e com os alunos, em suas próprias linhas do tempo e nos diversos grupos do Ifes no Facebook.⁶⁰

8.3) Os objetos: *posts* e memes políticos no Facebook

Optamos por analisar os *posts* e memes políticos no Facebook devido à grande participação dos internautas na rede no período das eleições presidenciais do Brasil de 2014. É importante lembrar que limitamos este *corpus* somente às postagens relativas aos dois candidatos que disputaram o segundo turno, *Aécio Neves* e *Dilma Rousseff*, por questões quantitativas; devido ao grande número de postagens, não seria viável a coleta e análise de todas no curto tempo de conclusão do mestrado.

A fim de nos situarmos quanto aos candidatos e resultados de maneira geral, as tabelas e gráficos abaixo mostram todos os candidatos e seus respectivos partidos, assim como os resultados do 1º e 2º turnos.⁶¹

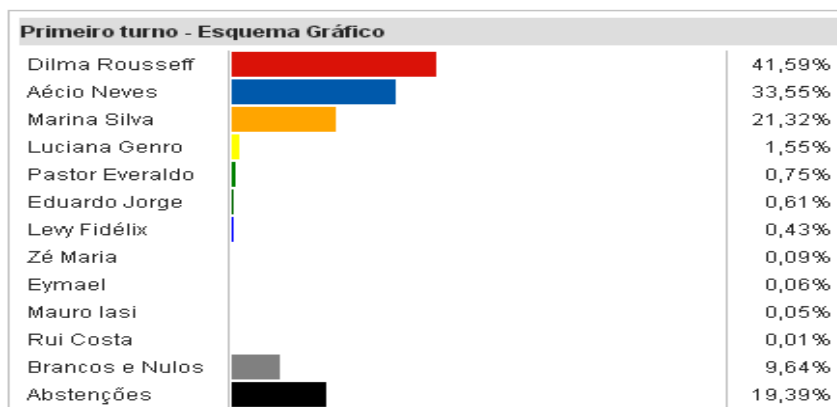
Figura 2 – Candidatos à presidência do Brasil em 2014 e seus respectivos partidos

Candidato	Partido
Aécio Neves	Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB)
Dilma Rousseff	Partido dos Trabalhadores (PT)
Eduardo Jorge	Partido Verde (PV)
Pastor Everaldo Pereira	Partido Social Cristão (PSC)
José Levy Fidelix	Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB)
José Maria de Almeida	Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU)
José Maria Eymael	Partido Social Democrata Cristão (PSDC)
Luciana Genro	Partido Socialismo e Liberdade (PSOL)
Marina Silva (antes vice de Eduardo Campos, falecido em um acidente aéreo em 13/08/14)	Partido Socialista Brasileiro (PSB)
Mauro Luiz Iasi	Partido Comunista Brasileiro (PCB)
Rui Costa Pimenta	Partido da Causa Operária (PCO)

⁶⁰ Nossa intenção inicial era também trabalhar com *posts* dos professores da Universidade Federal do Espírito Santo, a qual pertence à mesma rede de ensino brasileira, Federal ou da União. Todavia, a contagem dos *posts* já ultrapassava os 2.000, sendo assim inviável a análise devido ao tempo para a conclusão do mestrado. Portanto, optamos por limitar os sujeitos somente aos professores do Ifes.

⁶¹ Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Elei%C3%A7%C3%A3o_presidencial_no_Brasil_em_2014#Gr.C3.A1ficos.>
 Acesso em Ago 2015.

Figura 3 – Resultado das Eleições: 1º e 2º turnos



Consideramos o período das eleições presidenciais, sendo o primeiro turno em 05 de outubro e o segundo turno em 26 de outubro de 2014, quando os debates na rede foram muito intensos, coletando o total de 835 *posts*, de diversos gêneros e temas.

De acordo com Chagas *et. al.* (2015, p.13), “[o]s trabalhos que têm investido neste segmento [...] têm se concentrado em desenvolver análises formais dos conteúdos, comparando-os no que respeita ao tamanho das imagens, resolução, cromaticidade e outros aspectos relacionados.” Contudo, este tipo de análise pouco tem a contribuir para o campo de investigação de comunicação. Ainda, West; Trester (2013, p. 133) postulam que

When linguistics first entered computer-mediated communication (CMC) research, they adopted the foci that researchers from other fields had outlined: characterizing online language as being more like written or spoken communication, and describing the various features and genres present in texts on web.

Pelas razões acima, buscando evitar o aspecto meramente formal e/ou descritivo, optamos por um viés mais social e ideológico, considerando os pressupostos já discutidos da AD e da Pragmática. A citação abaixo de Chagas *et. al.* (2015, p. 13) refere-se à relevância social da participação dos internautas no Facebook com a utilização dos memes; todavia, podemos aplicá-la para *posts* políticos de maneira geral:

Os memes têm influenciado a cena política do país a mais tempo do que imaginamos. Como excelentes termômetros eleitorais, eles dinamizam e dimensionam a opinião pública a respeito de um dado candidato, partido ou uma proposta específica. Funcionando como comentários situacionais, escárnio ou manifestação de apoio explícito, os memes são capazes de descortinar de forma bastante evidente o

comportamento das massas em um cenário eleitoral. Estudá-los como gênero midiático pressupõe tentar compreender as motivações e manifestações que são expressas por meio destas peças de conteúdo e comportamentos específicos.

Assim, embora os *posts* e memes no Facebook geralmente sejam vistos como ‘rasos’, ‘jocosos’ ou ‘superficiais’, há neles um grande material poliexpressivo e polissêmico, pelo que esta visão dos mesmos como ‘cultura inútil’ é uma forma bastante simplória e equivocada de se pensar este fenômeno. De fato, o que ocorre é ainda a ausência de estudos nesta área com um olhar mais crítico e em contextos políticos e ideológicos.⁶²

8.4) Os objetivos

Finalmente, após toda a discussão teórica e metodológica apresentada, pretendemos esclarecer nosso caminho de investigação, o ‘passo a passo’ que utilizamos a fim de chegarmos a algumas conclusões e considerações. Barton; Lee (2013) afirmam que as nossas escolhas linguísticas consistem em uma das práticas mais marcantes de representação identitária. Por isso, a maneira como os indivíduos se posicionam nas diversas plataformas *online* pode representar o seu *self*.

[...] language choice is one of the most salient practices for identity performance. We show how participants on various online platforms represent the self through particular ways of choosing language and deploying their linguistic resources such as different scripts. (BARTON; LEE, 2013, p. 18)

Resumidamente, traçamos nossos objetivos baseando-nos em questões linguísticas, ideológicas e identitárias. Dabrowska (2013, p. 141) defende que as escolhas de determinados usos linguísticos, registro ou estilo consiste em uma inestimável fonte de informação acerca do autor: “his/her positions within the complex social context and his/her choices made in the construction of his/her identity.”

Isso posto, abaixo buscamos definir de maneira mais objetiva o caminho percorrido e nossos objetivos específicos com cada passo:

- (i) Separar os gêneros mais utilizados pelos internautas e analisar o gênero mais recorrente, visando perceber o porquê da preferência por determinado(s) gênero(s);
- (ii) Identificar os atos de fala mais recorrentes nos *posts* a fim de deduzir as intenções dos internautas, inferindo os atos que mais reforçam seus pontos de vista;

⁶² KNOBEL; LANKSHEAR, 2007 *apud* CHAGAS *et. al.*, 2015, p. 12.

(iii) Reconhecer nos memes e *posts* alguns exemplos das estratégias discursivas abaixo (figuras de linguagem, fatores de textualidade, atos de fala, questões pragmáticas etc), discutindo artifícios criativos que os falantes utilizam para defender seus posicionamentos:

- a. Intertextualidade e referenciação;
- b. O lúdico;
- c. Ironia;
- d. Hibridismo linguístico (características da oralidade na linguagem escrita);
- e. Monitoramento x *continuum*;
- f. Metáforas;
- g. Gírias, disfemismos e neologismos;
- h. *Code-switching*;
- i. *Mock performatives*;
- j. Manutenção e ameaça da face;
- k. etc.

Difícilmente estas estratégias ocorrem isoladamente; por isso, buscaremos entre os 835 *posts* alguns dos mais criativos, que derem maior margem à exemplificação e discussão e, obviamente, algumas estratégias serão mais comuns que outras. Por fim, passamos então à análise dos dados coletados.

Capítulo 9

Análise dos Dados

Tomando como ponto de partida os objetivos estipulados no capítulo anterior, buscaremos discorrer sobre eles, exemplificando-os e justificando seus resultados. Lembramos que nosso *corpus* consistiu nas postagens de 30 professores do Instituto Federal do Espírito Santo, durante os meses de setembro e outubro de 2014, quando a participação no Facebook foi muito intensa. Foram coletados o total de 835 *posts* referentes ao segundo turno das eleições presidenciais de 2014, tendo como candidatos Dilma Rousseff (PT) e Aécio Neves (PSDB).

9.1) Gêneros Discursivos e Atos de Fala

Como a literatura acerca do gênero digital *post* ainda é pequena, adotamos os termos *posts próprios* e *posts compartilhados*, referindo-se, respectivamente: os primeiros àqueles escritos pelo próprio sujeito, com sua opinião pessoal; os segundos seriam os *posts* de outrem, compartilhados pelo sujeito, com ou sem sua opinião pessoal. Seguem abaixo alguns exemplos:

(i) Posts próprios:

A O¹

26 de outubro de 2014 ·

Insisto na questão: o que faz pessoas comuns, sem fortuna, que trabalham pra se sustentar, ficarem do lado da REDE GLOBO e da VEJA? Será que pensam que a mídia corporativa, representante do grande capital, está do lado delas?

E B R J

27 de outubro de 2014 ·

Amigos "facebookianos", a batalha chamada Eleições 2014 acabou! Assim, solicito que parem de enviar mensagens "abertas" sobre o assunto. Obrigado.

(ii) Posts compartilhados:

K B R compartilhou a foto de **A R E**.

24 de outubro de 2014 ·

Essa a professora de português não pode deixar passar. **C B**



A R E

Para descontrair.

O Sr. Ricardo Amorim é apresentador do Manhattan Connection, do canal Globo News e tem se destacado por fortes ataques à candidatura Dilma.

Boa Noite!

E C

28 de outubro de 2014 ·

quantos dos meus amigos vão deixar a política de lado nessa semana? e quantos vão se propor a treinar política sob outras lógicas, mais construtivas para a nossa democracia?

M A

Prevejo que a partir da semana que vem poderemos voltar a discutir política sem interferência do jogo eleitoral. Um pressuposto essencial é que a chave de leitu...

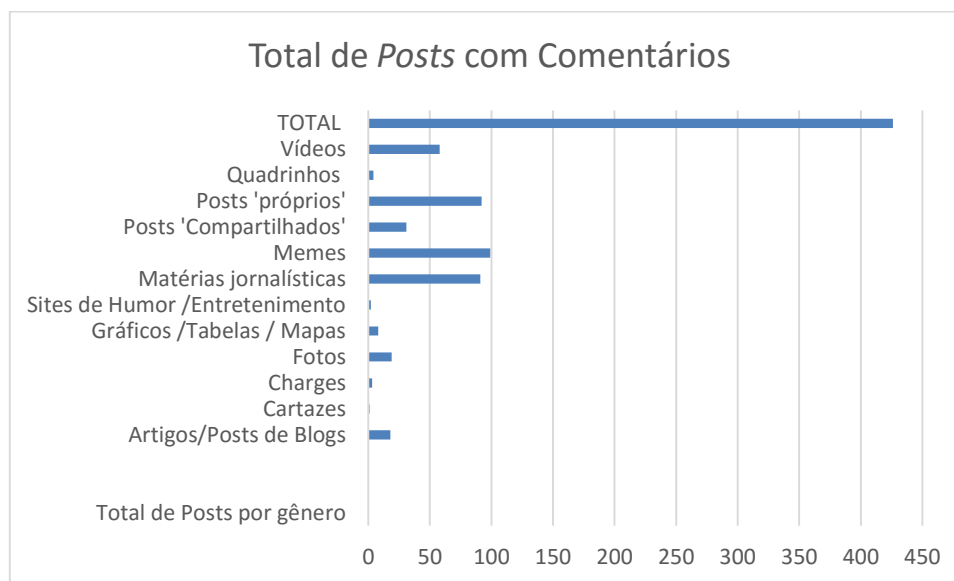
Escolhemos os gêneros *posts* e memes para análise, uma vez que foram os mais recorrentes na coleta dos dados e consistem em gêneros exclusivamente do discurso digital. Abaixo, a tabela e o gráfico mostram os gêneros discursivos encontrados no *corpus* e seus respectivos números de postagens. Ao fazer a separação, optamos pela nomenclatura *posts comentados* e *posts sem comentários*. Uma vez que um dos nossos objetivos consiste em averiguar os atos de fala mais

utilizados pelos sujeitos e suas intenções comunicativas, utilizamos para recolha dos exemplos o grupo de **posts com comentários**.

Tabela 1- Total de postagens por gênero discursivo

Gêneros Discursivos	Total Posts com comentários	Total Posts Sem comentários
Artigos / Posts de Bogs	18	11
Cartazes	1	10
Charges	3	3
Fotos	19	16
Gráficos /Tabelas / Mapas	8	17
Matérias jornalísticas	91	68
Memes	99	231
Posts 'Compartilhados'	31	17
Posts 'Próprios'	92	-----
Quadrinhos	4	1
Sites de Humor /Entretenimento	2	8
Vídeos	58	27
Total	426	409

Gráfico 1 – Total de posts com comentários



Isso posto, respondendo à nossa primeira questão, nota-se a preferência pelos gêneros *posts* e memes, como já citado, por serem gêneros exclusivos do discurso virtual e viralizados em blogs e redes sociais, neste caso, o Facebook. Os primeiros destacam-se por se tratarem da livre opinião dos internautas, uma espécie de ‘diário público virtual’, permitindo uma maior liberdade de expressão. Os segundos são os mais comuns na rede; por seu caráter lúdico, irônico e criativo são facilmente viralizados.

Nosso segundo objetivo proposto consistiu em averiguar os atos de fala e criar hipóteses acerca dos atos preferidos pelos sujeitos. Para tanto, a tabela abaixo apresenta o número de atos de fala encontrados por gênero. Para esta coleta, foram separados todos os verbos e locuções verbais de cada *post* e meme com comentários.⁶³

Gêneros	ATOS DE FALA							
	Assertivos			Diretivos		Compromissivos	Expressivos	Declarações
	Dir.	Ind.	Falsos ⁶⁴	Dir.	Ind.			
Artigos / Posts de Bogs	52	0	1	7	6	0	0	0
Cartazes	1	0	0	0	0	0	0	0
Charges	9	2	1	2	1	0	0	0
Fotos	17	1	0	2	1	0	4	0
Gráficos /Tabelas / Mapas	26	0	0	3	6	0	0	0
Matérias jornalísticas	223	20	7	14	4	4	7	0
Memes	229	4	5	11	20	2	16	0
Posts 'Compartilhados'	71	0	1	5	4	0	4	0
Posts 'Próprios'	347	20	5	34	80	1	18	0
Quadrinhos	3	0	0	0	1	0	0	0
Sites de Humor /Entretenimento	0	0	3	0	0	0	0	
Vídeos	237	6	0	17	22	3	10	0
Total	1.215	53	23	95	145	10	59	0
Total por ato de fala	1.291			240		10	59	0

Tabela 2 – Atos de Fala por Gênero Textual

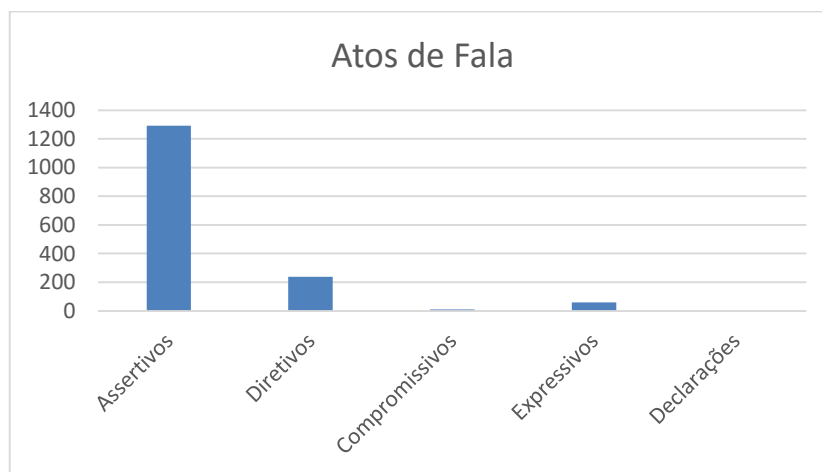


Gráfico 2 – Atos de fala mais utilizados

⁶³ No capítulo *Anexos*, mostramos todos os verbos/locuções verbais e atos de fala por gênero discursivo.

⁶⁴ Assertivos Falsos são os atos que não atendem “às condições de sinceridade que o falante deve ter ao emitir uma asserção.” (CARVALHO, 2015) Mais adiante citaremos alguns exemplos contextualizados.

Observando a tabela e o gráfico percebe-se claramente a preferência dos internautas pelo atos assertivos, acompanhados dos diretivos. Nossa hipótese para a preferência pelos assertivos diretos baseia-se no fato de que, por serem professores, ou seja, um público mais crítico e informado, tendem a expressar-se de maneira mais assertiva e convicta de suas opiniões.

Como reiterou Lima (2006), os atos assertivos comprometem o falante à verdade do enunciado, em sua crença na proposição expressa. Por esta razão, estes sujeitos, com maior nível de escolaridade e criticidade, tenderão aos atos assertivos diretos visando reforçar suas ideias através de argumentos embasados em leituras críticas e dados comprovados/mostrados cientificamente. Ainda conforme Dabrowska (2013, p. 141), “[...] the fact that the data are written means that they should not be misunderstood or misinterpreted.” Entendemos que por estas razões os assertivos foram bem mais usados do que qualquer outro tipo de atos de fala.

Em seguida, encontramos os atos diretivos uma vez que, evidentemente, de maneira direta e indireta, os sujeitos visam a convencer os usuários da rede de que sua candidata é a melhor para o país, por inúmeras razões. Percebemos também que os atos assertivos possuem caráter diretivo, já que pretendem certificar os benefícios do governo petista, que tende a ideologias de esquerda, em detrimento do PSDB, que adota políticas neoliberais. Portanto, como estes atos pretendem levar o interlocutor a praticar uma ação (LIMA, 2006), podemos inferir que a ação intentada neste caso seria *votar em Dilma Rousseff*. Enfim, o próprio contexto situacional – a defesa de seus candidatos publicamente – já indicava para estes dois tipos de atos.

Isso é notado também tendo em vista o terceiro gênero mais utilizado e comentado: matérias jornalísticas. Embora não tenhamos escolhido este gênero para a coleta de exemplos de discurso digital por não se tratar de um gênero exclusivamente virtual, os números mostram que os sujeitos pesquisados, em grande parte, utilizam-se de argumentos provenientes de jornais e *blogs* reconhecidamente críticos, geralmente considerados de esquerda, fugindo às mídias de massa, entretando com maior liberdade de opinião, criticidade e compromisso com dados sociohistóricos. Os exemplos a seguir mostram este perfil de leitura:

A A via Desmascarando a manipulação da Globo e da Folha de São Paulo.

11 de setembro de 2014 ·

Compartilho por se tratar de um texto baseado em fatos...nosso passado nos constitui enquanto seres humanos, não podemos fingir que tudo isso não existiu. Quem já tem seu voto decidido...parabéns! Mas quem ainda tem alguma dúvida, leia...reflita...pense três vezes...urna não é lixeira....



Uma análise séria sobre o Brasil antes e depois do PT

O PSDB quer voltar ao poder com Aécio. Algumas figuras conhecidas do setor financeiro querem voltar ao poder com Marina Silva. Relembre por meio de jornais como foram os 8 anos em que essas pessoa...

DESMASCARANDOGLOBOFOLHA.COM

E C

31 de outubro de 2014 · Editado ·

olha os noias no pedaço

"O país cheio de comunistas escondidos no telhado das casas, prontos a atacar de noite, articulados pelo Foro São Paulo é uma criação midiática, pirações da sociedade do espetáculo, roteiros novelizados, assim como foi o fantasma da guerra fria que gerou o macartismo nos anos 50 nos Estados Unidos ou a Guerra dos Mundos, de Orson Wells."



O medo do comunismo e a paranoia de pessoas supostamente bem informadas

PRAGMATISMO POLITICO.COM.BR

No tempo de FHC era bem pior!



[32 capas de jornal que vão te lembrar como foi o Brasil dos anos 90 e o governo FHC - Portal Fórum](#)
REVISTAFORUM.COM.BR

Estes argumentos – a busca por leituras críticas, embasamento em fatos históricos e dados comprovados através de pesquisas – justificam a grande maioria dos posicionamentos a favor da candidata Dilma Rousseff. Dos 30 sujeitos pesquisados, apenas 1 defendeu, sem grande fundamentação ou dados concretos, o candidato Aécio Neves (PSDB).⁶⁵ A tabela e o gráfico abaixo atestam o número de postagens por sujeito e seus respectivos candidatos/abstenções:

Tabela 3 – Número de posts por sujeito e respectivo candidato

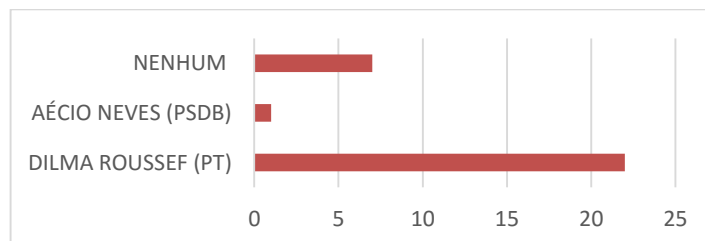
	Professores - IFES	Nº Posts	Candidato
1	A O	105	Dilma
2	A P	0	-----
3	A J	6	Dilma
4	A A	28	Dilma
5	A C G	2	Dilma
6	A D	0	-----
7	A H P	4	Dilma
8	A P	5	Aécio
9	B L	15	Dilma
10	C N	0	-----
11	C E D	0	-----

⁶⁵ O único post comentado deste sujeito consiste em um meme, o qual será analisado mais adiante junto com os demais.

12	C S	36	Dilma
13	C B	4	Dilma
14	D A	1	Dilma
15	E B R J	2	-----
16	E R	13	Dilma
17	E P	8	Dilma
18	E C	50	Dilma
19	E M A	0	-----
20	E F	75	Dilma
21	E A	122	Dilma
22	F U	1	-----
23	F T	2	Dilma
24	G F	17	Dilma
25	H B R	15	Dilma
26	J B L W	30	Dilma
27	K B R	106	Dilma
28	L P	20	Dilma
29	M R	14	Dilma
30	S Q	154	Dilma
TOTAL POSTS		835	

TOTAL DILMA	22
TOTAL AÉCIO	1
ABSTENÇÕES	7

Gráfico 3 – Preferência política por candidato e partido



Outros argumentos bastante utilizados para a defesa da candidata Dilma Rouseff foram: a comparação entre o antigo governo do PSDB sob a presidência de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), ‘a era FHC’, e o governo do PT com Lula (2003-2010) e Dilma Rouseff (2011-2014); os investimentos na área de educação dos governos do PT; posicionamentos ideológicos (políticas sociais x meritocracia, luta contra a direita neoliberal, a defesa do retorno da Ditadura Militar por muitos eleitores do PSDB etc); manipulação das mídias de massa (Rede Globo e Revista Veja) a favor do candidato Aécio Neves e do PSDB; escândalos de corrupção do PSDB ‘engavetados’ pelo Ministério Público e ocultados pela mídia de massa; avaliação negativa de governos estaduais do PSDB, a exemplo dos estados de Minas Gerais e de São Paulo, que enfrentaram problemas na área de educação e crise hídrica, respectivamente, além de casos de corrupção; discurso de preconceito e ódio (contra negros, nordestinos e pessoas de baixa renda

dependentes de programas sociais, a exemplo do Bolsa Família); o apoio de artistas engajados politicamente e da classe intelectual ao PT; o discurso das classes média e alta que tende a favorecer seus próprios interesses econômicos; etc. Os *posts* a seguir são alguns exemplos em prol da candidata do PT e contra o PSDB:

E C

20 de outubro de 2014 · Editado ·

"não falemos do passado Dilma, vamos ser propositivos"
o mineirinho malandro querendo sair de mansinho



MP mineiro aponta sumiço de R\$ 1 bilhão da Saúde no governo Aécio - Eleições 2014 - O Dia
Segundo o governo mineiro, parte da verba foi repassada à Companhia de Saneamento de Minas Gerais. A empresa, no entanto, nunca recebeu o valor
ODIA.IG.COM.BR

A O via **Rudá Ricci**

24 de outubro de 2014 ·

Não admito! Isso é leviandade! Minha candidata - voto na Veja - é sempre idônea!



Advogado de doleiro: Veja mentiu sobre Dilma

O advogado Antonio Figueiredo Basto, que comanda a defesa do doleiro Alberto Youssef, afirma que desconhece o depoimento de seu cliente que ancora a capa de Veja, publicada ontem, em edição extra; “Eu nunca ouvi nada que confirmasse isso...”

BRASIL247.COM|POR BRASIL 24/7

H B R compartilhou a [foto](#) de [L O](#).

26 de setembro de 2014 ·

Investimentos sociais se autorefletem naquilo que nos tornamos em várias perspectivas.



L O

Algo para ser comemorado com alegria e lágrimas nos olhos.

K B R

16 de outubro de 2014 ·

Tenho observado esse ódio aqui também, e já postei sobre isso. Se você pode postar na sua timeline "Fora PT", na minha, tenho todo direito de postar "Aécio Never". Vamos respeitar a escolha dos outros, mesmo que nos pareça equivocada! E a desqualificação dos eleitores que votam na Dilma? "nordestinos", "imbecis", "alienados", "petralhas"... Esse povo está muito mal informado, pois a Dilma tem entre seus eleitores boa parte da intelectualidade do país, a maioria dos professores universitários, muitos artistas e pessoas conscientes de que a situação neste país tem que continuar mudando, sim! Precisamos diminuir muito ainda a desigualdade social. E o engraçado é que não vejo esse movimento agressivo contra os eleitores do Aécio (NEVER), que vai pra mídia fazer discurso de vítima.



Ódio ao PT fez mais uma vítima: Gregório Duvivier

O ator e poeta Gregório Duvivier, integrante do grupo Porta dos Fundos, foi agredido verbalmente e quase fisicamente no Rio de Janeiro; o motivo: ter declarado seu apoio à reeleição da presidente Dilma Rousseff e criticado a pressão para votar em Aécio...

BRASIL247.COM|POR BRASIL 24/7

J B W compartilhou a foto de Seja Dita Verdade.

15 de outubro de 2014 ·

IMPORTANTÍSSIMO COMPARAR!

Seja Dita Verdade



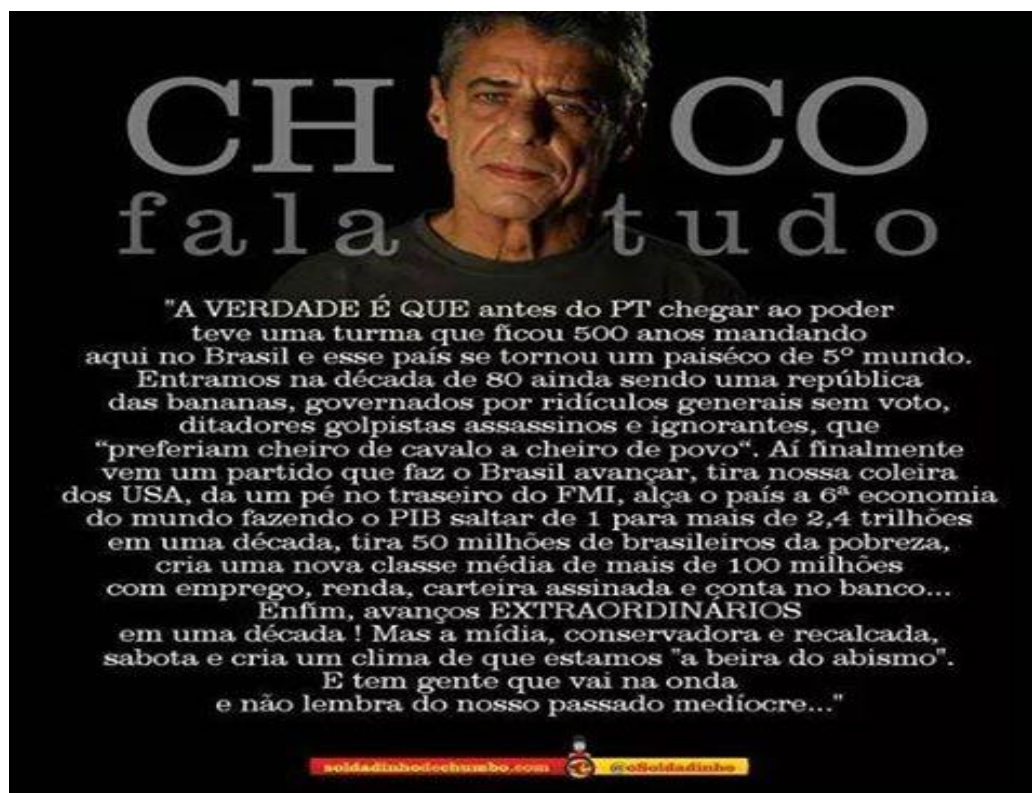
Curta Seja Dita Verdade

Os números estão aí. Comente suas conclusões.

E R

13 de outubro de 2014 ·

E isso aí! Abra o olho moçada!



Com os posts supracitados concluímos a primeira parte de nossa análise, mais geral, onde buscamos apresentar um panorama das discussões, os dados numéricos e os atos de fala recorrentes. A próxima e última etapa pretende mostrar questões mais específicas do discurso digital, a partir dos dois gêneros virtuais mais usados: *posts* ‘próprios’ e memes.

9.2) Estratégias Discursivas

Tendo em vista nosso terceiro objetivo proposto, pretendemos identificar nos *posts* e memes a seguir algumas das estratégias pragmáticas e discursivas mais comuns na linguagem digital e nas redes sociais. Conforme definido no capítulo interior, buscaremos apontar exemplos de: intertextualidade e referenciação; o lúdico; ironia; hibridismo linguístico (características da oralidade na linguagem escrita); monitoramento x *continuum*; metáforas; gírias, difemismos e neologismos, *mock performatives*; manutenção e ameaça da face; etc. Como sabemos, frequentemente tais estratégias não aparecem isoladas, embora algumas possam vir a se destacar mais do que outras, dependendo das intenções dos falantes. A fim de limitar nosso *corpus* devido à grande quantidade de material, escolhemos 15 *posts* ‘próprios’ e 15 memes diversificados, de 10 sujeitos cada, que possam dar maior margem à exemplificação. Visamos também, de maneira geral, identificar os atos de fala e suas intenções comunicativas, situando os comentários em alguns dos temas mais debatidos durante as eleições.

9.2.1) Posts Próprios

A tabela abaixo traz a análise proposta dos 15 *posts* próprios, de maneira breve: contextualização, atos de fala e traços do DD.

<i>Post</i>	Análise
<p>1) A O 11 de outubro de 2014 ·</p> <p>[QUERO UM BRASIL] SEM INVESTIMENTO NA EDUCAÇÃO PÚBLICA! [...] COM SALÁRIO MÍNIMO DE FOME! [...] COM UNIVERSIDADES E INSTITUTOS FEDERAIS SUCATEADOS! [...] COM MENOS MÉDICOS! [...] CADA VEZ MAIS DEPENDENTE DOS ESTADOS UNIDOS!</p>	<p>Este professor fez uma série de <i>posts</i> seguindo esta mesma estrutura: <i>Quero um Brasil sem</i> [...]. Neste caso, temos um ato assertivo falso pois, embora a proposição seja assertiva, o professor utiliza-se de ironia para criticar o antigo governo PSDB, quando tais problemas eram evidentes. Ou seja, ele não acredita na proposição; ele quer o oposto. A letra maiúscula e o ponto de exclamação são sinais gráficos que buscam imitar a linguagem oral em termos prosódicos: indicam que a pessoa está gritando</p>

	ou falando em tom de voz agressivo e/ou enérgico.
<p>2) A O 27 de outubro de 2014 .</p> <p>QUESTÃO 1: você já passou fome?</p> <p>QUESTÃO 2: se vc passasse fome, que considerações faria acerca de uma ação governamental que lhe desse acesso à comida?</p> <p>QUESTÃO 3: se você tivesse deixado de passar fome em função de uma ação governamental, que considerações faria acerca de opinião segundo a qual você é um pobre ignorante que se vende por um prato de comida?</p> <p>[...]</p> <p>QUESTAO 12: você pode imaginar o que seja viver sem ter sequer o que comer? você se considera sensível ou insensível à fome alheia?</p> <p>[...]</p> <p>QUESTÃO 16: em relação ao convívio social, você se considera segregacionista? você se sente valorizado/a ou desvalorizado/a quando pessoas de poder aquisitivo menor do que o seu passam a frequentar os seus lugares prediletos?</p> <p>[...]</p>	<p>O professor segue a mesma estratégia dos posts anteriores: numa sequência de 24 questões (selecionamos apenas algumas), ele faz perguntas aos interlocutores, sendo a maioria ligadas à um tema que foi motivo de muita polêmica e polaridade esquerda x direita e classes média e alta x classe baixa: o programa social Bolsa Família. Muitos eleitores do candidato Aécio Neves se declararam contra o auxílio do governo, alegando que o mesmo gera comodismo em seus beneficiários e estes votam no PT apenas por medo de que, em um novo governo, o benefício seja cortado.</p> <p>Podemos inferir que as proposições neste caso tratam-se de atos diretivos indiretos, uma vez que o professor utiliza-se de perguntas para levar o leitor a refletir sobre problemas históricos sofridos pelas classes menos favorecidas (fome, segregação etc). Por fim, as reflexões pretendem sensibilizar os interlocutores, levando-os a se colocarem no lugar daqueles que já passaram fome.</p>
<p>3) A A 24 de outubro de 2014 .</p> <p>Nossa...o programa de Dilma na TV hj me emocionou.....chorando aqui... Dilma 13...no domingo... E vamos comer coxinhassss (literalmente falando, por favor...)</p>	<p>Nos <i>posts</i> do professor AA encontramos muitas características da oralidade: embora professor de língua portuguesa, o mesmo não demonstra preocupação em seguir a variedade padrão na rede social. Utiliza-se da linguagem informal aceita e disseminada através rede, e suas postagens apresentam algumas das estratégias apresentadas nesta pesquisa:</p> <p>(i) Hibridismo, expressões da língua oral e linguagem coloquial: <i>Nossa...; chorando aqui...-</i></p> <p>(ii) Redução: <i>hj</i> por <i>hoje</i>;</p> <p>(iii) Ironia, gíria e grafia estilizada: <i>coxinhassss</i>. O termo ‘cozinha’ é uma gíria paulistana, que surgiu na década de 80, relacionada aos policiais que comiam este famoso salgadinho em seu horário de trabalho. Portanto, por ser associada aos policiais, a gíria então ganhou sentido pejorativo, uma vez que designava profissionais que, embora ganhassem salários baixos, zelavam pela segurança e interesses das classes mais abastadas. A partir das manifestações de 2013, o termo passou a ser usado como uma maneira irônica de se referir aos cidadãos,</p>

	<p>geralmente brancos de classes média e alta, que defendem posicionamentos políticos baseados nas mídias de massa e senso comum, de direita, muitas vezes hostilizados por expressarem pontos de vista sem fundamentação teórica ou histórica. A ironia também aparece em <i>literalmente falando, por favor...</i>, pois <i>comer</i> é uma gíria que em PB possui conotação sexual; então <i>comer coxinhasssss</i> possui sentido conotativo e pejorativo, o qual o autor buscou ‘aliviar’ com a expressão (<i>literalmente falando, por favor...</i>).</p> <p>Com os verbos <i>emocionar, chorar e falar</i> temos atos assertivos diretos. Já em <i>vamos comer coxinhasssss</i> encontramos um ato diretivo indireto, se tratando de um convite do autor para as pessoas votarem em Dilma Rousseff e assim ‘acabarem com os coxinhas’, mostrarem a força dos eleitores do PT.</p>
<p>4) A A 3 de outubro de 2014 · Não levante o dedo p mim!!! Aécio cagão abaixou na hora....kkkk</p>	<p>Este <i>post</i> faz referência a um debate televisivo, quando o candidato Aécio Neves levantou o dedo de maneira agressiva para a candidata Luciana Genro (PSOL) e a mesma respondeu com a frase “Não levante o dedo para mim!” Assim, nota-se:</p> <ul style="list-style-type: none"> (i) Intertextualidade: para entender o contexto da mensagem o receptor deve ter conhecimento prévio do debate; (ii) A inadequação à norma padrão e o hibridismo: neste caso, ao fazer referência à frase de Luciana Genro, a mesma deveria vir entre aspas; a expressão <i>na hora</i> não é usada em textos escritos na norma padrão, é geralmente oral e característica de contextos informais; (iii) Redução: <i>p</i> por <i>para</i>; (iv) Pontuação exagerada ou estilizada:!!!; (v) Gíria: <i>cagão</i> em PB quer dizer medroso, covarde; (vi) Escrita fonética / onomatopeia: <i>kkkk</i>, na linguagem coloquial escrita em PB, consiste na representação gráfica do som de uma risada. <p>Quanto ao atos de fala, temos um diretivo direto (<i>Não levante [...]</i>), um assertivo (<i>abaixou</i>) e um expressivo (<i>kkkk</i>) que, embora não seja um verbo, transmite os sentimentos do falante.</p>

<p>5) A A 26 de outubro de 2014 ·</p> <p>Heraldo elogiando Dilma, na Globo???? Q porra é essa gentche???</p>	<p>Este trata-se de um exemplo de ato assertivo indireto, pois o autor afirma em forma de pergunta. A interrogação visa mais à ironia do que de fato levar o interlocutor a realizar uma ação. Heraldo Pereira é um jornalista da Rede Globo, emissora que apresenta um jornalismo tendencioso de direita e manipulou muitas matérias a favor do candidato Aécio; por isso a suposta surpresa e ironia do professor ao ver um elogio ao governo Dilma na Globo, no período eleitoral.</p> <p>Assim como nos outros <i>posts</i>, a linguagem é coloquial, apresentando:</p> <ul style="list-style-type: none"> (i) Redução: <i>Q</i> por <i>Que</i>; (ii) Pontuação exagerada ou estilizada: ?????; (iii) Gíria, baixo calão: <i>porra</i>; a expressão <i>Que porra é essa?</i> é geralmente utilizada em contextos muito informais e possui conotação pejorativa; (iv) Escrita fonética: <i>gentche</i> busca imitar a pronúncia da palavra <i>gente</i>, com o sotaque do estado de origem do emissor, Espírito Santo; (v) Ausência da vírgula separando o vocativo em <i>Q porra é essa gentche???</i>.
<p>6) A H P 27 de outubro de 2014 ·</p> <p>Reflexão:</p> <p>Meu amigo, se você é de origem de classe popular, possui curso superior e foi pra urna sem ter certeza em quem votar, só posso dizer uma coisa: você não entendeu nada do que está acontecendo no Brasil. Infelizmente.</p> <p>Passado o calor da eleição, o convido a fazer uma reflexão:</p> <p>São dois projetos. um Brasil que inclui todos - inclusive de você. Ou um Brasil para uma minoria. Sinceramente, você precisa fazer uma profunda reflexão sobre suas posições. Reveja suas leituras (por acaso não é a <i>Veja??</i> ou o <i>Globo??</i> ou a <i>Gazeta??</i>)</p> <p>Quem sabe em outras leituras/textos você encontrará mais informações sobre a revolução que está acontecendo e encontre sua identidade com o povo brasileiro, passando a honrar sua origem de classe e seu diploma de professor(a)??</p> <p>Você terá mais 4 anos pra pensar e refletir.</p> <p>Um abraço.</p>	<p>Este <i>post</i> traz quase todos os atos de fala citados na pesquisa e demonstra muito dos sentimentos e ideologias que moveram a maioria dos sujeitos que defenderam Dilma Rousseff. Os atos de fala encontrados foram:</p> <ul style="list-style-type: none"> (i) Assertivo Direto: <i>é, possui, foi, ter, posso dizer, não entendeu, está acontecendo, passado, são, inclui, terá, pensar, refletir</i>; (ii) Assertivo Indireto: <i>não é (por acaso não é a <i>Veja??</i> ou o <i>Globo??</i> ou a <i>Gazeta??</i>).</i> Interpretamos a sentença como assertiva indireta pois pretende afirmar algo de maneira irônica (o professor assume que quem defende o segundo projeto baseia-se nas mídias de massa citadas); assim como no <i>post</i> anterior, a interrogação pretende mais chamar a atenção pela ironia e não levar o leitor a praticar a ação); (iii) Diretivo Direto: <i>convido a fazer, Reveja</i>; (iv) Diretivo Indireto: <i>Quem sabe [...] encontrará [...] encontre [...] passando a honrar</i>; (v) Expressivo: <i>Despedir-se (Um abraço).</i> <p>O fato do professor mesclar vários atos de fala reflete sua perspicácia argumentativa. Primeiramente, os assertivos mostram</p>

	<p>segurança e compromisso com fatos, para então serem usados os diretivos, que buscam levar o leitor à refletir e a escolher o PT. Por fim, o expressivo gera um sentimento de acolhimento e amizade (ele também inicia o texto tratando o leitor como amigo (<i>Meu amigo</i>), o que contribui também para a manutenção da face: o professor é gentil e cordial mesmo com aqueles que defendem ideias diferentes das suas, o que é também uma estratégia diretiva.</p>
<p>7) C S 26 de outubro de 2014 .</p> <p>Ehhhhhh o playboy do Aécio perdeu! É a vitória do social sobre a burguesia arrogante e golpista! Viva Dilma!!!!!!!!!!</p>	<p>No <i>post</i> da professora C S, encontramos:</p> <ul style="list-style-type: none"> (i) Escrita fonética: <i>Ehhhhhh</i>. (ii) Gíria, calão: <i>playboy</i>, em PB, é similar a <i>betinho</i> em PE. Indivíduo do sexo masculino, geralmente de classes favorecidas, que não se preocupam com questões sociais, não precisam trabalhar pois são geralmente sustentados pelos pais até quando adultos, se preocupam com a aparência (estar na moda) etc. Termo pejorativo; (iii) A não-preocupação com a maiúscula em início de frase (<i>o playboy [...]</i>); (iv) <i>Continuum</i>: A primeira sentença não se encaixa na norma padrão pelas razões acima, enquanto a segunda, quando a professora pretende passar um posicionamento crítico, já apresenta-se na norma padrão. (v) Pontuação exagerada ou estilizada: <i>!!!!!!!!!!</i>. <p>Temos a mescla de atos expressivos (<i>Ehhhhhh</i>, <i>Viva Dilma!!!!!!!!!!</i>) com assertivos, visando comemorar a vitória do PT em detrimento das ideologias de direita do PSDB (<i>burguesia arrogante e golpista</i>).</p>
<p>8) C B 12 de outubro de 2014 .</p> <p>Agora nao tenho opção. Votar 13 em Dilma é fundamental. Estou em Minas e todos aqui têm pavor a Aécio. Atenção, vamos voltar ao abismo social e político do governo FHC. Fiquei triste que Marina tenha apoiado Aécio, mas vamos eleger Dilma. Abraços C B.</p> <p>Vou citar so um exemplo na educação federal. FHC inaugurou 1 escola no ES. Lula e Dilma 15 em todo o Estado. No Brasil são 264 novas unidades.</p> <p>Pensem.....</p>	<p>Este também consiste em um exemplo similar ao anterior: uma mescla de atos de fala, visando a convencer o leitor a votar em Dilma. Nota-se que o professor usa atos assertivos para relatar fatos, ou seja, enfatizar a veracidade da proposição, para então combiná-los com os diretivos. Os expressivos aparecem também como forma de proteger a face e criar empatia. Seguem os atos encontrados:</p> <ul style="list-style-type: none"> (i) Assertivos Diretos: <i>não tenho, Votar, é, Estou, têm, vamos voltar, tenha apoiado, vou citar, inaugurou, são;</i> (ii) Diretivos Diretos: <i>Atenção, vamos eleger, Pensem;</i>

	(iii) Expressivos: <i>Fiquei triste, Abraços.</i>
<p>9) E B R J 21 de outubro de 2014 ·</p> <p>Amigos do face, eu e minha família já sabemos em quem vamos votar. Assim, peço a gentileza de não enviarem propaganda partidária. Vamos trabalhar por um país melhor pra todos! Abraços.</p>	<p>Este professor demonstra cuidado em manter a norma padrão. Não observamos nenhum desvio ortográfico ou de pontuação. A combinação de diversos atos e a forma como se expressa também indicam a preocupação com os princípios de delicadeza e manutenção da face, a exemplo de <i>Amigos do face, peço a gentileza, Abraços.</i> Quanto aos atos de fala, destacamos:</p> <p>(i) Assertivos Diretos: <i>sabemos, vamos votar;</i> (ii) Diretivos Diretos: <i>peço a gentileza de não enviarem [...];</i> (iii) Compromissivo: <i>Vamos trabalhar;</i> (iv) Expressivos: <i>Abraços.</i></p>
<p>10) E F <u>13 de outubro de 2014</u> ·</p> <p>Eu que não voto por ser gringo, achava que o segundo turno seria hoje. Me dei mal. Parece que essa polarização 13/45 vai continuar ainda bastante tempo! ☹</p>	<p>Este professor apresenta um <i>continuum</i> em suas postagens, por ser estrangeiro e bastante ativo no Facebook (incorporou características da oralidade no DD). Neste <i>post</i>, percebemos:</p> <p>(i) Gírias, calão: <i>gringo</i>, o que quer dizer <i>estrangeiro</i> na norma padrão; <i>Me dei mal;</i> (ii) <i>Emoticon</i>: ☹</p> <p>Os atos de fala são todos assertivos. Interessante notar que a polarização referida por ele continua até os dias atuais, quase um ano depois das eleições. Neste caso, os assertivos foram bem apropriados, por se tratar de um fato político e histórico.</p>
<p>11) E F <u>28 de outubro de 2014</u> ·</p> <p>Estou até pensando em comprar a próxima edição da Veja! ☹</p>	<p>Neste <i>post</i> temos exemplos de assertivos falsos, pois proposição não condiz com a ‘verdade’; trata-se de uma ironia, pois a revista apresentou um jornalismo tendencioso a favor de Aécio e o mesmo perdeu as eleições. Portanto, o professor pretendeu desdenhá-la.</p> <p>Quanto ao DD, a única marca que aparece no <i>post</i> é o <i>emoticon</i> ☹.</p>
<p>12) L P compartilhou a própria <u>foto</u>. <u>4 de setembro de 2014</u> · <u>Editado</u> ·</p> <p>depois de saber q um país cuja presidente conheceu o terror nos porões da ditadura vem acenando para a possibilidade de substituí-la por uma oportunista q, em matreira manobra, declarou ser contra a revisão da lei da anistia (q tirou da reta, há mais de trinta anos, os orifícios dos torturadores), não</p>	<p>Como o professor L P compartilhou o próprio texto, classificamos este <i>post</i> como ‘próprio’. O que chamou a atenção nas suas postagens foi o fato da linguagem ser propositalmente subversiva à norma padrão, pois todos os seus <i>posts</i> seguem o mesmo padrão:</p> <p>(i) Hibridismo: expressões coloquiais intercaladas à norma culta: <i>tirou da reta</i>; o</p>

<p>consegui resistir ao gesto cabotino (pelo qual peço perdão) de reproduzir o q escrevi diante dos movimentos do ano passado - q, entre várias reivindicações justas, pediam a cabeça de dilma.</p> <p>Mas, se a Dilma cair, observem bem, esteja certa de que cai bem tarde: como se segurou tão viva e ativa quem teve suas penas militares? como, me diz, chegar à presidência, depois de sevicada, clandestina? Se a Dilma cai, é desaparelhada.</p> <p>E como ri-se o povo aparvalhado: se a porrada for forte, não levanta, não, o filho caído, subterrâneo; se uma pedrada tão maldosa encanta, coitadinho do Brasil, boicotado. Se crê, então, em gesto extemporâneo: se esquece que a história é toda enganosa.</p>	<p>não uso de maiúsculas em início de frase e nomes próprios (<i>dilma</i>);</p> <p>(ii) Redução: <i>q</i> por <i>que</i>;</p> <p>(iii) Ironia e eufemismo: <i>tirou da reta, há mais de trinta anos, os orifícios dos torturadores</i>;</p> <p>(iv) Intertextualidade: o post e o poema estão inter-relacionados, complementando-se para a transmissão da mensagem.</p> <p>Os atos de fala são todos assertivos diretos, com exceção de um único expressivo (pedir perdão). Este ato expressivo é interessante pois visa a amenizar o que o autor julgou como presunção (<i>gesto cabotino</i>): compartilhar o próprio poema. Portanto, trata-se de uma estratégia de manutenção da face positiva.</p>
<p>13) K B R 13 de outubro de 2014 · Vitória ·</p> <p>Piada propaganda do Aécio dizendo que é a Dilma que quer dividir o país entre ricos e pobres, norte e sul etc. Será que ele se esqueceu que foi Fernando Henrique Cardoso, seu padrinho político, que disse que o voto dos nordestinos era "menos qualificado"? Realmente aposta na falta de memória do povo ou acha que pode virar um santo e fazer da Dilma um demônio? #contraoretrocesso</p>	<p>Este <i>post</i> foi escolhido por trazer um dos temas mais comentados no período eleitoral: o preconceito contra nordestinos e a suposta divisão do país (ricos x pobres; esquerda x direita; norte x sul).</p> <p>Os <i>posts</i> da professora K B R não apresentam desvios da norma padrão, tendo raros traços da oralidade e do DD. Neste caso, o único que aparece é o <i>hashtag</i> #<i>contraoretrocesso</i>.</p> <p>Os atos de fala são, majoritariamente, assertivos diretos e falsos – quando a mesma faz interrogações apresenta os fatos abaixo de maneira irônica: o ex-presidente Fernando Henrique disse que o voto dos nordestinos era menos qualificado; Aécio apostou na falta de memória do povo e na reparação da imagem de seu partido, através da manipulação de mídias de massa).</p>
<p>14) K B R 21 de outubro de 2014 · Vitória · Editado ·</p> <p>Muitas vezes não concordo com Rui Barbosa, mas preciso lembrá-lo agora: "A regra da igualdade não consiste senão em aquinhoar desigualmente aos desiguais, na medida em que se desigalam. Nesta desigualdade social, proporcionada à desigualdade natural, é que se acha a verdadeira lei da igualdade. O mais são desvarios da inveja, do orgulho ou da loucura. Tratar com desigualdade a iguais, ou a desiguais com igualdade, seria desigualdade</p>	<p>Neste <i>post</i>, quase todos os atos de fala são assertivos diretos e não há desvio da norma padrão. Há apenas um ato diretivo indireto, o qual pretende chamar a atenção do interlocutor: a expressão geralmente utilizada na linguagem oral <i>E olha que [...]</i>. Aqui temos um único caso de hibridismo.</p> <p>O que se destacou foi a intertextualidade com o texto de Rui Barbosa.</p>

<p>flagrante, e não igualdade real". E olha que ele estava longe de ser comunista!</p>	
<p>15) S Q 25 de outubro de 2014 ·</p> <p>Qual é a diferença entre um neoliberal e um progressista? Um neoliberal não consegue ver a importância de uma bolsa família, a menos que ganhe algo em troca! Um progressista verdadeiro investe no bolsa família pensando no todo, torcendo para que mais uma família seja incluída socialmente. Seja progressista. Seja Dilma 13!!!</p>	<p>Por fim, mais um <i>post</i> que traz um tema polêmico até a atualidade: a polaridade esquerda x direita.</p> <p>A pergunta inicial consiste em um ato diretivo indireto, pois pretende levar o interlocutor a refletir sobre a questão. Depois, o professor usa atos assertivos, como se já dando a resposta tentada para seu leitor, para então usar atos diretivos diretos, visando convencê-lo por fim a escolher Dilma a partir das ações consideradas progressistas e humanitárias.</p> <p>Não notamos traços da oralidade, o professor preocupa-se em seguir a norma padrão.</p>

9.2.2) Memes

Por fim, a última parte de nossa pesquisa consiste na análise dos memes comentados. Assim como nos *posts*, selecionamos 15 memes, de 10 sujeitos.

Meme	Análise
<p>1) A O compartilhou a foto de Este é um coxinha. 20 de outubro de 2014 ·</p> <p>Santo PSDBatman!</p> 	<p>Embora a frase não tenha verbo, possui caráter assertivo falso, pois visa ironizar o candidato do PSDB ao chamá-lo de santo; claramente o professor não acredita que Aécio seja ‘santo’.</p> <p>Portanto, a estratégia discursiva que chama atenção neste meme é a ironia. O meme ironiza o discurso de Aécio, o qual utilizou-se de pontos positivos do governo FHC (do mesmo partido, PSDB) na área da economia para convencer os eleitores de que seu partido é a melhor opção para a economia do país. Todavia, quando a então candidata Dilma cita pontos negativos do antigo governo FHC, Aécio modifica seu discurso e enfatiza o ‘olhar adiante’ e não para o passado. Esta incoerência foi motivo de ironia por parte dos eleitores do PT, pois o candidato utilizou esta estratégia discursiva em vários debates televisivos.</p> <p>A ironia também aparece nas fotos. Quando o candidato fala dos pontos positivos do passado, está</p>

	<p>sorrindo; quando questionado sobre os pontos negativos, tem uma expressão séria e preocupada.</p> <p>Por fim, quanto às estratégias formais, o professor cria um neologismo a partir da sigla do partido e do conhecido herói Batman, também ironizando o discurso do PSDB de se colocar como ‘herói salvador do país’.</p>
<p>2) A A compartilhou a foto de C B. 26 de outubro de 2014 ·</p> <p>Será gentche???Acho q não...</p>  <p>C B Podia virar pó de vez, não fará nenhuma falta à humanidade..... rrsrsr</p>	<p>Assim como nos outros <i>posts</i> do professor A A, a linguagem é coloquial, apresentando:</p> <ul style="list-style-type: none"> (i) Redução: <i>q</i> por <i>que</i>; (ii) Pontuação exagerada ou estilizada: ???,; (iii) Escrita fonética: <i>gentche</i>; (iv) Ausência da vírgula separando o vocativo <i>gentche</i>; (v) Ironia: um túmulo representando a morte simbólica de Aécio após as eleições; (vi) Intertextualidade: a ironia também é causada pela intertextualidade com o texto Bíblico; (vii) Referenciação e metáfora: ‘pó’ refere-se ao suposto envolvimento do candidato com tráfico de cocaína e boatos de que o mesmo seja usuário da droga. Isso também é uma estratégia para causar ironia. <p>Temos o ato de fala diretivo indireto seguido de um assertivo que, juntamente com a imagem, pretende levar o leitor a crer no envolvimento do candidato com o tráfico, e ironizar sua decadência.</p>
<p>3) A P compartilhou a foto de Brasil 247. 22 de outubro de 2014 ·</p> <p>Quando o povo da arte, os que mais lidam com sentimentos seguem uma direção é bom estar atentos.</p>  <p>Brasil 247 Liderados por Lobão, artistas se dizem perseguidos por “ditadura do PT” http://brasil247.com/+5e8qw Em evento que reuniu artistas em apoio ao candidato Aécio Ne...</p>	<p>Este consiste no único meme comentado a favor do candidato Aécio Neves. O meme traz a foto de Lobão, músico brasileiro que apoiou a candidatura de Aécio e incentivou movimentos contra o governo petista.</p> <p>No comentário do professor, nota-se a não preocupação com a norma padrão, apresentando alguns desvios, como o aposto não separado adequadamente por vírgula; ausência de concordância verbal (<i>estão atentos</i> ao invés de <i>estamos atentos</i>).</p> <p>Temos um ato assertivo direto (<i>seguem uma direção</i>) acompanhado de um diretivo indireto, pretendendo chamar atenção do interlocutor para o apelo de Lobão e dos artistas liderados por ele: <i>é bom estar atentos</i>.</p>

4) **E C** compartilhou a foto de **D G B**.
29 de outubro de 2014 · Editado ·

desnecessário repetir isso, mas parece que ALGUNS amigos meus cabularam as aulas de História



O meme e o comentário referem-se, indiretamente, à polêmica da polaridade de ‘dividir o país’ citada anteriormente. Muitos eleitores de Aécio demonstraram um discurso racista e preconceituoso (contra pobres dependentes do Bolsa Família e nordestinos), portanto, o meme pretendeu chamar atenção para grandes desastres e chacinas históricas que começaram com este tipo de discurso. Por isso, os atos de fala são todos assertivos diretos. As características do DD e da oralidade mais aparentes são:

- (i) Ausência de letra maiúscula em início de sentença;
- (ii) Hibridismo, *continuum*: ao mesmo tempo que o professor não usa a norma padrão, percebemos preocupação com o vocabulário (*cabular* é um verbo rebuscado para a expressão coloquial *matar aula*); a disciplina *História* aparece com inicial maiúscula, como pede a norma padrão.
- (iii) A palavra **ALGUNS** escrita em maiúsculas para enfatizar os sujeitos aos quais se destina, indiretamente, o *post*.

5) **E F** compartilhou a foto de **W K**.
11 de outubro de 2014 ·

Será que tem alguma verdade nisso? # Aecio13



Esta foi uma capa muito polêmica da revista Veja, pois a partir desta publicação as mídias alternativas e classes intelectuais começaram a debater mais enfaticamente acerca do jornalismo tendencioso de algumas mídias de massa. O comentário do professor E F é diretivo indireto, pois tenciona levar o leitor a questionar a veracidade da matéria e ironizar a integridade da revista equanto jornalismo. A ironia é também enfatizada pelo *hashtag* #Aecio13, quando o professor coloca o nome de Aécio com o número de Dilma, ou seja, pretende confundir e manipular o eleitor, assim como a revista.

6) **E F** compartilhou a foto de **Maurilio Costa**.
19 de outubro de 2014 ·

Me falem qual música dele posso gostar por favor. Quero conhecer logo para saber o que perdi até hoje!

Este meme também foi muito viralizado, com o intuito de ridicularizar o cantor Lobão por seu apoio a Aécio Neves. O meme traz a intertextualidade com uma frase que ficou conhecida, quando o cantor afirmou que iria morar em Miami, caso Dilma vencesse as eleições. Devido ao discurso elitista e sem fundamentação histórica de Lobão, cujos



Maurilio Costa Corrupção é com a PRIVATARIA TUCANA

Tidos juntos nesta Campanha... Dilma 13

apoiadores são em grande parte brancos das classes favorecidas, o cantor foi muito criticado pelos eleitores do PT e mídias alternativas.

No meme percebemos o neologismo *Aécioporto*, ironizando um fato polêmico envolvendo o candidato do PSDB: um aeroporto construído com dinheiro público em terras de sua família no estado de Minas Gerais, onde era prefeito, supostamente utilizado para fins particulares e tráfico de drogas.

O comentário do professor constitui um ato diretivo direto (*Me falem*), visando criar empatia com o interlocutor, usando a expressão *por favor*. A proposição seguinte se configura em um ato assertivo falso, o que completa o caráter irônico do comentário: o professor não possui a intenção de gostar de Lobão. Ele ‘brinca’ com o fato de que, por ser estrangeiro, não conhece o cantor.

7) E F compartilhou a foto de Chapolin Sincero. 29 de outubro de 2014 .

O trânsito deve melhorar! Logo! 😊 (ainda não chegou em Vitória!)



Chapolin Sincero
acho que sim

O meme, compartilhado pelo mesmo professor estrangeiro, faz as mesmas críticas acerca da polaridade e divisão do país entre ricos e pobres, ironizando o discurso das classes favorecidas de ‘irem para um lugar melhor caso Dilma vencesse’. *Chapolin Sincero* consiste em um perfil criado no Facebook para ironizar situações em foco e temas polêmicos atuais. O ‘herói atrapalhado e brincalhão’ Chapolin Colorado, da série de humor mexicana já extinta, é muito popular no Brasil.

O professor também é irônico, supostamente feliz com a saída do país dos eleitores que apoiaram Aécio. Em seu comentário encontramos hibridismo: as duas primeiras frases na norma padrão (início de frase com maiúsculas, pontuação adequada à norma), enquanto a sentença entre parênteses foge à norma, iniciando-se com letra minúscula e não referenciando o sujeito da frase). Pelo contexto, conseguimos perceber que ele se refere à melhoria no trânsito, a qual ainda não chegou à cidade de Vitória. Como traço mais evidente do DD temos o *emoticon* 😊.

8) E F compartilhou a foto de A D. 29 de outubro de 2014 .

O estado mínimo já está nas favelas! É mais simples assim?

O meme ironiza o discurso dos eleitores do PSDB que defenderam a volta da Ditadura Militar. O Estado Mínimo, traço forte da política neoliberal, também foi tentado no governo anterior do PSDB.

A ironia no meme é causada pela interjeição *Hey* e a gíria *reaça*, abreviação de *reacionário*, surgida no



André Donadia

Quem diria que o ideal de sociedade de pessoas mais conservadoras é a favela!

período eleitoral para ironizar os eleitores mais conservadores de Aécio. Através de um ato diretivo direto, o meme convida, ironicamente, os eleitores do PSDB (geralmente de classes favorecidas e elitizadas) a experienciar a realidade das favelas, geralmente controladas por traficantes de drogas e cenário de intervenções policiais. Esta realidade violenta supostamente se parece com as políticas de Estado as quais os eleitores defendiam, sem contudo refletir acerca de suas consequências.

A primeira proposição do professor é assertiva, visando confirmar o que está posto no meme. A segunda é diretiva indireta, pois pretende, ironicamente, convencer os cidadãos que pedem o Estado Mínimo e a Ditadura Militar que *é mais simples* ir viver nas favelas do que mudar o governo.

9) **E A S O** compartilhou a foto de Opinativa. 6 de outubro de 2014 .

Sou mineira e não voto em Aécio nunca. Se PT está ruim, PSDB com DEM (que mudou de nome de tão sujo que era o outro) muito pior.



Opinativa

Aécio não conseguiu eleger seu candidato Pimenta da Veiga em Minas Gerais, seu estado em que foi senador e governador, onde Fernando Pimentel do PT ganhou no primeiro turno!! Pra vocês perceberem como que quem conhece Aécio não vota nele!!

O comentário da professora é totalmente assertivo. Ela enfatiza o fato de ser mineira, ou seja, de origem do Estado governado por Aécio (Minas Gerais) e, por conhecer o governo estadual, não votaria nele para presidente. Não há desvios da norma padrão.

O meme é irônico quanto ao fato de um governador do PT ser eleito no estado governado pelo PSDB, ao mesmo tempo em que o PSDB critica duramente o governo petista.



É interessante notar que o lúdico e a ironia também são gerados pela imitação do sotaque mineiro na escrita, ou seja, a escrita fonética: *bão* por *bom*.

10) **E A S O** compartilhou a foto de C A. 11 de outubro de 2014 .

Com certeza...

Este meme foi escolhido por mostrar um exemplo de neologismo e *code-switching* muito popular na rede no período eleitoral. Muitos internautas passaram a escrever *Never* (*nunca*, em inglês), pela semelhança fonética *Neves* x *Never*, criando assim uma

	<p>estratégia lúdica e irônica ao mesmo tempo. Também é interessante notar que o meme é constituído pelas cores da bandeira petista.</p> <p>O comentário da professora, embora não tenha verbo, é assertivo por confirmar o conteúdo expresso no meme.</p>
<p>11) E A S O compartilhou a foto de Dilma Rousseff. 14 de outubro de 2014 ·</p> <p>Pelo menos isto eles não têm como apagar.</p>  <p>Dilma Rousseff FOLHA PROÍBE APOIO DE COLUNISTA A DILMA O jornalista Xico Sá, impedido de expressar seu apoio à reeleição de Dilma, pediu demissão da Folha de S.Paulo. Em seu ...</p>	<p>Este também foi um assunto que ganhou muita repercussão na rede, contribuindo para a polêmica acerca do jornalismo supostamente imparcial. Um grande jornal brasileiro, a Folha de São Paulo, impediu o renomado colunista Xico Sá de expor seu apoio a Dilma Rousseff. Por esta razão, o mesmo pediu demissão do jornal e levou o assunto à opinião pública.</p> <p>O comentário da professora, assertivo, enfatiza o fato do PSDB ser conhecido por esconder grandes escândalos com o apoio de algumas mídias de massa e/ou manipular informações. Por isso, a professora diz que <i>este assunto eles não têm como apagar</i>, uma vez que o próprio jornalista divulgou o ocorrido ao público.</p> <p>No comentário de Xico Sá encontramos a gíria <i>f*da</i>, o que significa neste contexto <i>muito bom, demais, ótimo</i>.</p>
<p>12) E A S O 26 de outubro de 2014 ·</p> <p>Por uma educação melhor!</p>	<p>No comentário da professora temos um ato assertivo (mesmo sem a presença do verbo), por confirmar a razão pela qual a mesma apoia Dilma. A expressão ‘Bom Dilma’, muito popular no período eleitoral, consiste em um neologismo de ‘Bom Dia’. Por se tratar de um ato expressivo (cumprimentar), juntamente com o <i>smiley</i> com as cores e a estrela, símbolos do PT, é uma estratégia lúdica e criativa, busca empatia e proximidade com o interlocutor.</p>

	
<p>13) K B R compartilhou a foto de Leoni Oficial. 12 de outubro de 2014 ·</p> <p>A-DO-REI!</p>  <p>Leoni Oficial Briguem as idéias, não as pessoas.</p>	<p>Este meme é interessante por fazer referência – intertextualidade – à um clássico do rock brasileiro, a música <i>Pais e Filhos</i> da banda <i>Legião Urbana</i>, cuja letra original diz <i>É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã</i>. O meme, de cunho diretivo indireto, visa amenizar as brigas e discussões geradas pelas diferenças ideológicas e pela escolha divergente de candidato.</p> <p>O comentário da professora, expressivo, complementa o intentado pelo meme. As letras maiúsculas e a hifenização enfatizam a expressividade da frase.</p>
<p>14) K B R compartilhou a foto de Banidos pela Direita. 16 de outubro de 2014 ·</p> <p>Perdoem o exagero, que até eu reconheço, mas ri muito e compartilho, com o único intuito de fazê-los rir também.</p>	<p>O meme traz conteúdo para muita discussão, mas tentaremos ressaltar o mais evidente: a referência ao filme <i>O Exterminador do Futuro 2</i> e a intertextualidade intergêneros – um meme criado com as características ou partir do cartaz do filme. A ironia e ludicidade são geradas por:</p> <ul style="list-style-type: none"> (i) O nome do filme: o fato de ser <i>O Exterminador do Futuro 2</i> nos lembra o primeiro governo do PSDB com Fernando Henrique Cardoso, que seria então <i>O Exterminador do Futuro 1</i>; (ii) A legenda <i>A Privatária Final</i> refere-se ao fato de o partido ter privatizado algumas estatais no governo FHC e ter tentado sucatear as Universidades Públicas para então privatizá-las (política neoliberal de privatizações); (iii) Abaixo no cartaz como patrocinadores temos as duas mídias de massa, a rede de TV Globo e a revista <i>Veja</i>, as quais foram tema de muita discussão quanto à manipulação de informações e parcialidade, a favor do PSDB. (iv) A direção por FHC provavelmente diz respeito ao apoio do antigo presidente à Aécio,



Banidos pela Direita
 Ele exterminou a educação em Minas, agora que
 fazer o mesmo no Brasil inteiro...

15) **K B R** compartilhou a foto de E V O.
 24 de outubro de 2014 · Editado ·

kkkkkkkkkkkkkkkkkk



Evandro Vieira Ouriques
 Assassinato de Odete Roitman: Lula e Dilma
 sabiam de tudo -O que será que a Veja vai
 inventar neste sábado, véspera de eleição?
 Mande sua capa para
desesperodaveja@gmail.com

obviamente por serem do mesmo partido e
 compartilharem o modelo neoliberal de
 governo;

- (v) Por fim, Aloysio Nunes e Armínio Fraga: o primeiro, foi presidente do Banco Central no governo FHC, quando a inflação teve altos índices e seria o Ministro da Fazenda caso Aécio fosse eleito; o segundo, candidato à vice-presidente.

Como nas demais postagens da professora, nota-se a preocupação em manter a norma padrão, não havendo desvios. A mesma inicia seu comentário com um ato expressivo (pedir perdão), o que demonstra o desejo de criar empatia com o interlocutor e manter a face, mesmo que o conteúdo do meme seja ofensivo para aqueles que defendem o candidato do PSDB e seus apoiadores. Os demais atos, assertivos diretos, justificam e explicam o porquê da postagem, com argumentos que também colaboram para a manutenção da face, junto com o ato expressivo.

O último meme foi selecionado por ser um exemplo de uma série de outros com a capa da revista Veja, ironizando muitas de suas matérias, quando divulgaram que os petistas Lula e Dilma estariam supostamente envolvidos em escândalos de corrupção (entre eles os desvios de verba da Petrobrás, o mais polêmico e com repercussão mundial) ou tinham conhecimento dos mesmos e não os denunciaram. Todavia, a revista não apresentava provas das acusações, o que gerou muitas críticas de mídias alternativas e eleitores petistas.

Devido ao jornalismo tendencioso apresentado pela revista e pela Globo, os eleitores de Aécio Neves começaram na rede uma série de acusações a Lula e Dilma, sem provas ou fundamentação, o que tornou-se tema de chacota entre os petistas.

A matéria principal, fictícia e irônica, refere-se a uma famosa novela brasileira da década de 80, quando a personagem-vilã Odete Roitman foi assassinada e a pergunta “Quem matou Odete Roitman?” se tornou um jargão, entrando no imaginário brasileiro até a atualidade, até mesmo daqueles que não assistiram à novela.

Assim como esta ‘capa’, muitas outras foram criadas pelos internautas, a fim de ironizar o fato de Lula e Dilma estarem sendo acusados de qualquer problema social, político etc, mesmo quando não

	<p>tinham nenhuma relação com os fatos. Neste exemplo notamos que há intertextualidade entre os gêneros meme e capa de revista.</p> <p>O ato expressivo da professora (rir), claramente demonstra ironia. Como já dito, a expressão <i>kkkkkkkkkk</i> em PB indica a escrita fonética para ‘risos’; pretende gerar um efeito similar ao acrônimo <i>lol</i> (<i>lots of laugh</i> ou <i>laughing out loud</i>, em inglês).</p>
--	--

Assim, chegamos ao fim de nossa exemplificação de alguns dos *posts* e memes com os temas mais comentados nas eleições presidenciais no Facebook, cujo foco foram os atos de fala e as características do Discurso Digital.

Conclusão

Nossa coleta de dados consistiu em um grande número de material para análise que, infelizmente, não caberia em um trabalho de mestrado. Por esta razão, selecionamos os *posts* que poderiam expressar uma visão mais panorâmica dos temas que geraram discussões politico-ideológicas no Facebook. Além disso, as estratégias linguísticas e criatividade dos *posts* também renderiam análises mais longas e aprofundadas, portanto optamos pelas mais comuns e presentes no dia-a-dia dos usuários das redes sociais de maneira geral.

Em suma, chegamos às seguintes considerações finais sobre o material analisado:

- (i) Os três gêneros preferidos pelos sujeitos, se destacando pelo grande número de postagens, consistiram, respectivamente em memes, *posts* ‘próprios’ e matérias jornalísticas; optamos pelos dois primeiros para análise do DD por serem exclusivamente virtuais. Também já era esperado que estes gêneros se sobressaíssem, justamente por serem gêneros específicos de redes sociais, *blogs*, SMS e aplicativos digitais;
- (ii) Embora o gênero matérias jornalísticas não tenha sido escolhido para a coleta de exemplos do DD, mereceu nossa atenção por ter aparecido em grande número e com grande riqueza de temas para debate;
- (iii) Como já pressentido pela natureza dos sujeitos e do *corpus* da pesquisa, os atos de fala mais recorrentes foram os assertivos. Nossa hipótese para este resultado reside no fato de que, por se tratar de um público mais escolarizado e crítico, tende a

expressar suas opiniões de maneira mais firme e confiante, buscando dados comprovados por pesquisas e argumentos mais sólidos – atestados historicamente, provenientes de fontes confiáveis e que fogem às mídias de massa. Ou seja, comprometem-se em maior grau com a verdade da proposição;

- (iv) Em seguida destacaram-se os atos diretivos, uma vez que os sujeitos pretendiam levar os interlocutores à prática de ações, a exemplo de: refletir criticamente sobre determinado assunto; buscar dados históricos e fatos comprovados; informar-se sobre determinada notícia; reconhecer a manipulação de mídias de massa; votar em Dilma Rousseff; etc;
- (v) Embora o Facebook seja uma rede aberta, marcada pela heterogeneidade discursiva de seus membros, neste caso, escolhemos um grupo restrito, a mesma classe socioprofissional. Por isso, os gêneros e os atos de fala mais utilizados demonstram uma dinâmica discursiva semelhante entre os sujeitos pesquisados;
- (vi) Dos 30 sujeitos, apenas 1 publicou um único meme comentado a favor do candidato Aécio Neves; portanto, não tivemos material para comparar de forma aprofundada as postagens a favor dos dois candidatos. A grande maioria das postagens (22) foram favoráveis à então candidata Dilma Rousseff e ao governo anterior de seu partido (PT), com o presidente Lula. A adoção da postura dos professores favoráveis ao PT possivelmente deve-se ao fato de que os mesmos, por serem da Rede Federal de Ensino, tenham sido prejudicados com a política neoliberal do antigo governo FHC. Neste período, havia pouco ou nenhum investimento nas Universidades e Institutos Federais, visto que o então presidente FHC e seu partido, PSDB, defendiam a política neoliberal do Estado Mínimo e privatizações;
- (vii) Entre as estratégias discursivas escolhidas para análise, percebemos que a ironia e a intertextualidade foram as mais comuns;
- (viii) Não foram encontrados *mock performatives*, pois não houve nenhuma ocorrência de atos de fala declarativos em todo o *corpus*.
- (ix) É importante destacar que nosso objetivo não foi discutir política de maneira aprofundada, por não se tratar de nosso campo de estudo. As questões políticas que surgiram serviram como ferramenta de apoio para a compreensão dos posts.

Por fim, estes foram os resultados gerais de nossa pesquisa. Além dos aspectos quantitativos e formais, reconhecidamente importantes, entendemos que a Análise do Discurso e a Pragmática

Linguística são fundamentais para a formação de cidadãos críticos, atentos às ‘artimanhas’ argumentativas que nos cercam. Muitas vezes elas passam despercebidas, permitindo a manipulação ideológica dos indivíduos e os levando a crer em ‘verdades’ criadas a partir das relações de poder e disseminadas pelos meios de comunicação e em nossa interação diária. Por esta razão, finalizamos nossa análise com o *post* abaixo de uma doutora em Língua Portuguesa:



Este meme nos chamou atenção por sua natureza ideológica, estando diretamente ligado à proposta da AD: a reflexão crítica sobre os conteúdos que chegam a nós através das diversas mídias impressas, televisivas e virtuais. O comentário da professora é de natureza diretiva indireta pois, através de uma pergunta, visa levar o leitor a ser mais reflexivo e defender a inserção da AD nos currículos escolares. A segunda proposição – embora assertiva pela fonte maiúscula e o ponto de exclamação, os quais tentam imitar um tom de voz mais alto, firme e agressivo – complementa o caráter diretivo de todo o ato de enunciação.

Fechando nosso estudo com esta reflexão, notamos como o Facebook influenciou imensamente as discussões nas eleições 2014, e continua a promovê-las em 2015, com embates ideológicos. Embora nosso *corpus* tenha se limitado aos dois meses mais ‘intensos’ de debates em 2014, os mesmos continuaram com o fim das eleições. Com a reeleição de Dilma Rousseff, os eleitores de Aécio Neves, influenciados pelas mídias de massa e alguns poderes de extrema direita, foram às ruas duas vezes em protesto pedir o *impeachment* da então presidente. Entretanto, tais protestos, fundamentados em argumentos sem provas (a exemplo do envolvimento do PT nos desvios de dinheiro da Petrobrás), preconceituosos, em defesa da ditadura militar e, muitas

vezes, com o uso de violência verbal, não ganharam autenticidade, chegando a ser motivo de ironia e chacota por grande parte de internautas e do jornalismo de esquerda.

Enfim, o que destacamos neste estudo foi – e ainda é – a influência do Facebook nesse momento político pelo qual passa o Brasil, que começou com as manifestações de 2013, transpassou as eleições de 2014, e continua até os dias atuais. Colocamos anteriormente a pergunta: o Facebook tem tornado as pessoas mais politizadas? A grande participação dos membros, as manifestações organizadas através da rede, a disseminação de memes e matérias jornalísticas, os comentários e debates ‘calorosos’ e as comunidades criadas a favor de um candidato ou partido – com seus respectivos posicionamentos ideológicos – indicam que sim.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Maria Clotilde. Usos recentes de *bué* em Angola e Portugal: a mudança linguística na perspectiva dos discursos dos jovens. In: **Pelas Oito Partidas da Língua Portuguesa**. Homenagem ao Professor João Malaca Casteleiro. Macau: Universidade de Macau. 2006. pp. 226-243.

ALMEIDA, Maria Clotilde. Youngspeak, subjectification and language change: the case of *bué*. In: ALMEIDA, Maria Clotilde; SIEBERG, Bernd; BERNANRDO, Ana Maria (Orgs.). **Questions on Language Change**. Lisboa: Colibri: 2008a. pp. 117-132.

ALMEIDA, Maria Clotilde. “*Iá*: ein “deutsches” Wort in der portugiesischen Jugendsprache. Wieso?” In: **Revista de Estudos Filológicos Alemanes**. v. 14, 2008. Sevilla: Fénix Editora. 2008b. pp. 221-231.

ALMEIDA, Maria Clotilde. “**Tu também fazes parte deste mundo**”: language-crossing aus kognitiver Sicht in Hanenberg, P. *et al.* (eds.), Kulturbau. Aufräumen, Ausräumen, Einräumen, Frankfurt/Bern: Peter Lang, 2010. pp. 121-138.

ALMEIDA, Maria Clotilde. **Iá-bué-shotgun-matrix**: a (small) road map to European Portuguese Youngspeak, Línguas Pluricêntricas; variação linguística e Dimensões Socio-cognitivas (Pluricentric Languages: linguistic variation and socio-cultural dimensions. Ed. Augusto Silva *et al.* Braga: Aletheia, 2011. pp. 627-638.

ALMEIDA, Maria Clotilde. Disfemismos vs. Eufemismos nas linguagens dos jovens em Portugal In: MERLAN, Aurélia; SCHMIDT-RADEFELT, Jürgen. (Orgs.). **Portugiesisch als Diasystem/O Português como Diassistema**. Frankfurt: Peter Lang, 2013. pp. 71-82.

ALMEIDA, Maria Clotilde; SOUSA, Bibiana. (no prelo-2015a). SMS e oralidade em Português Europeu. In: MEISNITZER, Benjamin *et al.*, hrsg, **Zwischen Sprechen und Sprache**, Frankfurt: Peter Lang, 2015.

ALMEIDA, Maria Clotilde; SOUSA, Bibiana. (no prelo-2015b). SMS and perpetual communication: evidences from the BICA-corpus. In: ALMEIDA, Maria Clotilde; SOUSA, Bibiana (Orgs.). **Discurso Digital/Digital Discourse**. Lisboa: Colibri, 2015.

ALMEIDA, Maria Clotilde; ROCHA, Diana. (no prelo-2016). Varieties of Portuguese in Contact on Facebook. In: MUHR, R. *et al.* (orgs.). **Pluricentricity of Spanish and Portuguese – new Concepts and Descriptions**. Frankfurt: Peter Lang.

ANDRADE, Mara Lúcia Fabrício. Gêneros e Tipos: uma aproximação. **Soletras**. Ano I, n. 02. São Gonçalo: UERJ, jul./dez. 2001. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/soletras/2/10.pdf>>. Acesso em jun 2015.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Líber Livro, 2008.

AUSTIN, John. **How to do things with words**. 2 ed. Oxford/New York: Oxford University Press, 1962.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997; 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1990.

BALDO, Alessandra. Gêneros discursivos ou tipologias textuais? **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. v. 2, n. 2, 2004. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_2_generos_discursivos_ou_tipologias_textuais.pdf>. Acesso em mai 2015.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Dialogismo, polifonia e intertextualidade**. 1. ed. São Paulo: EDUSP, 1994.

BARTON, David; LEE, Carmen. **Language Online: Investigating Digital Texts and Practices**. London: Routledge, 2013.

BLOM, Jan-Petter; GUMPERZ, John. O significado social na estrutura linguística: alternância de códigos na Noruega. In: RIBEIRO, Branca Telles e GARCEZ, Pedro. (Orgs). **Sociolinguística Interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso**. Porto Alegre: AGE, 1998. p. 31-56.

BONINI, Adair. Ensino de Gêneros Textuais: a questão das escolhas teóricas e metodológicas. **Trabalhos em Linguística Aplicada**. Campinas. v. 37. p. 7-23, Jan./Jun. 2001. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/tla/article/viewFile/2391/1842>>. Acesso em jul 2015.

CARDOSO, Silvia Helena Barbi. **Discurso e ensino**. Belo Horizonte: Autêntica/FALE-UFMG, 2005.

CARVALHO, Cristiano. **Presunções e ficções na imposição de sanções tributárias**. Instituto Brasileiro de Estudos Tributários (IBET). Disponível em: <<http://www.ibet.com.br/download/Cristiano%20Carvalho.pdf>>. Acesso em: ago 2015.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org). **Manual de Linguística**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p.141-155.

CHAGAS, Viktor *et. al.* **A política dos memes e os memes da política**: proposta metodológica de análise de conteúdo sobre memes dos debates nas Eleições 2014. VI Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (VI COMPOLÍTICA). RJ: PUC, 2015. Disponível em: <<http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2015/04/GT6-Chagas-et-al.pdf>>. Acesso em: jul 2015.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2012.

COELHO, Izete Lehmkuhl et al. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.
COSTA, Gláucia Rejane. A Força Illocucionária nos Atos de Fala do Gestar II. **Interdisciplinar: Revista de Estudos em Língua em Literatura**. Ano 5, v. 10. Universidade Federal de Sergipe, 2010. Disponível em:

<[http://200.17.141.110/periodicos/interdisciplinar/revistas/ARQ_INTER_10/INTER10 Pg 263 279.pdf](http://200.17.141.110/periodicos/interdisciplinar/revistas/ARQ_INTER_10/INTER10_Pg_263_279.pdf)>. Acesso em mai 2015.

DABROWSKA, Marta. **Variation in Language: Faces of Facebook English**. Frankfurt: Peter Lang, 2013.

Dicionário Informal. **Coxinha**. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/significado/coxinha/23941/>>. Acesso em jul 2015.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. 2008-2013. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/post>>. Acesso em jul 2015.

Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico. 2003-2015. Porto: Porto Editora. Disponível em: <<http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/posts>>. Acesso em jul 2015.

FERREIRA, Renato Luiz Atanázio. **Teoria dos Atos de Fala: Aspectos Semânticos, Pragmáticos e Normativos**. Relatório Final de Pesquisa PIBIC. Potífica Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2011.

GOMES, Eva de Mercedes Martins. O Fenômeno Anafórico e a Identidade de Referência. **Revista Estudos Linguísticos**. São Paulo, 37 (3): 149-158, 2008. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/37/EL_V37N3_14.pdf>. Acesso em mai 2015.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Sociolingüística cognitiva**. Propositiones, escólios y debates, Madrid: Iberoamericana, 2012.

FÁVERO, Leonor Lopes. **Coesão e Coerência Textuais**. 2ª Ed. São Paulo: Ática, 1993.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia**. São Paulo: Ática, 1983.

GERALDI, João Wanderley. Da redação à produção de textos. In: GERALDI, João Wanderley; CITELLI, Beatriz (Org.). **Aprender e ensinar com textos de alunos**. São Paulo: Cortez, 1997. p.17-23.

GERALDI, J. Wanderley. **Portos de passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

JACQUES, Maria da Graça. Identidade. In: JACQUES, Maria da Graça Corrêa *et al.* **Psicologia social contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 159-167.

KOCH, Ingedore; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, Ingedore. **O texto e a construção dos sentidos**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

LEE, Alison; POYNTON, Cate. **Culture & text: discourse and methodology in social research and cultural studies**. Lanham: Rowman and Littlefield Publishers, 1994.

LEE, Carmen K. M. Micro-blogging and Status Updates on Facebook: texts and practices. In: THURLOW, Crispin; MROCZEK, Kristine. (eds). **Digital Discourse**. Language in the New Media. Oxford: Oxford University Press, 2011. pp. 110-128.

LIMA, José Pinto de. **Pragmática Linguística**. Lisboa: Colibri. 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros Textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONISIO, Angela Paiva et al. (Orgs.) **Gêneros Textuais e Ensino**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARCHUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCHUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.

MILANEZI, Cynthia Nunes. **Práticas de Produção de Textos Escritos no Ensino Técnico Integrado ao Médio**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin, conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2008.

PASSOS, Marcus Vinícios Ferreira. **O gênero “meme” em propostas de produção de textos: implicações discursivas e multimodais**. Anais do SIELP. v. 2, n. 1. Uberlândia: EDUFU, 2012. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/07/volume_2_artigo_204.pdf>. Acesso em: jul 2015.

PEREIRA, Eunice Braga. Do letramento digital ao acadêmico: dinâmica interacional e práticas de escrita no Facebook. **Revista Linha D'Água**. São Paulo, v. 28, n. 1, p. 63-82, jun. 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/96988/98224>>. Acesso em jul 2015.

PINHEIRO, Petrilson Alan. Construções sócio-discursivas de gênero na Internet: novas práticas sociais de letramento. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. v. 5, n. 9, 2007. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_9_construcoes_socio_discursivas.pdf>. Acesso em mai 2015.

PINHEIRO, Petrilson Alan. Gêneros digitais construindo e sendo construídos por gêneros discursivos: repensando as práticas de letramento. In: **O Ensino de Português e as Novas Tecnologias**. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. São Paulo: USP. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/slp01/12.pdf>>. Acesso em jul 2015.

RIBEIRO, Branca Telles e GARCEZ, Pedro. (Orgs). **Sociolinguística Interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso**. Porto Alegre: AGE, 1998.

SARMENTO, Manuel Jacinto. O estudo de caso etnográfico em educação. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de Carvalho; VILELA, Rita Amélia (Orgs.). **Itinerários de**

pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

SEARLE, John. **Speech Acts: an essay in the philosophy of language**, Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

SEARLE, John. **Expression and Meaning: Studies in the Theory of Speech Acts**, Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

Significados Br. O que é coxinha? Disponível em: <<https://www.significadosbr.com.br/coxinha>>. Acesso em: jul 2015.

SILVA, Sílvia Ribeiro. **Gênero Textual e Tipologia Textual: colocações sob dois enfoques teóricos**. Publicações de Alunos de Graduação e Pós-Graduação do Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP. São Paulo, s/d. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/>>. Acesso em jun 2015.

STUTZ, Lidia; CACILHO, Marco Antônio. Material Apostilado em análise: gêneros digitais no ensino de Língua Portuguesa. **Revista Linha D'Água**. São Paulo, v. 28, n. 1, p. 121-135, jun. 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/97026/98228>>. Acesso em jul 2015.

THURLOW, Crispin. Fakebook: synthetic media, pseudo-sociality, and the rhetorics of Web 2.0. In: TANNEN, Deborah; TRESTER, Anna Marie. (Orgs.) **Discourse 2.0: language and new media**. Washington, DC: Georgetown University Press, 2013. pp. 225-249.

TORRES, Eduardo Cintra. **Facebook, o discurso da multidão**. Encontro Internacional Discurso Digital. Montijo, 2014.

VIEIRA, Tatiana de Santana; ZEN, Eliéser Toretta. **A identidade como metamorfose: Projeção entre o prescrito e o vivido**. In: *II SENEPT: Seminário Nacional de Educação Profissional e Tecnológica*. Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <http://www.senept.cefetmg.br/galerias/Anais_2010/Posteres/GT07/A_IDENTIDADE.pdf>. Acesso em jan 2015.

VIRTANEN, Tuija. Mock Performatives in Online Discussion Boards: toward a discourse-pragmatic model of computer-mediated communication. In: TANNEN, Deborah; TRESTER, Anna Marie. (Orgs.) **Discourse 2.0: language and new media**. Washington, DC: Georgetown University Press, 2013. pp. 155-166.

WEEDWOOD, Barbara. **História concisa da Linguística**. São Paulo: Parábola, 2002.

WEST, Laura; TRESTER, Anna Marie. Facework on Facebook: conversations on social media. In: TANNEN, Deborah; TRESTER, Anna Marie. (Orgs.) **Discourse 2.0: language and new media**. Washington, DC: Georgetown University Press, 2013. pp. 133-154.

WILSON, Victoria. Motivações Pragmáticas. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org). **Manual de Linguística**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 87-110.